

VIVA O VERDE SP

PLANO DE GESTÃO

PARQUE PARAISÓPOLIS - LOURIVAL CLEMENTE DA SILVA





Produto 3.1

Estrutura de gestão e manutenção das áreas verdes construídas, incluindo o Plano de Gestão de Parques previsto no Programa de Metas 2021-2024 do Município



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

Prefeito

Rodrigo Ravena

Secretário Municipal do Verde e Meio Ambiente

Carlos Eduardo de Vasconcellos

Secretário Adjunto

EQUIPE TÉCNICA DA PREFEITURA DE SÃO PAULO

Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA)

Tamires Oliveira

Chefe de Gabinete

Rodolfo Maiche

Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental

Oscar de Souza

Assessoria Jurídica (AJ)

Cleide Cremonesi

Assessoria de Comunicação (ASCOM)

Tatiana Coelho

Coordenação de Administração e Finanças
(CAF)

Christiane Ferreira

Coordenação de Licenciamento Ambiental
(CLA)

José Carlos Paludeto

Coordenação de Educação Ambiental (DEA)
e Universidade Aberta do Meio Ambiente e
Cultura de Paz (UMAPAZ)

Willian Agra

Coordenação de Fiscalização Ambiental
(CFA)

Liliane Arruda

Coordenação de Gestão dos Colegiados
(CGC)

Juliana Summa

Coordenação de Gestão de Parques e
Biodiversidade Municipal (CGPABI)

Rosélia Ikeda

Coordenação de Planejamento Ambiental
(CPA)

Ana Lúcia de Jesus

Núcleo de Desenvolvimento de Tecnologia
da Informação e Comunicação (NDTIC)



**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS
(ONU-HABITAT)**

Elkin Velasquez

Representante Regional para América Latina e o Caribe

Rayne Moraes

Chefe do Escritório do Brasil e Oficial a Cargo do Escritório do Cone Sul

Ana Elisa Larrarte

Daphne Besen

Gerentes de Programas

Fábio Donato

Julia Caminha

Julia Rabelo

Laura Collazos

Tiago Marques

Analistas de Programas

Giselle Mansur Batista

Pedro Araújo Patrício

Vivian Silva

Analistas de Dados

Aléxia Saraiva

Coordenadora de Comunicação & Advocacy

Flávia Scholz

Analista de Comunicação

Camila Nogueira

Designer Gráfica

Gabriela Gullich

Designer Gráfica Júnior

Claudia Bastos de Mello

Coordenadora Financeira

Adriana Carneiro

Carina Lucena

Carolina Oliveira

Analistas de Operações

Mariana Assad

Assistente de Operações

Jessica Blanco

Assistente Administrativa

Severino Marcelino de Azevedo

Motorista



EQUIPE TÉCNICA DO PROJETO VIVA O VERDE SP

Jordi Sánchez-Cuenca
Coordenador de Programas

Mateus Santos
Bruna Leite
Maria Fernanda Godoy
Carlos Sandler
Analistas de Programas

Guilherme Justino
Analista de Comunicação

Laura Figueiredo
Júlia Rocha
Assistentes de Programas

Tiago Lourenzi
Assistente de Dados

DESENVOLVIMENTO DOS PLANOS DE GESTÃO

Fernanda Lima
Consultora em Espaços Públicos

Adriana Quedas
Consultora em Meio ambiente

Conrado Vivacqua
Consultor em Arquitetura

Bianca Brasil
Consultora em Biologia

REVISÃO FINAL
Julia Caminha



LISTA DE SIGLAS

AI – Área de Influência
AMA – Atendimento Médico Ambulatorial
CADES - Conselho Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
CCA – Centro para Crianças e Adolescentes
CCM – Cadastro de Contribuintes Mobiliários
CDB – Convenção sobre Diversidade Biológica
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
CG – Conselho Gestor
CGC – Coordenação de Gestão dos Colegiados
CGPABI – Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal
CPA/SMPED – Comissão Permanente de Acessibilidade da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência
CPA/SVMA – Coordenação de Planejamento Ambiental da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente
CRAS – Centro de Referência da Assistência Social
DIPO – Divisão de Implantação de Projetos e Obras
DGPU – Divisão de Gestão de Parques Urbanos
DFS – Divisão de Fauna Silvestre
EA – Educação Ambiental
GCM – Guarda Civil Municipal
GR – Grupo de Referência
LGBTQIAPN+ – Lésbica, Gay, Bissexual, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não-binário e o sinal de “+” é usado para incluir outras identidades de gênero.
MEA – Avaliação Ecosistêmica do Milênio
ONU – Organização das Nações Unidas
ONU-Habitat – Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos
PCDs – Pessoas Com Deficiência
PDE – Plano Diretor Estratégico
PMMA – Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica
PMSA – Plano Municipal de Conservação e Recuperação de Áreas Prestadoras de Serviços Ambientais
SAPAVEL – Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres
SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados
SEHAB – Secretaria Municipal de Habitação
SEMPA – Secretaria Municipal de Planejamento
SIG – Sistemas de Informações Geográficas
SMADS – Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social
SMUL – Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento
SVMA – Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente
UBS – Unidade Básica de Saúde
UMAPAZ – Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz
UPA – Unidade de Pronto Atendimento



ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Elementos estruturantes de um Plano de Gestão.....	23
Figura 2 - Localização do Parque Paraisópolis no distrito da Vila Andrade, município de São Paulo.30	
Figura 3 - Zoneamento e ZEIS da região no entorno do Parque Paraisópolis	36
Figura 4 - Área do Parque Paraisópolis incluída no Perímetro de Ação 327 – Paraisópolis/Jd. Colombo/Itapaiuna, do Plano Regional de Campo Limpo.....	37
Figura 5 - Densidade Demográfica e Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, ambos de 2010.	38
Figura 6 - Sistema Viário no entorno do Parque Paraisópolis, e a classificação viária segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego – CET	39
Figura 7 - Entrada do parque, em frente ao condomínio de alto padrão, cujo acesso atualmente é fechado ao público.....	40
Figura 8 - Cercamento instalado pelos moradores para dificultar o acesso do parque.....	40
Figura 9 - Área de Influência (AI) do Parque Paraisópolis, em vermelho	43
Figura 10 – Entorno do Parque Paraisópolis	44
Figura 11 - Hipsometria do Parque Paraisópolis e seu entorno.....	51
Figura 12 – Início da trilha que chega próximo da nascente, em área fechada à visitação	54
Figura 13 – Vista da área de Mata Atlântica no Parque Paraisópolis.....	56
Figura 14 - Remanescentes de Mata Atlântica no Parque Paraisópolis	60
Figura 15 - Imagem aérea com delimitação das unidades de análise da vegetação do Parque Paraisópolis.....	61
Figura 16 - Tucano-de-bico-verde (<i>Ramphastos dicolorus</i>) e gavião-carijó (<i>Rupornis magnirostris</i>), em fotografias registradas no Parque Paraisópolis	64
Figura 17 - Diferentes modelos de sinalização interna do parque.....	74
Figura 18 – Diferentes modelos de sinalização interna do parque.	75
Figura 19 - Banners expostos com as regras do parque e informações gerais.....	75
Figura 20 - Área destinada a compostagem, reciclagem e modelo de lixeira.....	76
Figura 21 - Exemplos de diferentes modelos de lixeira no parque	76
Figura 22 - Modelos de bebedouros do parque e informação referente ao seu uso	77
Figura 23 - Imagens das principais edificações do parque.....	78
Figura 24 - Visuais das principais áreas do parque com equipamentos esportivos	78
Figura 26 - Registros de parte das áreas dedicadas aos equipamentos infantis.....	79
Figura 27 - Visual com destaque para os postes de iluminação	80
Figura 28 - Imagens dos principais elementos de repouso do parque.....	80
Figura 29 - Registros das áreas em que se realizam atividades de educação ambiental.....	81
Figura 30 - Tipos das oficinas	138
Figura 31 – Perfil das pessoas participantes que responderam o formulário (gênero e perfil étnico-racial).....	140
Figura 32 - Parte das pessoas participantes da oficina e equipe facilitadora	141
Figura 33 - Nuvem de palavras formada com as respostas para a pergunta “Qual é a importância desse parque para você?”	141
Figura 34 - Respostas à pergunta: “Você sente medo ao andar pelo parque sozinha/o?”	142



Figura 35 - Respostas à pergunta: “Existem espaços de descanso confortáveis para se sentar?” ..	143
Figura 36 - Respostas à pergunta: “Daria para andar com um carrinho de bebê ou cadeira de rodas no parque?”	144
Figura 37 – Respostas à pergunta: “Você sentiu falta de algum equipamento de lazer no parque?”	144
Figura 38 – Visualização das respostas à pergunta: “Quais equipamentos de lazer sentiu falta?” .	145
Figura 39 – Registros da caminhada perceptiva	145
Figura 40– Registro da atividade “Mapeamento Afetivo”	146
Figura 41 – Imagem ilustrativa da ferramenta “Árvore dos sonhos”	147
Figura 42 – Registros da atividade “Árvore dos sonhos”	147
Figura 43 – Crianças participantes da oficina e equipe facilitadora	148
Figura 44 – Nuvem de palavras da atividade “Roda de Sensibilização”	149
Figura 45 – Registros da atividade “Caminhada perceptiva”	149
Figura 46 – Registros da atividade “Nuvem de necessidades e chuva de Ideias”	150



ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Atividades participativas nas etapas do Plano de Gestão.....	27
Tabela 2 - Ficha introdutória do parque.....	29
Tabela 3 - Acessos e Cercamentos (1)	70
Tabela 4 - Estacionamento (2)	70
Tabela 5 - Caminhos (3).....	70
Tabela 6 - Esporte e Ginástica (4)	70
Tabela 7 - Infantil e Lúdico (5).....	71
Tabela 8 - Cultura e Multiuso (6)	71
Tabela 9 - Estar e Descanso (7).....	71
Tabela 10 - Edificações (9)	71
Tabela 11 - Distribuição dos custos de manutenção e operação do Parque Paraisópolis (valores em Real).....	88
Tabela 12 - Planos e programas ambientais e setoriais pertinentes.....	123
Tabela 13 - Planos ambientais transversais SVMA/PMSP	124
Tabela 14 - Distribuição anual dos períodos de coleta.....	128
Tabela 15 - Distribuição dos valores coletados em campo, normalizados pela variação e pela pontuação atribuída.....	129
Tabela 16- Pontuação dos dados coletados pela variação anual	130
Tabela 17 - Frequência de visitação das pessoas inscritas.....	139
Tabela 18 - Presença dos diferentes grupos de pessoas participantes registradas na lista de presença (em porcentagem)	139



ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 – Limites do Parque Paraisópolis	31
Mapa 2 – Uso do Solo Predominante.....	33
Mapa 3 – Cortiços, favelas e loteamentos irregulares.....	34
Mapa 4 – Sistema viário no entorno do parque e identificação do sistema cicloviário	41
Mapa 5 – Sistema viário no entorno do parque e identificação das faixas exclusivas de ônibus e pontos de ônibus	42
Mapa 6 - Mapeamento dos equipamentos públicos do Território-Parque	45
Mapa 7 - Equipamentos de Assistência Social do Território-Parque	46
Mapa 8 - Equipamentos Educacionais do Território-Parque.....	47
Mapa 9 - Equipamentos de Esportes do Território-Parque.....	48
Mapa 10 - Equipamentos de Saúde do Território-Parque.....	49
Mapa 11 – Declividades no Parque Paraisópolis e entorno	52
Mapa 12 - Bacia hidrográfica do Rio Pinheiros e Microbacias	55
Mapa 13 – Remanescentes de Mata Atlântica no entorno do Parque Paraisópolis.....	57
Mapa 14 – Vegetação significativa no entorno do Parque Paraisópolis	58
Mapa 15 – Cobertura vegetal no entorno do Parque Paraisópolis.....	59
Mapa 16 - Equipamentos e espaços internos no Parque Paraisópolis	69
Mapa 17 – Setorização do Parque Paraisópolis.....	83



GLOSSÁRIO

Áreas de risco ambiental: regiões habitadas com pessoas expostas a desastres naturais, como deslizamentos de terra e inundações (PLANPAVEL, 2022).

Área Protegida: área com características naturais relevantes e limites geográficos definidos, regulamentada e gerida por instrumentos legais, com o objetivo de promover, de forma duradoura, a recuperação ambiental, a conservação da natureza, de seus serviços ecossistêmicos e valores culturais associados (PLANPAVEL, 2022).

Área Verde: conjunto de áreas intraurbanas e rurais, públicas ou privadas, que apresentam cobertura vegetal, arbórea, arbustiva ou rasteira e que desempenham função ecológica, paisagística e recreativa. São prestadoras de serviços ecossistêmicos e propiciam a melhoria da qualidade estética, funcional e ambiental da cidade (PLANPAVEL, 2022).

Biodiversidade ou diversidade biológica: consiste na variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; compreende ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas (Lei Federal nº 9.985/2000, Art. 2º, inciso III).

Caminhadas perceptivas: são uma prática que envolve explorar um ambiente com foco na percepção individual. Durante essas caminhadas, as pessoas são encorajadas a prestar atenção aos detalhes ao seu redor e a refletir sobre suas respostas a esses estímulos.

Ciclofaixa: faixa de rolamento de uso exclusivo à circulação de ciclos, com segregação visual ou física do tráfego lindeiro, podendo ter piso diferenciado no mesmo patamar da pista de rolamento. (Decreto Municipal nº 56.834/2016 - Anexo único PlanMob/SP).

Ciclovia: pista de uso exclusivo de bicicletas e outros ciclos, com segregação física do tráfego lindeiro motorizado ou ativo, com sinalização viária, podendo ter piso diferenciado no mesmo patamar da pista de rolamento ou no nível da calçada. (Decreto Municipal nº 56.834/2016 - Anexo único PlanMob/SP).

Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES Regional): conselho existente no âmbito de cada Subprefeitura de São Paulo, de natureza participativa e consultiva em questões relacionadas à proteção do meio ambiente, à promoção do desenvolvimento sustentável e da cultura de paz (Lei Municipal nº 14.887/2009, Art. 51).

Conselhos Gestores dos Parques Municipais: compostos pelo Poder Executivo e sociedade civil, participam do planejamento, gestão, avaliação e controle da execução das atividades do parque e da política de meio ambiente e sustentabilidade em sua área de abrangência (Lei Municipal nº 15.910/2013, Arts. 1º e 4º).

Conservação: Este termo é amplamente utilizado em várias áreas, como meio ambiente, biologia, física e patrimônio cultural. Na biologia, a conservação refere-se à proteção das



espécies, habitats e ecossistemas para evitar a extinção e a degradação ambiental. No campo do patrimônio cultural, conservação envolve a preservação de objetos, obras de arte, edifícios históricos e outros bens culturais para assegurar que sejam transmitidos para as gerações futuras com o mínimo de alterações (SILVA, 2020).

Conservação da natureza: manejo do uso humano da natureza, compreendendo preservação, manutenção, utilização sustentável, restauração e recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral (Lei Federal nº 9.985/2000, Art. 2º, Inciso II).

Corredores ecológicos: são porções de ecossistemas naturais ou seminaturais que ligam unidades de conservação, possibilitando entre elas o fluxo de genes e o movimento da biota, facilitando a dispersão de espécies e a recolonização de áreas degradadas, bem como a manutenção de populações que demandam para sua sobrevivência áreas com extensão maior do que aquela das unidades individuais (Lei Federal nº 9.985/2000, Art. 2º, inciso XIX).

Corredor Verde: área destinada a conexão de fragmentos da paisagem, inclusive ao longo dos cursos hídricos, para conservação e recuperação de habitats da fauna e flora e a manutenção da biodiversidade, por meio da preservação e recuperação da cobertura vegetal arbórea e não arbórea (PLANPAVEL, 2022).

Educação Ambiental: processos contínuos e permanentes de aprendizagem, participação e formação, individual e coletiva, utilizando metodologias participativas e interdisciplinares para a ação reflexiva e crítica, a construção de valores, saberes, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, visando ao exercício da cidadania na melhoria da qualidade de vida, no controle social sobre as políticas públicas, fortalecendo uma relação respeitosa e sustentável da sociedade humana com o ambiente que a integra e por ela é constituído, criando a partir disso uma ética para a preservação do meio ambiente e contribuindo para uma gestão municipal integrada (Política Municipal de Educação Ambiental de São Paulo, Lei Municipal nº 15.967/2014, Art. 2º).

Equidade: refere-se à justa distribuição de oportunidades, recursos e benefícios, considerando as diferentes necessidades e circunstâncias das pessoas. A equidade vai além da igualdade, implica tratar todas as pessoas de maneira idêntica e busca compensar o histórico de discriminação social ou econômica que alguns grupos enfrentam (adaptado de ONU, 2022).

Espaços inclusivos: são os espaços públicos ou coletivos definidos por três eixos: espacial, social e econômico. Inclusão espacial: atendimento às necessidades básicas e acessíveis, como moradia, água e saneamento. Inclusão social: garantia de direitos iguais e participação de todos. Inclusão econômica: criação de empregos e oportunidades onde todos possam aproveitar os benefícios do crescimento econômico (adaptado de WORLD BANK, 2024).



Espaço livre: todo espaço público ou privado não ocupado por um volume edificado, que configura recinto ou ambiente coberto e fechado, independentemente do uso, podendo ou não estar associado a áreas verdes, mas não restrito a elas, e que cumpre funções recreativas, educativas, ecológicas, estéticas, paisagísticas e de conforto ambiental associado à insolação, circulação do ar e temperatura (PLANPAVEL, 2022).

Espaço público: Locais urbanos que fornecem serviços ecossistêmicos, melhoram a saúde e o bem-estar, garantem a inclusão social e o intercâmbio econômico. Pode ser entendido, também, não apenas um lugar físico onde as pessoas se encontram, mas é também um palco para interações sociais, econômicas e políticas. Pode ser inclusivo ou excludente, de conflito ou negociação, de interação e de convivência. O espaço público é constantemente produzido e reproduzido pelas práticas sociais. Ele é moldado pelas ações das pessoas e das instituições, refletindo a dinâmica social e econômica de uma sociedade. (adaptado de ONU, 2024 e SANTOS, 1996).

Espécie exótica: espécie, subespécie ou táxon de hierarquia inferior ocorrendo fora de sua área de distribuição natural passada ou presente. Inclui qualquer parte, como gametas, sementes, ovos ou propágulos que possam sobreviver e subsequentemente reproduzir-se. (Instrução Normativa Ibama Nº 9 de 20 de março de 2020, Anexo II, Art. 2º).

Espécie nativa: espécie, subespécie ou táxon de hierarquia inferior ocorrendo dentro de sua área de distribuição natural (passada ou presente), incluindo a área que pode alcançar e ocupar através de seus sistemas naturais de dispersão (Instrução Normativa Ibama Nº 9 de 20 de março de 2020, Anexo II, Art. 2º).

Governança pública: conjunto de mecanismos de liderança, estratégia e controle postos em prática para avaliar, direcionar e monitorar a gestão, com vistas à condução de políticas públicas e à prestação de serviços de interesse da sociedade (Lei Federal nº 9.203/ 2017, Art. 2º, Inciso I).

Grupos vulnerabilizados: segmentos da população que enfrentam barreiras significativas para acessar direitos e serviços fundamentais devido a fatores institucionais, políticos, estruturais ligados de maneira interseccionada pela exclusão social, desigualdade econômica, entre outros. Trata-se de mulheres e meninas, crianças, pessoas idosas, pessoas com deficiência, pessoas LGBTQIAPN +, povos indígenas e minorias étnicas, pessoas refugiadas, migrantes e deslocadas internas.

Hortas urbanas: pequenas superfícies situadas dentro de uma cidade e destinadas à produção de cultivos para consumo próprio ou venda em mercados (PLANPAVEL, 2022).

Inclusão: refere-se ao processo de garantir que todas as pessoas, independentemente de sua origem, tenham oportunidades iguais para alcançar seu potencial máximo na vida. Este conceito abrange a participação ativa em várias esferas da sociedade, incluindo política, economia e vida social, e é apoiado por políticas e ações que promovem o acesso igualitário a serviços públicos e processos decisórios (ONU, 2007).



Identidade de gênero: refere-se à experiência interna e individual de gênero de uma pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído ao nascimento. Esta identidade inclui a percepção pessoal de si mesmo como homem, mulher, ambos, nenhum ou outro gênero (ONU, 2020).

Interseccionalidade: é a ideia de que múltiplas formas de opressão, discriminação ou desvantagens se sobrepõem e se cruzam, especialmente nas experiências de pessoas marginalizadas. Em vez de considerar cada forma de opressão de forma isolada, a interseccionalidade reconhece que as pessoas podem ser afetadas por várias formas de opressão simultaneamente, criando experiências únicas e complexas de discriminação (CRENSHAW, 1989).

Manejo: todo e qualquer procedimento que vise assegurar a conservação da diversidade biológica e dos ecossistemas (Lei Federal nº 9.985/2000, Art. 2º, inciso VII).

Monitoramento: atividade de examinar, acompanhar, avaliar e verificar a obediência a condições previamente estabelecidas para a perfeita execução ou operação de obra, serviço, projeto, pesquisa ou qualquer outro empreendimento (Resolução do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil - CAU/BR nº 21 de 5 de abril de 2012, Anexo I).

Mudança do clima: direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altera a composição da atmosfera mundial, e se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis (Lei Municipal nº 14.933/2009, Art. 2º, Inciso XIV).

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) municipais: parâmetros orientadores e estratégicos das atividades, intervenções governamentais e políticas públicas para segurança alimentar e agricultura, saúde, educação, redução das desigualdades e erradicação da pobreza, energia, água e saneamento, padrões sustentáveis de produção e de consumo, mudança do clima, cidades sustentáveis, proteção e uso sustentável dos ecossistemas, crescimento econômico inclusivo, infraestrutura e industrialização, governança, e meios de implementação, a partir da adoção da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (Lei Municipal nº 16.817/2018, Art.1º).

Parque de Conservação: parque dotado de atributos naturais relevantes, podendo ou não comportar estruturas e equipamentos voltados ao lazer e à fruição pública (PLANPAVEL, 2022).

Parque Linear: parque associado aos cursos d'água com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos, de proteger e recuperar Áreas de Preservação Permanente, de promover a drenagem sustentável, de melhorar as condições de saneamento e de incentivar a fruição pública (PLANPAVEL, 2022).

Parque Natural Municipal (PNM): Unidade de Conservação de Proteção Integral criada pelo município, correspondente ao Parque Nacional, que tem como objetivo básico a preservação



de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, vedado o uso direto dos recursos naturais e permitida a realização de pesquisas científicas, o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico (Lei Municipal nº 16.050/2014, Quadro 1).

Parque de Orla: parque localizado na orla das represas Billings ou Guarapiranga com funções de preservação das margens, de controle da poluição difusa, de lazer, recreação e prática de esportes náuticos (PLANPAVEL, 2022).

Parque Urbano: parque localizado na zona urbana, com a finalidade de conservar e recuperar atributos naturais, de prover serviços ecossistêmicos e de oferecer equipamentos de lazer à população (PLANPAVEL, 2022).

Pessoa não binária: Não binário é um termo guarda-chuva que abrange uma ampla variedade de experiências de gênero, incluindo pessoas que se identificam com uma identidade de gênero específica diferente de homem ou mulher, pessoas que se identificam com dois ou mais gêneros (bigênero ou pan/poligênero) e pessoas que não se identificam com nenhum gênero (agênero) (adaptado de ONU, 2005).

Zoneamento: pode ser definido como um conjunto de regras que regulamentam o uso e ocupação do solo, estabelecendo parâmetros como a altura máxima das edificações, a densidade demográfica, os recuos obrigatórios, e os usos permitidos (residencial, comercial, industrial, etc.) (SÃO PAULO, 2014).



SUMÁRIO

1. Introdução	17
2. Parques Urbanos Municipais	19
2.1. Legislação aplicável	19
3. O que são Planos de Gestão? E por que são importantes?.....	23
3.1. Metodologia	24
3.1.1. Base teórica do Processo Participativo	25
3.1.2. Base operacional do Processo Participativo	26
4. Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva: Informações gerais	29
5. Contexto urbano.....	30
5.1. Ocupação e Uso do Solo	32
5.2. Estrutura socioeconômica	38
5.3. Eixos viários e Mobilidade.....	39
6. Território-Parque	43
6.1. Caracterização do Território-Parque	44
6.2. Desafios e Oportunidades.....	50
7. Caracterização do Parque Paraisópolis	50
7.1. Atributos naturais.....	50
7.1.1. Relevo.....	51
7.1.2. Solo.....	53
7.1.3. Água	54
7.1.4. Vegetação	56
7.1.5. Fauna.....	63
7.1.6. Serviços ecossistêmicos	65
7.2. Usos identificados	68
7.2.1. Equipamentos e Espaços Internos.....	68
7.2.2. Regulamento.....	72
7.2.3. Avaliação das pessoas usuárias	72
7.2.4. Análise dos usos atuais	73
8. Setorização.....	82
9. Gestão.....	84
9.1. Os Conselhos de Meio Ambiente.....	84
9.2. Custos de manutenção	87
10. Plano de Ação	88
10.1. Definição de Prazo e Prioridade	89
10.2. Desejos de futuro.....	90
10.3. Quadro de diretrizes	91
10.4. Quadro de ações e de monitoramento	110
10.5. Planos, programas e projetos	122
10.6. Parcerias	126
11. Sistema de monitoramento e avaliação.....	126
11.1. Monitoramento geral dos principais aspectos do parque	127
12. Referências Bibliográficas	132
Anexo I: Processo participativo do Plano de Gestão.....	136



1. Introdução

De 2005 até a presente data, houve um aumento expressivo de parques urbanos no município de São Paulo passando de 34 para mais de 110 – aumento esse impulsionado entre 2007 e 2013 pelo “*Programa 100 (cem) Parques para São Paulo*”. O salto quantitativo, entretanto, trouxe à gestão pública uma série de responsabilidades com outras tantas necessidades, como: a) avaliar as condições e os usos dos parques; b) melhorar a qualidade dos parques implantados; c) aprimorar a gestão municipal dos parques e do sistema de áreas protegidas, áreas verdes e espaços livres; d) capacitar e treinar os servidores e servidoras públicos, bem como a sociedade civil na avaliação, proposição de melhorias e gestão dos parques municipais.

A implementação de Planos de Gestão pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) não é em si uma novidade, outros documentos com a elaboração conduzida por gestores de parque foram produzidos ao longo do tempo e são diversos os documentos que, de maneira mais sintetizada ou mais aprimorada, estabeleceram diretrizes e recomendações para a gestão por parte do poder público e promoveram o ordenamento dos espaços de uso público dos parques.

Esses documentos também ganharam outros nomes como “Plano de Ocupação”, “Plano Diretor”, “Relatório Propositivo de Uso Público”, a depender do olhar traçado pela equipe técnica envolvida e com diferentes abordagens considerando mais, menos ou nenhuma participação da sociedade civil.

Assim, é possível afirmar que os planos já produzidos para os parques municipais tiveram como centralidade a perspectiva da administração e foram formulados a despeito de haver um conselho gestor ativo e qualquer demanda oficial, seja para nortear concessões privadas seja como documento necessário para atender as metas da gestão pública. Entre os documentos recentemente publicados, estão:

- 2018: Relatório propositivo de uso público do parque São José e Guarapiranga, elaborado pela SVMA/UMAPAZ;
- 2019: Planos Diretores dos parques concessionados Eucaliptos, Tenente Brigadeiro Faria Lima, Ibirapuera, Jacintho Alberto, Jardim Felicidade, Lageado, e, elaborados pela SVMA;
- 2020: Plano Diretor do Parque Burle Marx, elaborado pela Fundação Aron Birmann;
- 2021: Planos Diretores dos parques concessionados Mário Covas e Trianon, elaborados pela SVMA;
- 2024: Planos de Gestão dos Parques da Orla da Represa Guarapiranga, elaborado pela SVMA.

Em 2022, a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo e o ONU-Habitat firmaram um “Acordo de Contribuição”. O acordo estabelece que diferentes equipes técnicas, interdisciplinares e especializadas, colaborem com produtos, ferramentas e documentos de



gestão que tenham como foco promover a sustentabilidade urbana e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos por meio da valorização e preservação de áreas verdes na cidade.

Esses produtos tomam corpo na iniciativa nomeada “Viva o Verde SP” e, entre si, possuem uma característica comum: encontros formativos e o diálogo frequente entre a administração pública e a sociedade civil – que constrói pontes, fomenta nexos e parcerias.

O projeto visa i) a distribuição equitativa de espaços verdes públicos na cidade; ii) a melhoria das estruturas municipais para a gestão dos parques; iii) a ampliação da visibilidade internacional das políticas de São Paulo.

A escolha dos parques se pautou na previsão destes no Plano Diretor Estratégico (PDE) do Município de São Paulo (Lei 16.050/2014) e na meta 62 do Plano de Metas de governo (2021-2024), onde a prefeitura se comprometeu a implantar oito novos parques e, concomitantemente, criar seus conselhos gestores e planos de gestão. Os parques que recebem os planos de gestão através da iniciativa são: Água Podre – Ypuera, Alto da Boa Vista, Aristocrata, Augusta – Bruno Covas, Córrego do Bispo, Fazenda da Juta, Jardim Apurá – Búfalos e Paraisópolis – Lourival Clemente da Silva.

No contexto da implementação das concessões públicas em São Paulo, os planos de gestão se tornaram uma exigência do Ministério Público para os parques do município. Esses documentos, além de atenderem a uma necessidade legal, surgem como instrumentos animadores da participação social local quando esse parque está por nascer ou foi recém-inaugurado. O recado que se quer transmitir é o de que a participação social não está restrita às etapas seguintes ao parque aberto, mas pode também compor como um nutriente a mais quando inserida em um planejamento mais amplo, colaborativo e participativo.

A intenção deste produto é, portanto, garantir que todos os parques tenham instrumentos adequados de gestão que subsidiem a estrutura de governança e a) sirvam de guia para os funcionários públicos; b) sirvam como mecanismo de controle social por parte da sociedade civil; c) permitam a continuidade de políticas, programas, projetos e iniciativas para os parques.

Dessa forma, inicialmente o plano apresenta uma contextualização breve sobre a importância e a localização do parque dentro do município. Em seguida, faz uma caracterização urbano-ambiental abrangente, abordando tanto os atributos naturais do parque em seu interior quanto a relação do parque com as áreas circundantes, denominadas de “Território Parque”.

Além disso, o plano também compila e analisa as legislações relevantes, que podem ser úteis e aplicáveis para a gestão administrativa e compartilhada do parque, proporcionando um entendimento jurídico necessário para a tomada de decisões. Por fim, o documento propõe diretrizes e ações que visam a manutenção e melhoria do parque, fundamentadas em discussões coletivas, estimulando que as ações futuras estejam alinhadas com as necessidades e aspirações da sociedade civil.



2. Parques Urbanos Municipais

Os primeiros parques urbanos surgiram na segunda metade do século XVIII na Europa e Estados Unidos como resposta ao processo de expansão das cidades, visando oferecer lazer e entretenimento à população urbana. Durante a Revolução Industrial, já no século XIX, esses espaços foram concebidos com uma aura nostálgica, evocando a paisagem natural perdida durante o êxodo rural-urbano provocado pela industrialização. No Brasil, os parques urbanos surgiram na primeira metade do século XIX, seguindo o modelo europeu, inicialmente acessíveis apenas às elites, reforçando a segregação socioespacial decorrente do sistema escravista que caracterizava a época (SILVA, 2003). O primeiro parque urbano da cidade de São Paulo foi o Jardim da Luz, frente à estação da Luz, inaugurado em 1825.

O conceito do lazer, nas dinâmicas urbanas do século XX se reconfigurou, desde um lazer submetido a um controle social das concepções higienistas de cidade até processos de redemocratização e cidadania observados. Quase dois séculos depois da inauguração do parque Jardim da Luz, as políticas públicas municipais de São Paulo seguem um modelo de desenvolvimento urbano contemporâneo que prioriza o bem-estar coletivo, sem excluir as camadas mais pobres da população da cidade. Num contexto de escassez de espaços verdes públicos, os parques se tornaram espaços de reivindicação pelo direito ao lazer e à cidade (PACHECO, 2014).

Os parques urbanos da Cidade de São Paulo são diversos em tamanho, forma e função. Eles oferecem um conjunto de benefícios à população, como a preservação de fauna e flora e dos recursos hídricos, a regulação do microclima e a qualidade do ar, além de promover a recreação e a sociabilidade. Assim, o uso público dos parques difere-se de outros espaços públicos, pois integra a ele a conservação ambiental (KLIASS apud LIMA, 2021).

Em São Paulo, considerando o rápido crescimento urbano e a desigualdade social, esses espaços públicos refletem as dinâmicas e desafios da cidade e, em certos setores da cidade, representam uma das escassas áreas verdes ou espaços livres e públicos com vocação para a recreação, contemplação e valorização da urbanidade.

2.1. Legislação aplicável

A elaboração de um Plano de Gestão para um parque urbano precisa estar em consonância com diversas legislações de ordenamento urbano e normas administrativas para garantir sua eficácia, legalidade e sustentabilidade. Este alinhamento é crucial para que o parque não só atenda às necessidades da população, mas também respeite as diretrizes ambientais, urbanísticas e administrativas estabelecidas pelo município.

No caso do Parque Paraisópolis, em ordem de priorização, destaca-se as seguintes normas de incidência no parque:

- Plano Diretor Municipal - Revisão Intermediária (Lei Municipal nº 17.975/2023);



- Plano Regional da Subprefeitura de Campo Limpo: Perímetro de Ação 327 – Paraisópolis/Jd. Colombo/Itapaiuna (PMSP, 2016).

Abaixo lista-se outras normas consideradas úteis para a gestão dos parques urbanos municipais:

Legislação Federal

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: é a lei fundamental e suprema do Brasil, estabelecendo os direitos e deveres dos cidadãos e as funções dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. No que tange ao meio ambiente, o artigo 225 da Constituição trata de sua proteção, impondo ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.
- Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA) - Lei nº 6.938/1981: tem como objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no país, condições de desenvolvimento socioeconômico, interesses da segurança nacional e proteção da dignidade da vida humana. Estabelece os princípios, objetivos e instrumentos para a política ambiental no Brasil, incluindo a criação do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)
- Política Nacional sobre a Mudança do Clima (PNMC) - Lei nº 12.187/2009: estabelece os princípios, objetivos, diretrizes e instrumentos para a implementação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento das mudanças climáticas no Brasil. A lei tem como foco principal a mitigação das emissões de gases de efeito estufa e a adaptação do país aos impactos das mudanças climáticas, em alinhamento com os compromissos internacionais assumidos pelo Brasil.
- Lei da Mata Atlântica - Lei nº 11.428/2006: dispõe sobre a utilização e proteção da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica, considerado um dos mais ricos em biodiversidade e um dos mais ameaçados do mundo. A lei define os tipos de vegetação que podem ser explorados, as condições para essa exploração, e estabelece normas para a recuperação de áreas degradadas. Além disso, busca a preservação de remanescentes de vegetação nativa e incentiva a recuperação e o uso sustentável dos recursos naturais.
- Código Florestal - Lei nº 12.651/2012: regula a preservação e o uso da vegetação nativa em propriedades rurais e estabelece normas sobre as Áreas de Preservação Permanente (APPs) e as Reservas Legais. Ele estabelece obrigações para os proprietários rurais no que diz respeito à proteção dos recursos hídricos, à conservação da biodiversidade, ao combate ao desmatamento ilegal e à promoção do uso sustentável das florestas.
- Lei nº 13.019/2014: estabelece o regime jurídico das parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco.



Legislação Estadual

- Lei Estadual da Mata Atlântica (São Paulo) - Lei nº 14.982/2013: lei específica do Estado de São Paulo que regulamenta a proteção e a restauração da vegetação nativa do Bioma Mata Atlântica no estado. A lei define as regras para a supressão de vegetação, medidas de compensação ambiental, e incentiva a recuperação de áreas degradadas. Além disso, regula a exploração sustentável dos recursos naturais, buscando a preservação do bioma no âmbito estadual.

Legislação Municipal (Leis Municipais)

- Lei Municipal nº 16.703/2017: disciplina as concessões e permissões de serviços, obras e bens públicos no âmbito do Plano Municipal de Desestatização (PMD).
- Lei Municipal nº 15.910/2013: dispõe sobre a criação e organização de Conselhos Gestores dos Parques Municipais.
- Lei Municipal nº 14.887/2009: reorganiza a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) e dispõe sobre o quadro de cargos e conselhos relacionados.
- Lei Municipal nº 14.517/2007: institui o Programa Municipal de Parcerias Público-Privadas, cria a Companhia São Paulo de Parcerias (SPP) e dá outras providências.
- Lei Municipal nº 14.223/2006 - "Cidade Limpa": dispõe sobre a ordenação dos elementos que compõem a paisagem urbana do Município de São Paulo.
- Lei Municipal nº 11.509/1994: determina o uso de pisos drenantes em passeios públicos, estacionamentos e outras áreas.
- Lei Municipal nº 10.205/1986: disciplina a expedição de licença de funcionamento, alvarás de funcionamento e alvarás para eventos públicos temporários.

Decretos Municipais

- Decreto Municipal nº 61.082/022: dispõe sobre o apoio à fiscalização ambiental pela Guarda Civil Metropolitana.
- Decreto Municipal nº 58.625/2019: reorganiza a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente.
- Decreto Municipal nº 58.320/2018: dispõe sobre contratos para a gestão de parques municipais em parceria com particulares, conforme a Lei nº 16.703/2017.
- Decreto Municipal nº 58.262/2018: dispõe sobre competência para licitações no âmbito do Plano Municipal de Desestatização.
- Decreto Municipal nº 58.102/2018: regulamenta o recebimento de doações e comodatos de bens e serviços pela Administração Direta e Indireta do Município.
- Decreto Municipal nº 57.575/2016: dispõe sobre a aplicação da Lei Federal nº 13.019/2014 no âmbito da Administração Direta e Indireta do Município.
- Decreto Municipal nº 54.421/2013: confere nova regulamentação ao procedimento de fiscalização ambiental no Município de São Paulo.
- Decreto Municipal nº 52.201/2011: regulamenta pedidos de aquisição, permuta, concessão administrativa e permissão de uso de imóveis municipais.
- Decreto Municipal nº 52.153/2011: regulamenta disposições da Lei nº 14.887/2009



referentes ao Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (CADES).

- Decreto Municipal nº 52.062/2010: regulamenta o artigo 50 da Lei nº 14.223/2006 sobre termos de cooperação com a iniciativa privada.
- Decreto Municipal nº 42.479/2002: regulamenta a Lei Municipal nº 13.214/2001 sobre a instalação de para-raios ou sistemas de detecção.
- Decreto Municipal nº 41.685/2002: regulamenta a Lei Municipal nº 13.131/2001 sobre a criação, posse e transporte de cães e gatos no Município de São Paulo.
- Decreto Municipal nº 40.384/2001: dispõe sobre a doação de bens e serviços e o estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada.
- Decreto Municipal nº 39.213/2000: dispõe sobre a delegação de competência ao Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente.
- Decreto Municipal nº 34.855/1995: regulamenta a Lei Municipal nº 10.908/1990 sobre a demarcação de espaços para ciclofaixas em praças públicas.
- Decreto Municipal nº 26.535/1988: regulamenta a Lei nº 10.365/1987 sobre o corte e a poda de vegetação de porte arbóreo.
- Decreto Municipal nº 49.969/2008: regulamenta a Lei Municipal nº 10.205/1986 sobre a expedição de licença de funcionamento.

Portarias e Resoluções

- Portaria Conjunta SVMA/SMSU/SIURB nº 003 de 2 de outubro de 2023: institui o Plano de Prevenção e Combate a Incêndios em Áreas Florestadas do Município de São Paulo ("Operação Fogo Zero").
- Portaria SVMA nº 38 de 21 de maio de 2024: dispõe sobre procedimentos preventivos para eventos climáticos extremos nos parques municipais.
- Portaria nº 29/SVMA/2021: estabelece procedimentos administrativos internos para protocolo de parcerias junto à Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente (SVMA).
- Portaria nº 2/SVMA/DEPAVE/2000: regulamenta normas e procedimentos para vigias dos parques municipais.
- Resolução nº 122/SSP/1985: trata do policiamento ostensivo para espetáculos públicos.

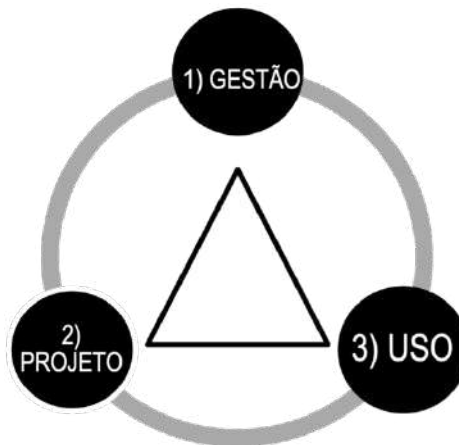
3. O que são Planos de Gestão? E por que são importantes?

Na busca por incrementar qualitativamente a condução participativa desse processo de elaboração do Plano, pretendeu-se realizar uma abordagem democrática na formulação de um documento que incorpora, além do olhar da administração, ideias e estratégias transversais de melhorias que se apoiam na diversidade e interseccionalidade do público e na gestão compartilhada.

O Plano de Gestão é um instrumento de planejamento, um documento estratégico, abrangente e geral com diretrizes que consolidam regras, estudos, análises situacionais ou diagnósticos, visando orientar, a médio prazo, as ações de melhoria e gestão compartilhada do parque urbano.

Aqui, interessa encontrar uma sinergia entre os três elementos: gestão, uso e projeto. Aos parques implantados, como o caso do Parque Paraisópolis, as diretrizes foram voltadas à realidade apresentada a partir do projeto existente, que reflita percepções e pretensões da gestão, fortaleça a governança, fomente o uso e o democratize.

Figura 1 - Elementos estruturantes de um Plano de Gestão



Fonte: ONU-Habitat

Como previsto também nos Planos Diretores dos parques já elaborados, a implementação de tais diretrizes deve ser monitorada por meio de indicadores instituídos e fornecidos por este próprio Plano, de modo a avaliar o seu estágio de implementação e o sucesso das diretrizes indicadas.

Dos Planos Diretores de Parques já elaborados ao Plano de Gestão apresentado neste documento, há um processo de aprendizado, melhoria e adaptação ao contexto dos parques urbanos. O Plano Diretor fornecia um conjunto de diretrizes gerais para a gestão do parque, com foco principalmente em parâmetros de governança, com vistas a promover: (i) a proteção do seu ecossistema; (ii) melhorias ambientais; (iii) aprimoramento de sua estrutura;



e (iv) maximizar a experiência dos frequentadores na fruição do equipamento. **O Plano de Gestão representa uma evolução significativa desse modelo, consolidando-se como o instrumento oficial para a operação diária e gestão a médio e longo prazo dos parques, incorporando três novos elementos na sua composição: v) Define procedimentos e regras para facilitar e estimular a gestão compartilhada; vi) Incentiva parcerias locais; vii) Promove sinergias entre as políticas ambientais e setoriais.**

Tanto é um guia de gestão que a elaboração deste documento levou em consideração as obrigações oriundas das normas incidentes sobre parques urbanos no âmbito do Município de São Paulo, bem como das normas específicas que atravessam os usos e gestão dos parques municipais.

Ademais, prevê-se uma revisão periódica dos Planos de Gestão como medida para garantia de sua atualidade, com ideal de aprimoramento e adaptação a partir das intenções colocadas no plano precedente. Vale sublinhar: os Planos de Gestão não são documentos para atender a um processo concessório, sendo verdadeiramente um instrumento de governança e gestão do parque como um todo e a sua aplicabilidade se estende tanto ao caso de gestão pública, quanto de gestão privada.

As características que destacam o Plano de Gestão elaborado em parceria com o projeto Viva o Verde SP do ONU-Habitat contempla, ainda, algumas inovações. Entre essas, estão a coleta de contribuições transversais no processo de elaboração do conteúdo, a perspectiva de gênero e de outros grupos vulnerabilizados (identificados a partir de cada realidade territorial), bem como o estudo de instrumentos de monitoramento e controle.

Assim, as suas diretrizes devem ser observadas independentemente de sua gestão ser diretamente através do Poder Público ou outra entidade. Tem-se, portanto, uma ampla matriz de diretrizes, responsabilidades e desejos coletivos de futuro que devem ser seguidos por todos envolvidos em sua governança, conforme as suas atribuições.

3.1. Metodologia

Durante a elaboração do Plano de Gestão, foi realizada pesquisa sobre as metodologias¹ já discutidas, implementadas e publicadas por organizações, técnicos e instituições do município, bem como pelo próprio ONU-Habitat.

¹ Entende-se por metodologia “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (experiência, capacidade crítica e sensibilidade). [...] A metodologia é muito mais do que técnicas. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2021).



A partir de uma definição aliada ao ODS 11, Cidades e Comunidades Sustentáveis e ao ODS 5, Igualdade de Gênero, o Plano de Gestão aporta dois instrumentos principais para guiar o planejamento do seu processo de formulação: O *“Guía de Intervenciones en espacios públicos”* (Guia de intervenções em espaços públicos), elaborado pelo Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe - CAF (ALEGRE, et. al, 2022) e o *“Her City”* (Cidade Dela) (ONU-HABITAT, 2022), um guia para incorporar a participação das mulheres no planejamento urbano, do ONU-Habitat.

Adotou-se uma caixa de ferramentas utilizadas pelo Guia de intervenções em espaços públicos, supracitado. Nela encontramos um processo que se define por *“Evaluación inicial”* (Avaliação inicial ou Diagnóstico), *“Planificación y Diseño”* (Planejamento e Desenho), *“Evaluación final”* (Avaliação final), *“Gestión y mantenimiento”* (Gestão e manutenção ou monitoramento) (ALEGRE, et. al, 2022). A saber e a seguir, as descrições das respectivas fases em português:

Avaliação inicial ou Diagnóstico: analisar corretamente o espaço público, para entender as suas dinâmicas e necessidades, é fundamental para o desenvolvimento de propostas condizentes com o contexto.

Planejamento e Desenho: o planejamento e o desenho da proposta devem ser uma nítida resposta aos resultados do diagnóstico, sendo coerentes com os objetivos tratados no início do projeto.

Avaliação final: tão importante como a avaliação inicial, a essa fase cabe analisar os resultados e impactos do projeto urbano e permitirá planejar e melhorar adequadamente os processos no futuro.

Gestão e Manutenção: A sustentabilidade é um elemento-chave para o planejamento do processo. Informações como aqueles que ficaram responsáveis e como operacionalizaram as suas atividades são importantes que estejam descritas para maior êxito do projeto urbano.

Como sinalizado anteriormente, este Plano carrega referências de modelos de planos anteriores e o seu fazer em si já enseja um processo pedagógico e de participação social. Com isso, para desenhar mais um caminho para a elaboração de documentos como esse, não basta expor o seu resultado, mas, em vez disso, contar, de bloco em bloco, como foi o seu processo.

3.1.1. Base teórica do Processo Participativo

O entendimento de Milton Santos (1996) sobre território, especialmente através do conceito de “território vivido”, e a visão de Paulo Freire (2011) sobre aprender no e com o mundo se entrelaçam de maneira significativa, destacando a importância da interação entre o indivíduo e seu ambiente para uma aprendizagem crítica e cidadã, que caminha com diferentes maneiras de ler o mundo.



Para Milton Santos (1996), o território vivido é mais do que uma mera delimitação geográfica; é um espaço carregado de significados e vivências humanas. Ele enfatiza a importância das experiências e práticas cotidianas das pessoas no território para compreender a sua dinâmica e complexidade. Esse conceito destaca a interconexão entre as dimensões físicas, sociais, culturais e econômicas do espaço, reconhecendo que o território é moldado e reconfigurado pelas interações humanas ao longo do tempo.

Por outro lado, a visão de Paulo Freire (2011) defende a experiência prática e a reflexão crítica como bases para o conhecimento. Ele propõe uma pedagogia centrada na vivência da pessoa e na compreensão contextualizada da realidade em que está inserida. Freire acredita que o diálogo e a problematização das questões do cotidiano são essenciais para promover uma aprendizagem significativa e emancipadora.

Ao cruzar esses dois pensamentos, percebe-se que ambos reconhecem e valorizam as experiências, como a da elaboração dos planos municipais, que promove vivências entre diferentes sujeitos em seu contexto territorial. Trata-se de uma aprendizagem que circula não apenas através de livros e teorias, mas também por meio das interações com outras pessoas na educação não formal ou informal, em arenas públicas participativas, com o espaço físico e social ao nosso redor (LIMA, 2021).

Igualmente neste trabalho que desdobrou em um importante instrumento de gestão territorial participativa, o território vivido torna-se, assim, um espaço de aprendizado rico em possibilidades de reflexão, diálogo e ação transformadora.

Nesse sentido, a educação deve ser concebida como um processo contínuo de interação entre teoria e prática, entre conhecimento acadêmico e experiência vivida. Aprender no e com o mundo, como Paulo Freire coloca, significa estar aberto para explorar e compreender as múltiplas dimensões do território, reconhecendo suas complexidades e desafios, mas também suas potencialidades e oportunidades de transformação. É através desse encontro entre teoria e prática, entre território vivido e aprendizado contextualizado, que podemos construir uma compreensão mais profunda e significativa da realidade em que estamos inseridos para buscar incidir nela.

3.1.2. Base operacional do Processo Participativo

O processo participativo não se delimita apenas à etapa das oficinas ou de interação direta com o público, mas todo o ciclo do projeto a partir do seu desenho e concepção. Desde as primeiras interlocuções com multiplicadores, atores estratégicos ou público difuso, passando por essas contribuições conduzidas via oficinas, até a avaliação e validação ampliada das diretrizes (advindas da equipe técnica e da sociedade civil) inclusas no plano.

A depender do tempo disposto, algumas atividades podem interceptar outras mesmo estando em paradigmas diferentes de execução. Da mesma forma, a partir das premissas postas, tornou-se indispensável a tessitura da participação social de forma integrada à elaboração técnica durante todo o percurso.





Durante o processo, elencou-se cinco arenas de participação, sendo elas:

1. Metodologia geral dos Planos de Gestão com instituições científicas e acadêmicas, órgãos públicos, entidades privadas e da sociedade civil;
2. Acompanhamento do projeto e proposição de metodologias de participação social com Conselhos Gestores, CADES Regionais ou Conselhos Participativos;
3. Oficinas de elaboração dos Planos de Gestão abertas ao público e oficinas específicas com crianças e adolescentes;
4. Consulta pública para devolutiva do processo de participação social e apresentação de resultados; e
5. Grupo de Referência composto por coletivos, movimentos e entidades da sociedade civil para acompanhar os processos e resultados do Viva o Verde SP.

Compõem a metodologia deste Plano de Gestão, também, reuniões regulares com o Grupo de Referência² (GR), com atores estratégicos já envolvidos na elaboração de planos municipais em São Paulo e com municípios que se candidataram a acompanhar mais de perto a formatação da metodologia de participação social.

Tabela 1 - Atividades participativas nas etapas do Plano de Gestão

Legenda

-  Avaliação inicial ou Diagnóstico
-  Planejamento e Desenho
-  Reavaliação
-  Gestão e Manutenção



Diagnóstico preliminar

Como vetor central, buscou-se fomentar a discussão para :1) a definição de estrutura (ou sumário) do Plano de Gestão de maneira comparativa a outras gestões de parques de diferentes países e no estado e município de São Paulo; 2) as definições conceituais, de princípios e objetivos dos planos de gestão; 3) a coleta de informações secundárias, no diagnóstico preliminar dos oito parques abrangidos pelo Projeto Viva o Verde SP, na criação de matriz de contribuições para a transversalização da participação social.

Adicionalmente, coube os trabalhos de campo como investigação e caracterização dos parques; o mapeamento das partes interessadas e de atores estratégicos, a participação dos grupos de interesse (CADES, Conselhos Gestores de Parque, Grupo de Referência) para apresentação da equipe e do projeto.

² O Grupo de Referência é um grupo composto por integrantes representantes de articulações, movimentos, coletivos, empresas ou projetos com atuação na cidade de São Paulo e em temas que confere a discussão sobre espaços públicos, espaços de lazer, direito à cidade.



Diretrizes e metodologia das oficinas participativas

Nessa etapa (ou bloco), foram realizadas visitas mais direcionadas nos oito parques. Somado a isso, foram realizadas reuniões específicas com cada uma das áreas competentes da SVMA e Prefeitura de São Paulo, estudo aprofundado e análise das informações levantadas sobre os parques.

Ao final, elaborou-se propostas preliminares para as diretrizes técnicas e algumas indicações metodológicas para o processo participativo com o Conselho Gestor do Parque – ou, na sua falta, o CADES ou Conselho Participativo da região que abrange o parque.

O resultado desse bloco é, portanto, a delimitação e divulgação das oficinas participativas, além da definição das diretrizes de cada parque.



Oficinas participativas

A partir de uma ampla discussão sobre os métodos, técnicas e ferramentas, estabeleceu-se uma agenda de oficinas territorializadas, distribuiu-se a equipe e coletou-se contribuições da sociedade civil. Para conhecer melhor a metodologia aplicada nas oficinas, ver o anexo do processo participativo que acompanha este documento.



Pós oficinas

As atividades dessa etapa envolveram o estudo de viabilidade das propostas elencadas e sua sistematização, a organização e divulgação das consultas públicas através da plataforma "Participe +", a realização de reuniões devolutivas sobre as oficinas participativas para os Conselhos e CADES, além da sistematização e compilação dos planos. Também foram realizadas consultas públicas presenciais e online.



4. Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva: Informações gerais

O Parque Paraisópolis, com 68.000 m², origina-se de área de remanescentes de Mata Atlântica próxima à Avenida Hebe Camargo, estrutura viária inaugurada em 2012, que faz ligação entre os distintos bairros de Paraisópolis e do Panamby. Faz homenagem, em seu nome, a um antigo morador do bairro de Paraisópolis, Lourival Clemente da Silva, o “Louro”.

O parque apresenta características ambientais importantes, como a presença de nascentes que abastecem o córrego Antonico, que, por sua vez, deságua no Córrego Pirajussara, um dos principais afluentes do Rio Pinheiros. Dado o contexto de vulnerabilidade social da região, a presença de remanescentes significativos de Mata Atlântica, a fragilidade geomorfológica e a existência de nascentes de cursos d'água, o parque deve direcionar suas atividades para a preservação e recuperação dos recursos geoambientais e hídricos, promover lazer de baixo impacto ambiental e fomentar a educação ambiental.

As palavras levantadas na oficina de participação social como resposta à questão “Qual é a importância desse parque para você?” ajudaram a destacar e reforçar a vocação proposta para o parque. Assuntos como “brinquedos atrativos”, “quadra de esportes”, “espaços para cachorros,” “trilhas na mata”, “mais equipamentos de ginástica”, “nomear as árvores” foram citados com frequência, evidenciando a importância de alinhar as atividades do parque com essas aspirações e valores.

Tabela 2 - Ficha introdutória do parque

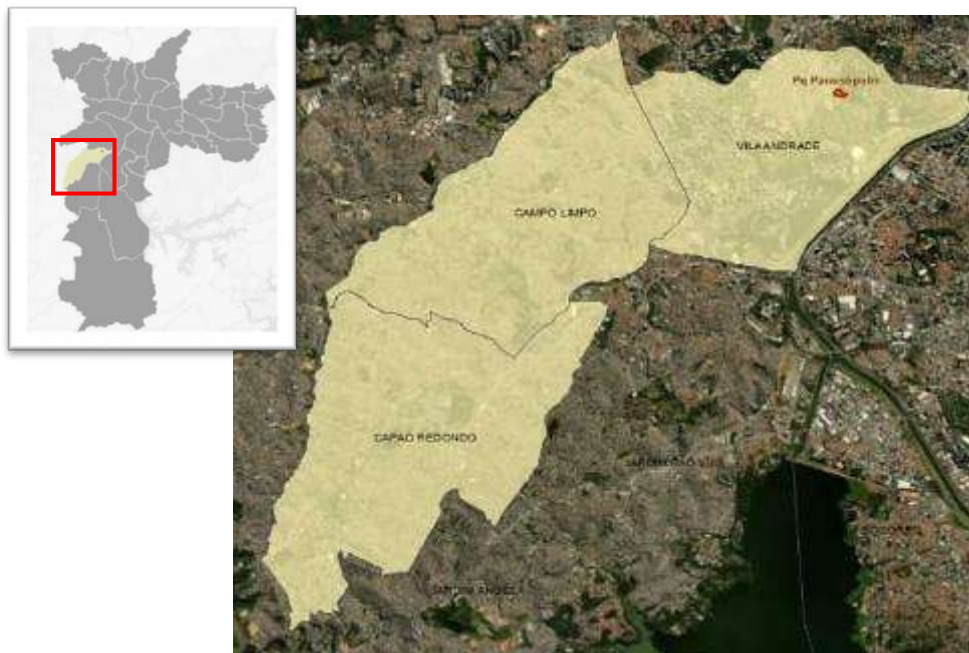
Nome do parque	Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva
Área total	68.000 m ²
Inauguração	2021
Classificação junto à SVMA	Urbano
Endereço	Rua Silveira Sampaio, 720
Horário de funcionamento	6:00 às 18:00
Distrito	Vila Andrade
Zona	Sul
Subprefeitura	Campo Limpo

5. Contexto urbano

O Parque Paraisópolis está localizado na Subprefeitura do Campo Limpo, distrito de Vila Andrade, Zona Sul de São Paulo. Para fins de análise do contexto urbano em que está inserido, utilizou-se o raio de 1 km³ a partir de um dos principais portões do parque. Tal caracterização envolve os usos do solo e do espaço urbano, bem como os tipos de zoneamentos correspondentes, os aspectos físicos e socioeconômicos do território, a disposição dos equipamentos públicos na área e o acesso ao parque por transporte público.

O objetivo é o de construir um diagnóstico do entorno do parque, a fim de pensá-lo como equipamento urbano, vislumbrando, portanto, suas relações reais e potenciais com a área da cidade em que está inserido.

Figura 2 - Localização do Parque Paraisópolis no distrito da Vila Andrade, município de São Paulo.



Autoria da Imagem: Adriana Quedas/ONU-Habitat

³ Foi estabelecido o acesso principal do parque como ponto central do raio verificado, uma vez que o índice de 1km de raio já é utilizado de forma padrão pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA).

Mapa 1 – Limites do Parque Paraisópolis



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat



5.1. Ocupação e Uso do Solo

No Mapa 2 observa-se que o Uso do Solo Predominante Fiscal⁴ no entorno imediato do Parque Paraisópolis apresenta compartimentações bem evidentes: a leste predomina o Uso Residencial Horizontal de Médio/Alto Padrão, com uma faixa de Comércio e Serviços a sudeste; a sudoeste predomina o Uso Residencial Vertical de Médio/Alto Padrão; e a oeste, quadras de terrenos vagos com manchas de Comércio e Serviços e outros usos mistos.

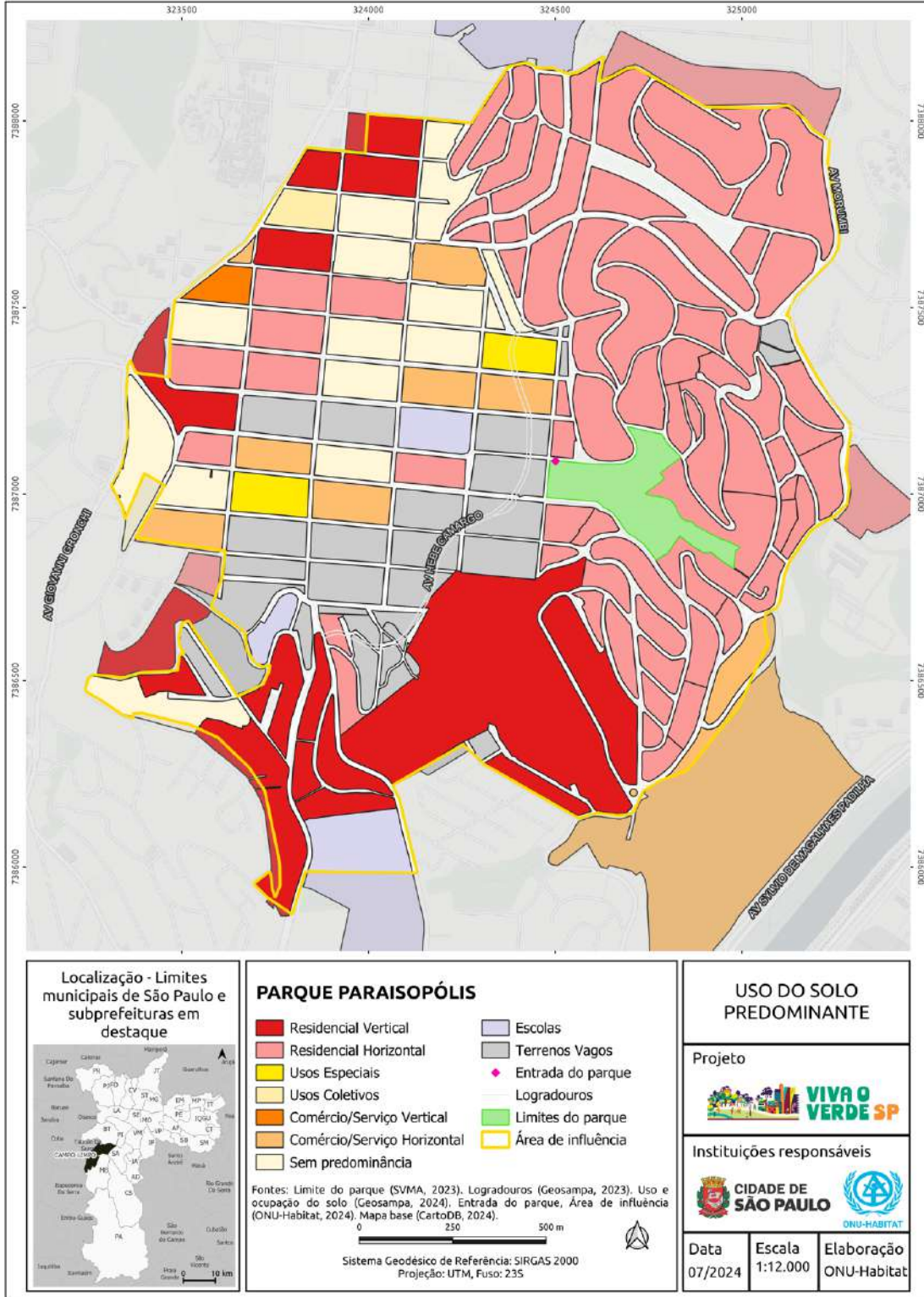
Dados de 2015 do Habitasampa (PMSP, 2024) e a Ortofoto de 2020 (Geosampa) (Mapa 3) mostram o contraste na ocupação urbana existente ao redor do parque: o Parque Paraisópolis se encontra ao lado da maior favela de São Paulo e a terceira do Brasil (IBGE, 2024): a Favela de Paraisópolis. A região da favela é exatamente onde, no Uso do Solo Predominante Fiscal, existem “terrenos vagos”, dada a irregularidade fiscal e fundiária de uma área densamente ocupada, “outros” tipos de uso e “uso sem predominância”, ou seja, usos mistos.

Na revisão intermediária do Plano Diretor (Lei Municipal nº 17.975/2023) existem propostas de ações estruturantes no entorno do Parque Paraisópolis, que poderão impactar no fluxo de visitantes, aumentando-o. São Ações Prioritárias no Transporte Público Coletivo, com a criação de uma linha de monotrilho, com as respectivas estações, e um corredor de ônibus, ambos a oeste do parque, nas proximidades da Av. Hebe Camargo.

A Figura 3 mostra as Zonas da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo do Município de São Paulo (Lei Nº 16.402/2016 e Revisão Parcial instituída através da Lei 18.081/2024) no entorno do Parque Paraisópolis. O parque, que é classificado como Zona Especial de Proteção Ambiental (ZEPAM), está cercado principalmente pela Zona Especial de Interesse Social 1 (ZEIS-1) do bairro Paraisópolis a oeste, onde se encontra o acesso ao parque, por Zonas Exclusivamente Residenciais 1 (ZER-1) a leste e sul, e por Zona Predominantemente Residenciais (ZPR) e Zona Mista (ZM) a norte. Além destes tipos de zoneamento, a área de influência também contém os seguintes tipos: Zonas de Centralidade (ZC), Zonas Mistas (ZM) e diferentes tipos de Zona Especial de Interesse Social (ZEIS).

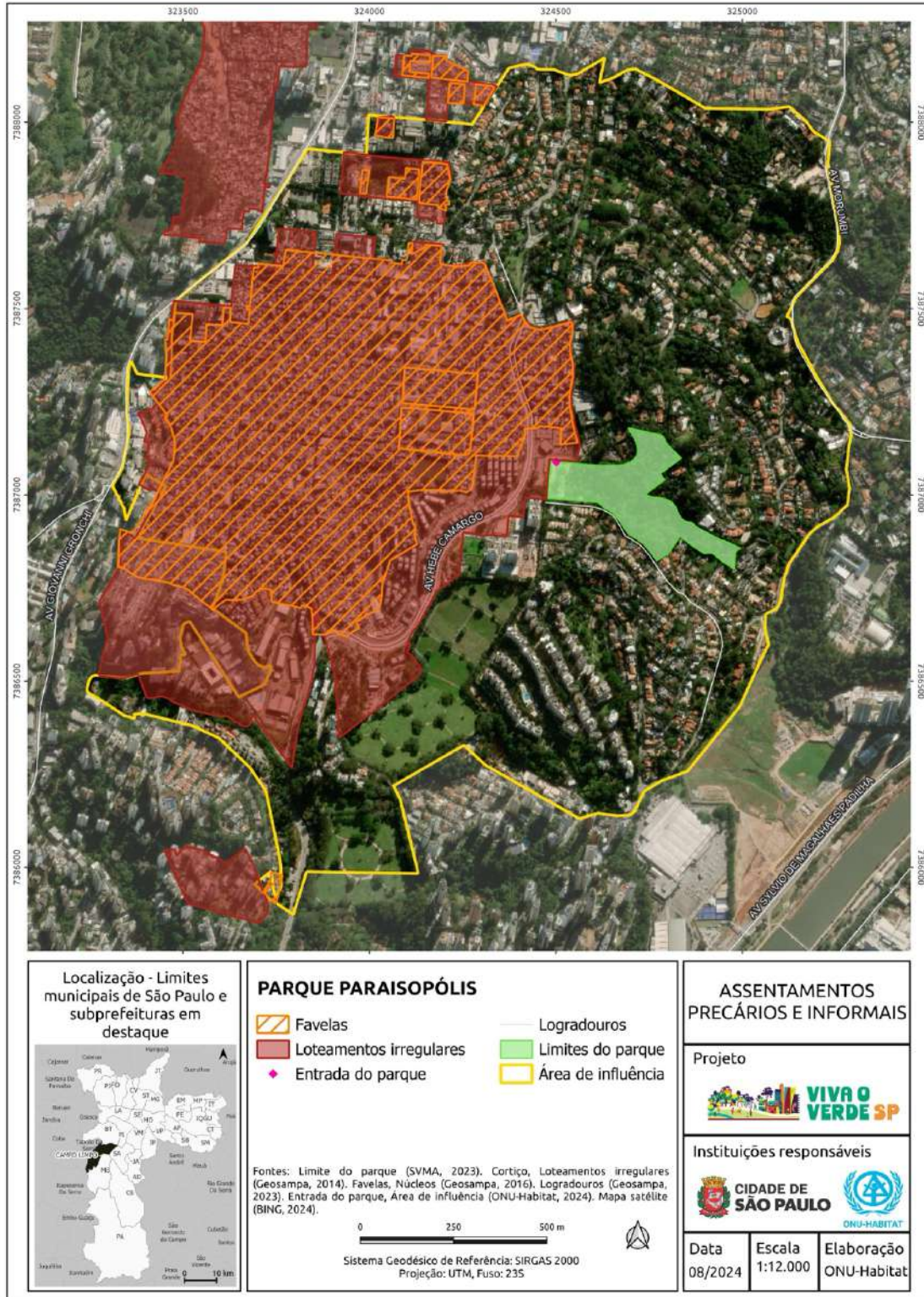
⁴ Segundo o Geosampa, Camada Uso do Solo Predominante Fiscal se caracteriza por um “Tipo de uso do solo predominante (maior ou igual a 60%) por quadra fiscal. Com a finalidade de análise do espaço urbano, a Secretaria Municipal de Planejamento (SEMPPLA), hoje Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL) estabeleceu uma metodologia de agregação resultante do cruzamento entre os valores “uso” e “padrão” atribuídos pelo Cadastro de Contribuintes Mobiliários (CCM), para cada imóvel cadastrado”. Como é uma camada de predominância de uso baseada em cadastro fiscal, agregações feitas podem suprimir usos importantes não fiscais, agregando-os em outros usos.

Mapa 2 – Uso do Solo Predominante



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Mapa 3 – Cortiços, favelas e loteamentos irregulares



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat



Abaixo seguem as definições de uso e ocupação para as zonas citadas:

- **Zonas Especiais de Interesse Social I (ZEIS 1):** áreas caracterizadas pela presença de favelas e comunidades urbanas, loteamentos irregulares e empreendimentos habitacionais de interesse social, e assentamentos habitacionais populares, habitados predominantemente por população de baixa renda, onde haja interesse público em manter a população moradora e promover a regularização fundiária e urbanística, recuperação ambiental e produção de Habitação de Interesse Social.
- **Zona Exclusivamente Residencial (ZER-1):** são áreas destinadas exclusivamente ao uso residencial com predominância de lotes de médio porte, destinadas a receber apenas residências unifamiliares, ou seja, casas que abrigam uma família. Esta zona se caracteriza pela ausência dos usos não residenciais e pela baixa densidade, sendo que alguns bairros contam com intensa arborização.
- **Zona de Centralidade (ZC):** área destinada à promoção de atividades típicas de áreas centrais ou de subcentros regionais ou de bairros, em que se pretende promover majoritariamente os usos não residenciais, com densidades construtiva e demográfica médias e promover a qualificação paisagística e dos espaços públicos;
- **Zona Mista (ZM):** porção do território em que se pretende promover usos residenciais e não residenciais, com predominância do uso residencial, com densidades construtiva e demográfica baixas e médias. A principal característica é viabilizar a diversificação de usos, sendo uma zona em que se pretende mais a preservação da morfologia urbana existente e acomodação de novos usos, do que a intensa transformação;
- **Zona de Uso Predominantemente Residencial (ZPR):** porção do território destinada majoritariamente ao uso residencial, bem como a atividades não residenciais compatíveis com o uso residencial, com densidades construtiva e demográfica baixas. Possibilita usos não residenciais que não causam incomodidade à vizinhança residencial;
- **Zonas Especiais de Proteção Ambiental (ZEPAM):** são porções do território do Município destinadas à preservação e proteção do patrimônio ambiental, que têm como principais atributos remanescentes de Mata Atlântica e outras formações de vegetação nativa, arborização de relevância ambiental, vegetação significativa, alto índice de permeabilidade e existência de nascentes, incluindo os parques urbanos existentes e planejados e os parques naturais planejados, que prestam relevantes serviços ambientais, entre os quais a conservação da biodiversidade, controle de processos erosivos e de inundação, produção de água e regulação microclimática;

Figura 3 - Zoneamento e ZEIS da região no entorno do Parque Paraisópolis



Fonte: LPUOP, 2024

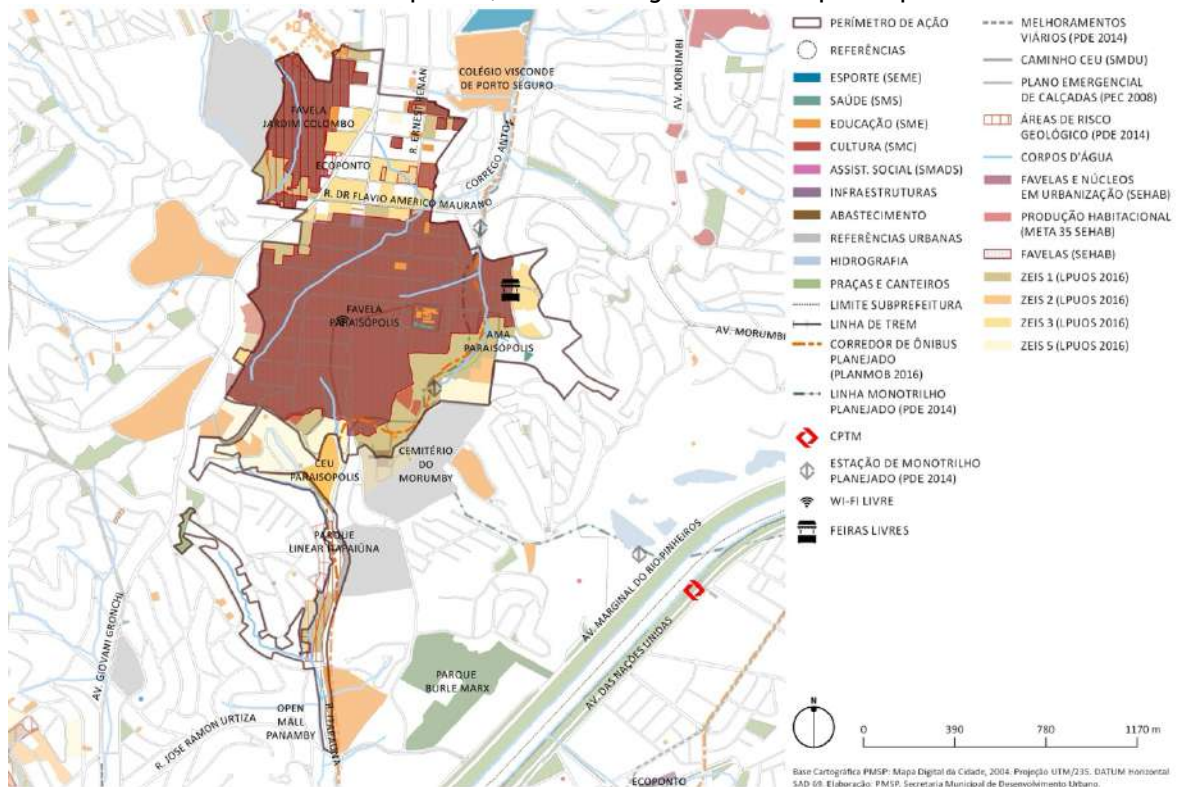
No Plano Regional da Subprefeitura de Campo Limpo⁵ (PMSP, 2016) (Figura 4), o Parque Paraisópolis consta no Perímetro de Ação 327 – Paraisópolis/Jd. Colombo/Itapaiuna. Abaixo seguem as diretrizes do Plano Regional que interferem ou dizem respeito, direta ou indiretamente, ao parque e seu entorno:

- Implantar equipamentos de lazer (Ruas de Lazer) e Centro Cultural;
- Diferenciar e qualificar urbanisticamente o trajeto entre os equipamentos públicos e o acesso ao transporte público;
- Promover melhorias nas calçadas para a circulação de pedestres, com estudos de viabilidade de ampliação de algumas delas para lazer;
- Instalar mobiliário urbano adequado às larguras das calçadas;
- Promover melhorias na segurança e instalar iluminação LED em Paraisópolis, incluindo melhoria na iluminação no cruzamento entre a Rua Itapaiúna e a Av. Hebe Camargo;
- Promover readequação do final da Av. Hebe Camargo e limpeza da via em trecho próximo ao AMA Paraisópolis, para melhorar o acesso de carros, bicicletas, pedestres e ambulâncias e a segurança do local;
- Promover melhorias de acesso ao AMA Paraisópolis e de conexão com outros hospitais;
- Implantar parques previstos (Paraisópolis e Linear Itapaiúna) e promover conexão entre as áreas verdes públicas;
- Promover abertura de novas vias (para interligar as porções norte e sul) e ordenar o sistema de circulação local, com melhorias de mobilidade de ônibus, carros e bicicletas na região;

⁵ Disponível em < <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/QA-CL.pdf>>

- Integrar o transporte coletivo com a região (ônibus e metrô previsto - Linha 17 Ouro);
- Promover melhoria de saneamento básico, infraestrutura de água, esgotos e drenagem, bem como de contenção de encostas;
- Recuperar os locais utilizados inadequadamente para o lançamento de lixo;
- Explorar o potencial de desenvolvimento econômico da região.

Figura 4 - Área do Parque Paraisópolis incluída no Perímetro de Ação 327 – Paraisópolis/Jd. Colombo/Itapaiuna, do Plano Regional de Campo Limpo

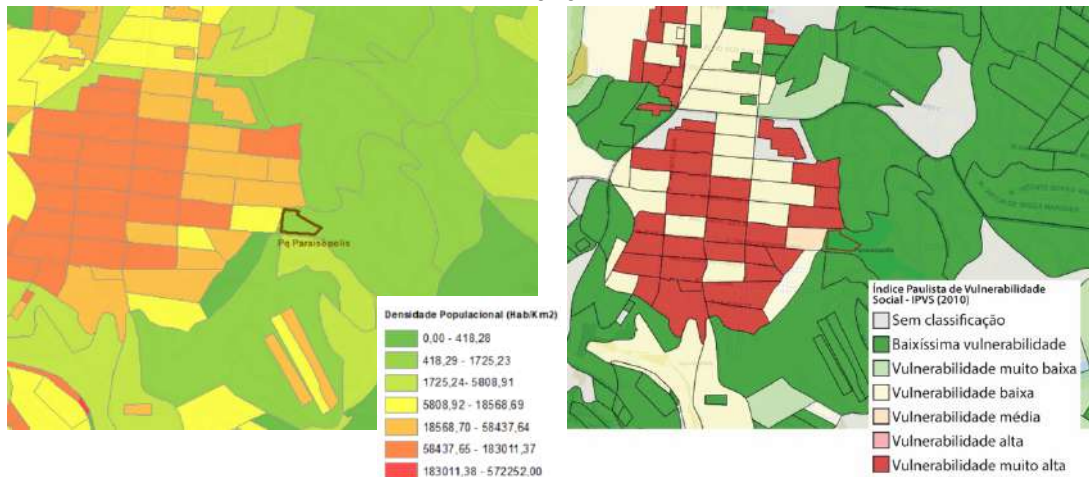


Fonte: PMSP/ Plano Regional de Campo Limpo, 2016

5.2. Estrutura socioeconômica

Para a análise das características socioeconômicas do entorno do parque foram utilizados os dados de Densidade Demográfica do Censo 2010⁶ e os dados do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS)⁷, também de 2010.

Figura 5 - Densidade Demográfica e Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS, ambos de 2010.



Fonte: Geosampa, 2024

A região em que se localiza o parque apresenta grandes contrastes na densidade demográfica e índices de IPVS, condizentes com o contraste entre as tipologias de ocupação: setores com densidade demográfica muito baixa e baixa nas áreas ao leste e ao sul contrastando com a densidade alta (entre 58.437,65 e 183.011,37 hab/km²) e média alta (entre 18.568,70 e 58.437,64 hab/km²) dos setores a oeste (Figura 5). Com relação à vulnerabilidade social acontece o mesmo: áreas de baixíssima vulnerabilidade e vulnerabilidade média a leste e ao sul, enquanto na área da favela predomina a vulnerabilidade muito alta (aglomerados subnormais⁸), com enclaves de setores de média vulnerabilidade.

O contraste entre as características socioeconômicas do entorno do parque implicou em uma segregação espacial explícita: por solicitação de moradores do condomínio de alto

⁶ Até o momento da realização deste trabalho não foram obtidos dados mais recentes agregados por setores censitários e que permitam uma análise detalhada na escala local.

⁷ Índice elaborado pela Fundação SEADE cuja finalidade é oferecer ao gestor público e a sociedade em geral uma visão mais detalhada das condições de vida no interior do município, com a identificação e a localização espacial das áreas que abrigam os segmentos populacionais mais vulneráveis à pobreza.

⁸ Quando a análise foi feita estavam disponíveis apenas os dados demográficos do Censo 2010. No Censo 2022 o IBGE substituiu a denominação dos “Aglomerados Subnormais”, adotada pelo instituto em seus censos e pesquisas desde 1991, por “Favelas e Comunidades Urbanas”.

padrão, houve o fechamento do portão e aumento do gradil existente na Avenida Pio XI, conforme apresentado no próximo item.

5.3. Eixos viários e Mobilidade

O Parque Paraisópolis encontra-se em uma região farta em acessos viários (Figura 6), com três grandes vias arteriais bem próximas – a Av. Giovanni Gronchi, a Av. Morumbi e a sua extensão, a Rua Dr. Flavio Americo Maurano – três grandes vias coletoras, sendo a principal a Av. Hebe Camargo, e uma Via de Trânsito Rápido (VTR), a Av. das Nações Unidas (Marginal Pinheiros).

Figura 6 - Sistema Viário no entorno do Parque Paraisópolis, e a classificação viária segundo a Companhia de Engenharia de Tráfego – CET



Fonte: Geosampa, 2024

A abundância de acessos viários não implica na variedade de modais de transporte urbano que chegam até o Parque Paraisópolis e seu entorno (Mapas 4 e 5). Os acessos mais fáceis são por carro ou ônibus, já que não há estações de metrô⁹ na região e as estações de trem mais próximas, a Morumbi e a Granja Julieta, estão a 1,7 e a 1,2 km de distância do parque. Não há terminais de ônibus no entorno, e existe uma ciclovia no sentido norte-sul, bem ao lado do parque, na Av. Hebe Camargo. É nesta avenida que se concentram as linhas de ônibus mais próximas ao Parque Paraisópolis, com oito linhas passando pelo local. Já a leste, na Rua Pio XI, passam três linhas de ônibus, mas, conforme já exposto, a entrada do parque que se localiza nesta rua está fechada. A apuração em campo informou que o

⁹ De acordo com o Geosampa, há um projeto para a implantação de duas estações de Metrô bem próximas ao parque: a Estação Paraisópolis e a Estação Américo Maurano (Linha 7 – Ouro).

fechamento deste acesso ocorreu por solicitação dos moradores do condomínio de alto padrão que existe do outro lado da rua, mas não foram identificados documentos formais desta solicitação e deste fechamento. O desejo pelo fechamento desta entrada também foi indicado pela população presente nas Oficinas Participativas (Figura 7). A oeste, na Av. Hebe Camargo, também existe uma longa ciclovia que também pode ser utilizada para acessar o parque.

Figura 7 – Acesso secundário do parque, atualmente fechado ao público, com destaque para o cercamento no gradil, solicitado pelos moradores do condomínio de alto padrão



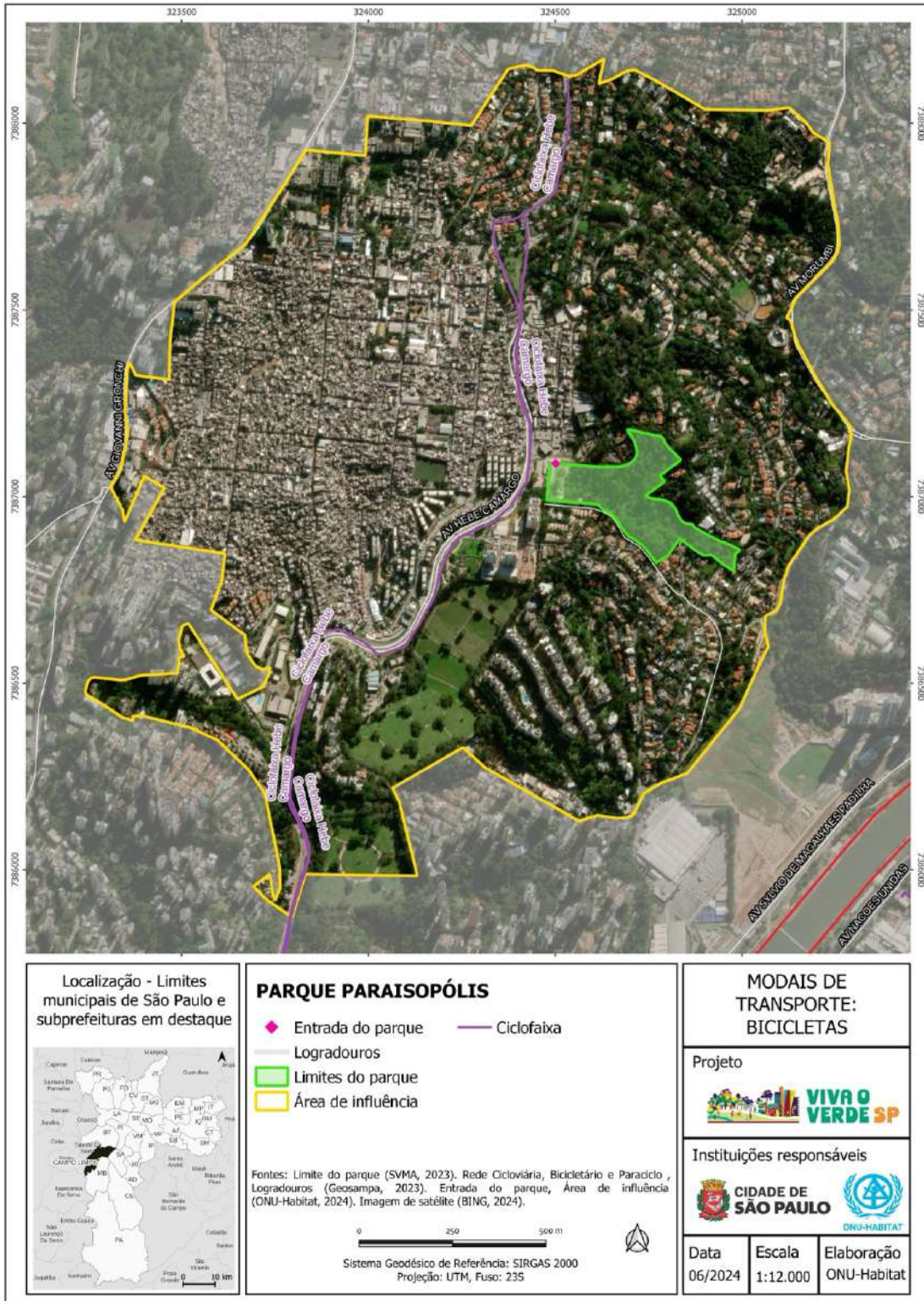
Fonte: ONU-Habitat, 2024

Figura 8 – Imagem aérea do acesso principal do parque e equipamentos de apoio à visitação



Fonte: Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Mapa 4 – Sistema viário no entorno do parque e identificação do sistema cicloviário



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

6. Território-Parque

O Território-Parque é uma unidade de cogestão e planejamento territorial em escala local delimitada pela área de influência¹⁰ do Parque Paraisópolis que estabelece um perímetro de atuação e priorização de uma agenda comum de parcerias, atividades, ações e intervenções entre comunidades, conselhos, agentes e equipamentos públicos próximos ao parque, articulados por meio de uma rede socioambiental¹¹.

Com isso, busca-se promover uma esfera de articulação pública, entre diferentes instâncias da sociedade, que possa, ao mesmo tempo, promover ações de prevenção aos principais desafios relacionados aos territórios de entorno imediato e próximo do parque e, também, potencializar oportunidades vinculadas ao seu espaço urbano ampliado, com o qual ele se correlaciona diretamente ou indiretamente.

Figura 9 - Área de Influência (AI) do Parque Paraisópolis, em vermelho



Elaboração: Adriana Quedas/ONU-Habitat. Fonte: ONU-Habitat.

¹⁰ As áreas de influência dos parques foram definidas com base na mobilidade ativa do pedestre e a partir de um critério temporal. Dessa forma, foi calculado um raio sobre a malha viária delimitando o território atendido em uma caminhada de até 15 minutos entre um acesso do parque e suas ruas adjacentes. A área resultante é entendida como adequada para que as pessoas se sintam estimuladas a frequentar o parque mais próximo, seja de sua residência ou trabalho. Para o cálculo, foi considerado o tempo de caminhada de, no máximo, 15 minutos para pessoas adultas sem restrições de mobilidade, considerando variações de velocidade conforme declividade do terreno. Adicionou-se a isso a abrangência territorial de 15 minutos de caminhada para crianças e idosos, bem como para pessoas com restrições de mobilidade, visto que são grupos com deslocamentos mais lentos.

¹¹ Para a articulação de Rede Socioambiental vinculada ao Território-Parque, recomenda-se a criação de uma Portaria Intersecretarial, no âmbito da Prefeitura de São Paulo, que estabeleça a formalização desta instância de cogestão e planejamento entre os diferentes equipamentos delimitados pela área de influência do parque, articulando, assim, sob a participação direta da gestão e do conselho gestor do parque, diferentes secretarias municipais presentes em tal território.

A Área de Influência do Parque Paraisópolis (AI), gerada a partir de um algoritmo de Caminhabilidade não inclui a região ao sul do parque, já que a saída sul está fechada (Figura 7). A AI engloba boa parte da Favela de Paraisópolis, a oeste e é dividida ao centro pela Av. Hebe Camargo, onde estão localizadas as áreas de alto padrão ao norte e à leste do parque.

6.1. Caracterização do Território-Parque

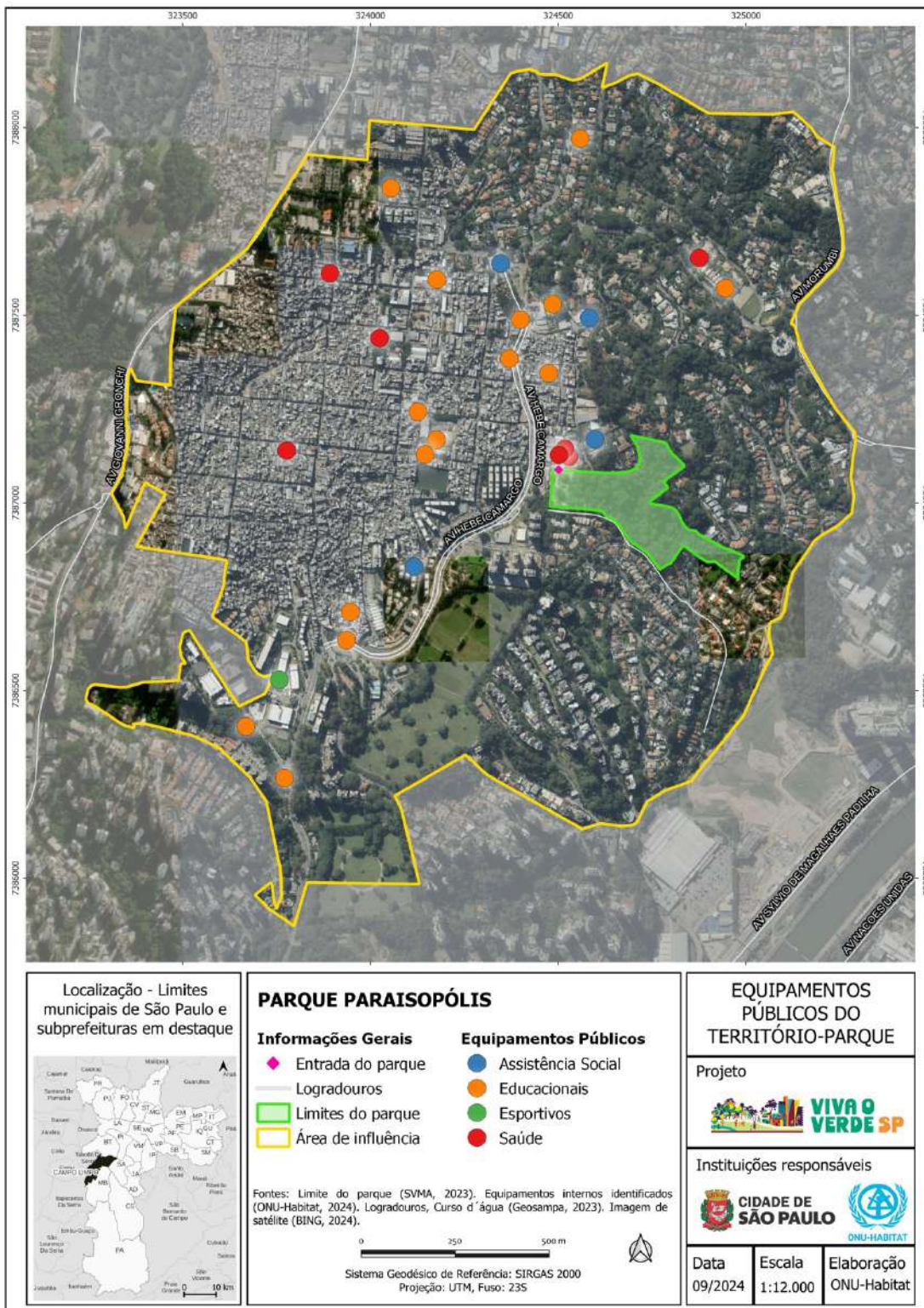
O perímetro de atuação do Território-Parque do Parque Paraisópolis e os principais equipamentos públicos municipais ali relacionados, estão definidos, mapeados e destacados no Mapa 6. Na sequência, podem ser verificados separadamente o mapeamento dos diferentes equipamentos públicos deste território nos Mapas 7, 8, 9 e 10.

Figura 10 – Entorno do Parque Paraisópolis



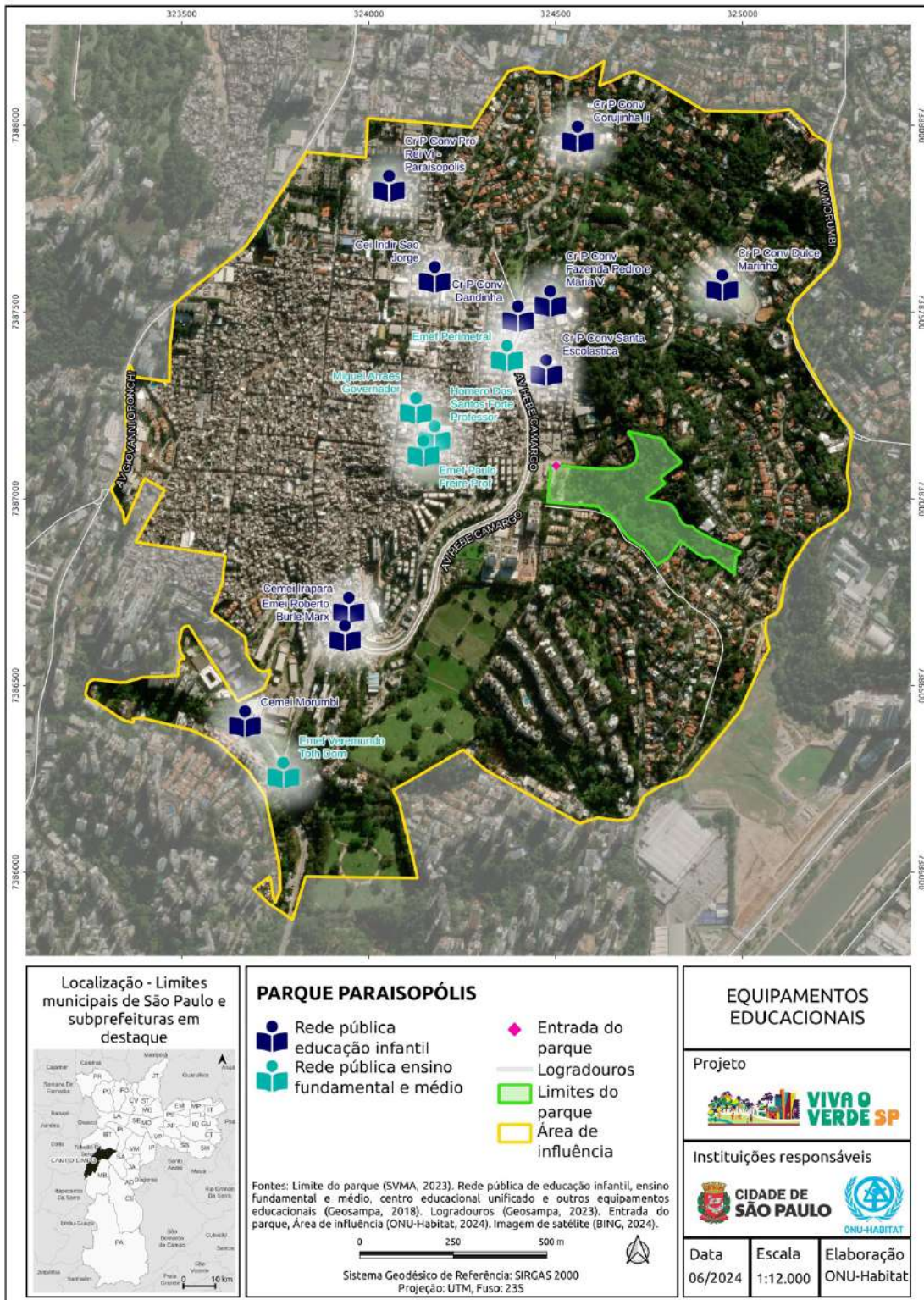
Fonte: Secretaria do Verde e do Meio Ambiente

Mapa 6 - Mapeamento dos equipamentos públicos do Território-Parque



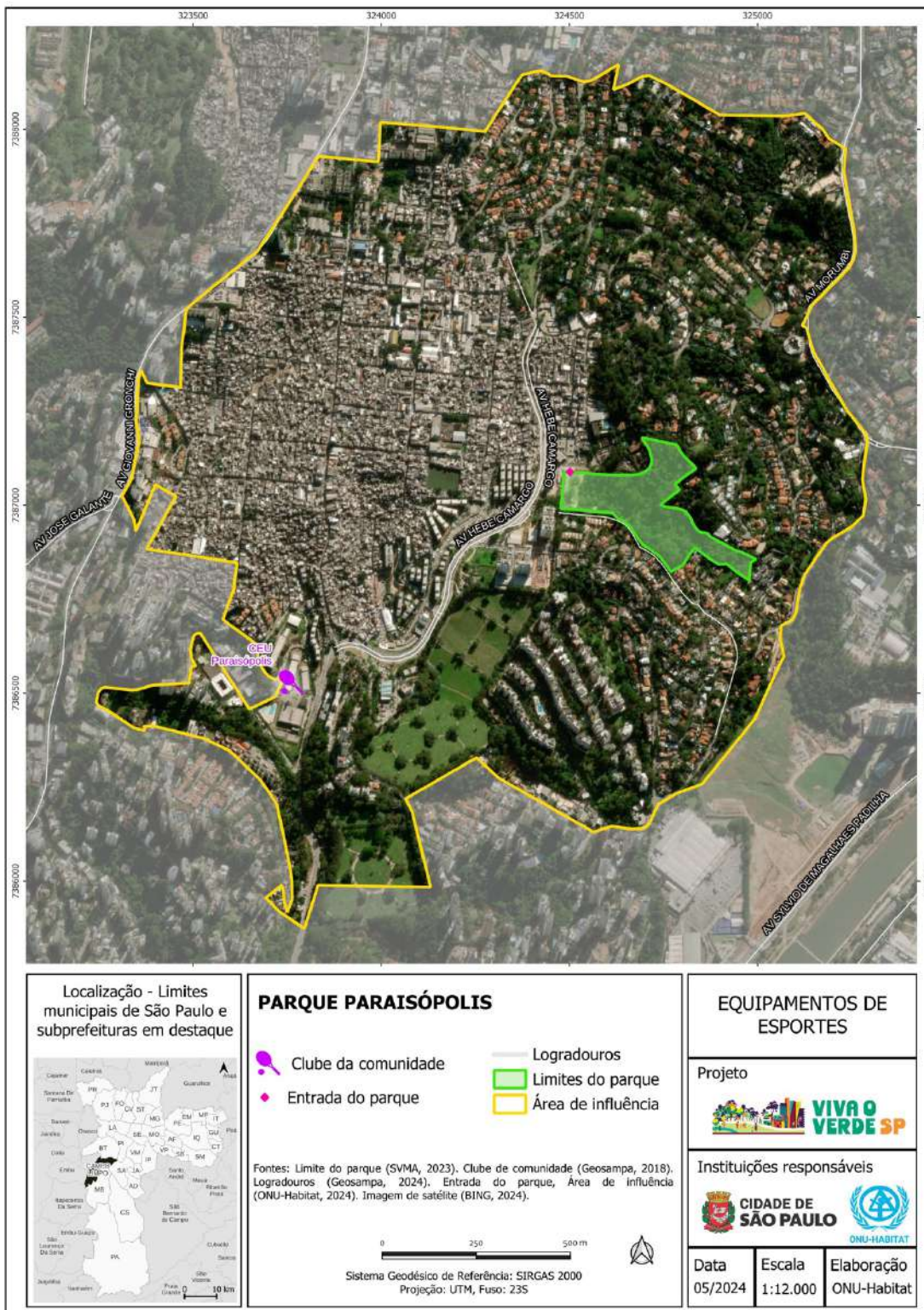
Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Mapa 8 - Equipamentos Educacionais do Território-Parque



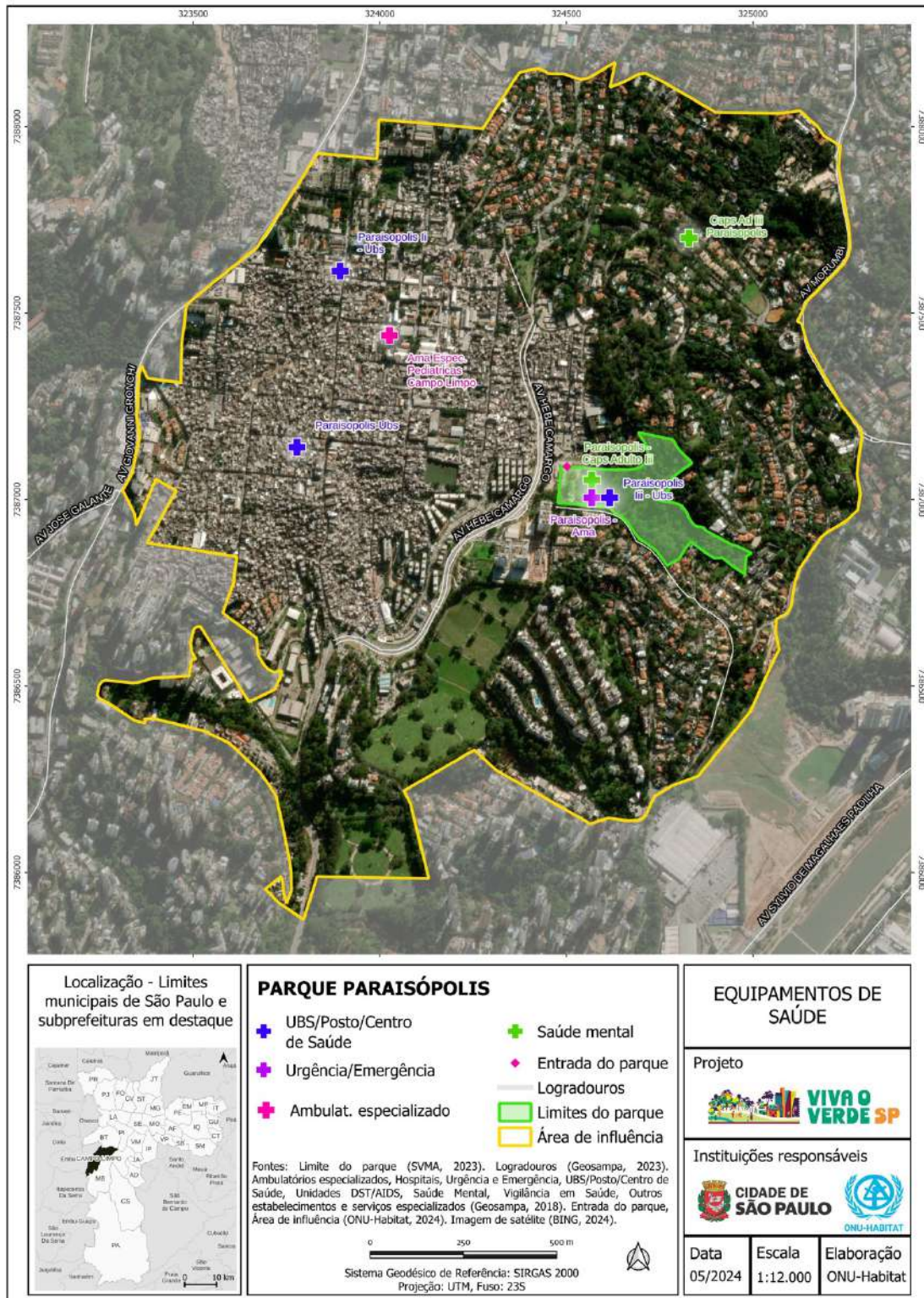
Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Mapa 9 - Equipamentos de Esportes do Território-Parque



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Mapa 10 - Equipamentos de Saúde do Território-Parque



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat



6.2. Desafios e Oportunidades

Entre os desafios vinculados ao Território-Parque do Parque Paraisópolis, destacam-se:

- Ausência de integração física e visual entre o parque e os equipamentos públicos próximos, como Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidade Básica de Saúde (UBS) e Centro Educacional Unificado (CEU);
- Dificuldade de visualização do parque a partir da principal via da região, a Avenida Hebe Camargo;
- Interrupção da função do parque como passagem pública com o fechamento de portão superior, o que impossibilita a maior integração do entorno e transforma o parque em barreira urbana;
- A ausência de equipamentos de segurança indicando a necessidade de criação de atividades voltadas para a segurança comunitária;
- Pouca oferta de equipamentos de esporte reforça a possibilidade de criação de atividades esportivas de baixo impacto, como aulas de yoga ou mesas de *ping-pong*, visando, especialmente, o público infantil e juvenil atendido em grande número de instituições vizinhas na área envoltória do parque.

Entre as oportunidades vinculadas ao Território-Parque do Parque Paraisópolis, estão:

- A grande oferta de equipamentos de Assistência Social, Saúde, Educação e Cultura, na área envoltória analisada, aponta para a possibilidade de parcerias em atividades comuns com o parque, sem a necessidade de criação de novos equipamentos específicos;
- Atenção especial para a interação com equipamentos voltados para o público infantil, presentes em equipamentos vizinhos, e os usos possíveis para esse público dentro do parque.

7. Caracterização do Parque Paraisópolis

Na sequência da avaliação do contexto urbano e da consolidação do plano de ação do Território-Parque, este capítulo concentra-se na caracterização do Parque Paraisópolis e visa proporcionar uma visão abrangente e sistemática dos atributos naturais e das dinâmicas de uso do parque, de forma a complementar a compreensão geral decorrente da análise do entorno.

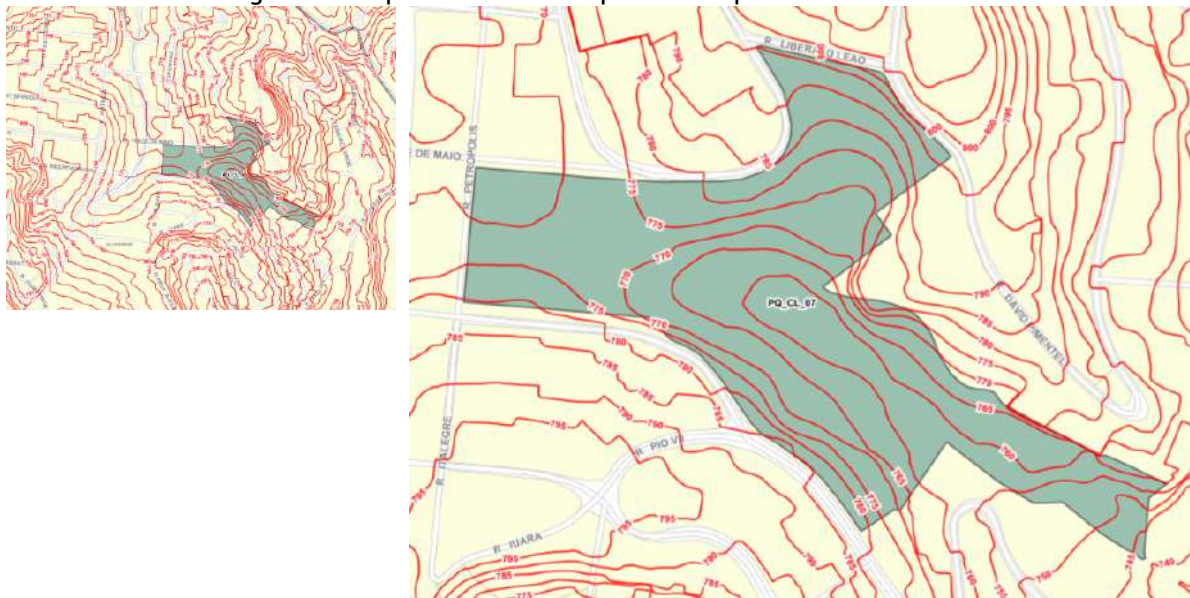
7.1. Atributos naturais

Este item abordará os atributos naturais do parque, apresentando uma visão sobre o relevo, solo, recursos hídricos, vegetação e fauna presentes no território. Além disso, a análise desses atributos permitirá a compreensão do papel do parque para a manutenção dos serviços ecossistêmicos, como a regulação do clima e a preservação da biodiversidade.

7.1.1. Relevo

Segundo Carta Geotécnica do Município de São Paulo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT (GEOSAMPA, 2024), o Parque Paraisópolis encontra-se totalmente sobre uma área de Gnaisses e, na Figura 11, observa-se a altimetria do parque e seu entorno. A cota máxima é 800 m ao norte, que decai de forma suave passando por 760 m no centro, onde há uma cabeceira de drenagem, até atingir a cota de 745 a sudeste.

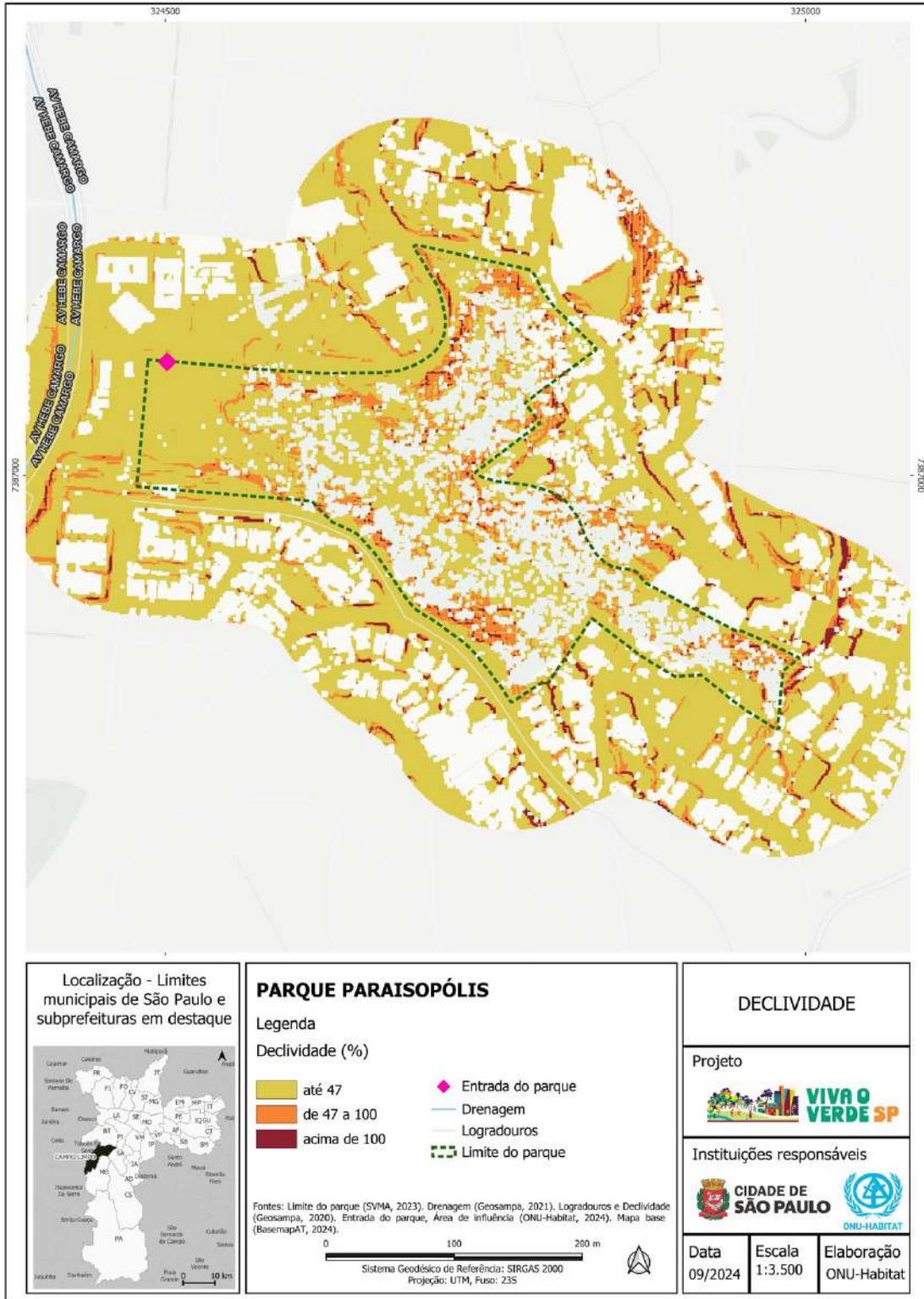
Figura 11 - Hipsometria do Parque Paraisópolis e seu entorno



Fonte: Geosampa, 2024

Há muitas áreas com declividades acima de 30%, distribuídas por todo o parque, o que impôs inclusive a execução de patamares para acomodar alguns usos, como as áreas de parque infantil.

Mapa 11 – Declividades no Parque Paraisópolis e entorno



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat



7.1.2. Solo

As áreas permeáveis do parque são compostas por gramados, canteiros ajardinados, áreas úmidas e bosques heterogêneos. As áreas úmidas, em especial, merecem destaque pela sua importância na prestação de serviços ecossistêmicos, regulação climática, conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos, devendo ser manejadas de forma a minimizar potenciais impactos. Caminhos, estares e edificações, necessários ao correto funcionamento do parque, constituem a parcela impermeável do solo. As observações apresentadas a seguir foram realizadas em visitas de campo entre os meses de novembro de 2023 e junho de 2024.

Na área mais aberta do parque, junto à rua Silveira Sampaio, o solo apresenta-se heterogêneo em razão dos diversos usos, movimentações e aterros promovidos ao longo do tempo. Por se tratar de uma área extremamente alterada por ações antrópicas, o solo do parque não pode ser classificado de acordo com o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos e tampouco há uma classificação oficial a ser utilizada no caso de solos urbanos. Notam-se pequenos pontos de erosão ao longo dos taludes, situação que deve ser contornada quando as espécies forrageiras, plantadas no paisagismo, crescerem recobrando o solo. Pequenas contenções feitas pela equipe do parque, em bambu, ajudam também a estabilizar o solo.

Já na área florestal, observa-se anfiteatro bem-marcado, com a maior parte do terreno possuindo declividade superior a 30%. O solo é rico em matéria orgânica, coberto por espécies forrageiras adaptadas às condições de sombreamento, e possuindo camada contínua de serrapilheira nos pontos mais planos, principalmente composta por folhas de eucalipto (*Eucalyptus* sp.) e tapiá-guaçu (*Alchornea sidifolia*), tornando-se descontínua quanto mais íngreme é o terreno.

Nas trilhas, observam-se pontos de compactação do solo devido ao trânsito prévio de suínos na área do parque, além da presença de entulhos, restos de construção e resíduos diversos, como aqueles decorrentes de manifestações religiosas. Ações antrópicas mais agressivas, como terraplanagem e formação de taludes também foram observadas, áreas previamente utilizadas para construção de moradias. Atenção especial deve ser dada aos pontos de maior declividade presentes no entorno da nascente e córrego, onde a exposição do solo gera suscetibilidade à erosão.

De acordo com a SVMA, não há ocorrências ou registros de erosões ou movimentos de massa relevantes na área interna do parque. A área florestal apresenta solos estáveis, mesmo em áreas com vegetação rasteira ausente.

7.1.3. Água

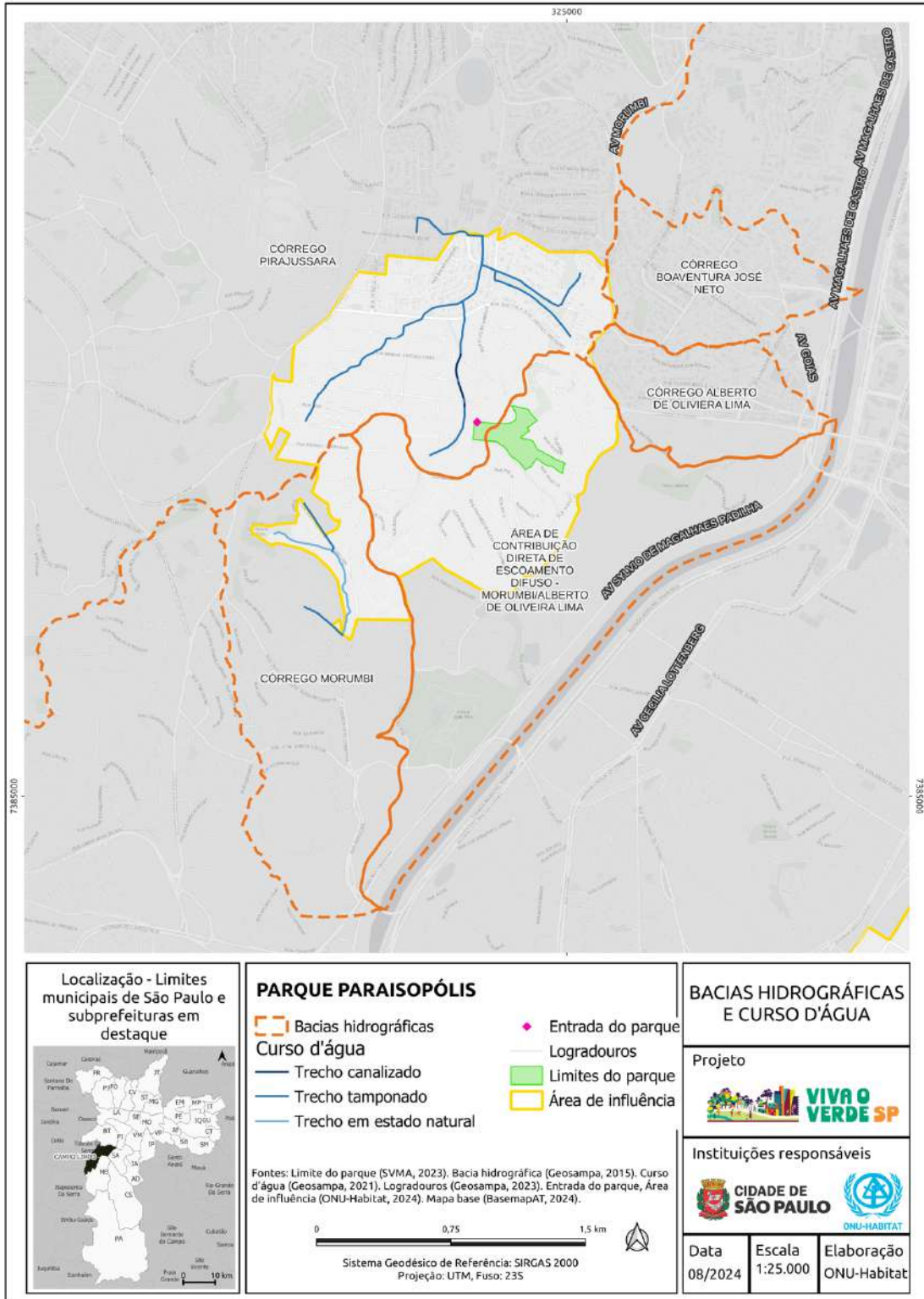
O Parque Paraisópolis situa-se na Bacia do Rio Pinheiros, e entre duas microbacias, divididas pelo interflúvio existente no parque: a Microbacia do Córrego Pirajussara Sul e a área de Contribuição Direta de Escoamento Difuso¹² Morumbi-Alberto de Oliveira Lima, que escoam diretamente ao Rio Pinheiros. O único curso d'água perene existente no parque nasce em uma cabeceira de drenagem em sua área norte e alimenta um contribuinte do Córrego Antonico (Mapa 12).

Figura 12 – Início da trilha que chega próximo da nascente, em área fechada à visitação



¹² Superfície do terreno que contribui com o escoamento de água em determinado ponto.

Mapa 12 - Bacia hidrográfica do Rio Pinheiros e Microbacias



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

7.1.4. Vegetação

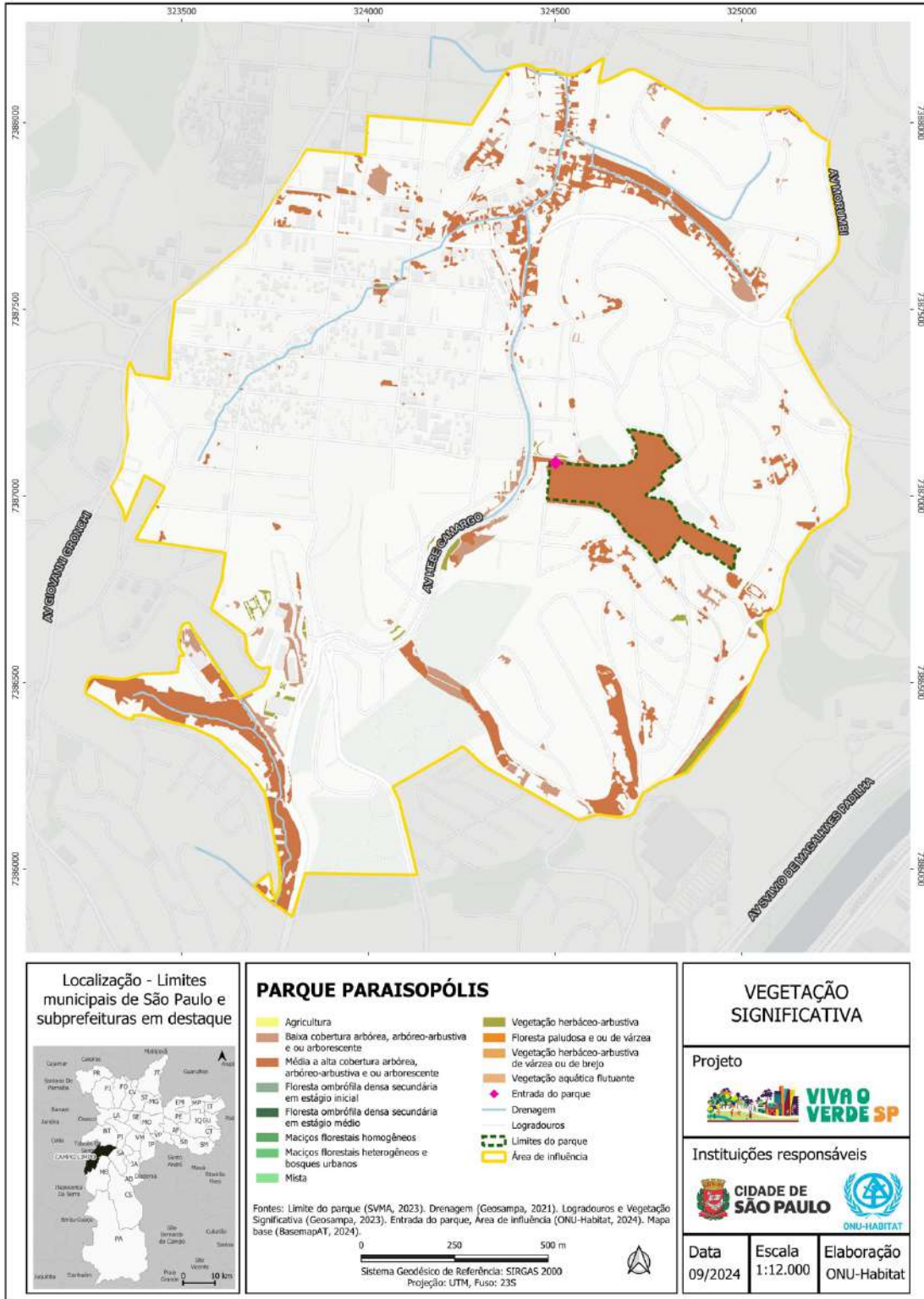
Para o desenvolvimento do Plano de Gestão, a análise da vegetação existente na região que o cerca também é importante, pois assim é possível a identificação da existência de possíveis corredores urbanos de fauna e flora, ou se o parque se comporta como uma área isolada de verde urbano. Para isso, analisou-se três dados disponíveis na plataforma Geosampa, apresentados nos mapas a seguir: o Mapeamento de Remanescentes da Mata Atlântica, o Mapeamento da Vegetação Significativa e o Mapeamento da Cobertura Vegetal no entorno do Parque Paraisópolis.

Figura 13 – Mirante para a área de Mata Atlântica no Parque Paraisópolis



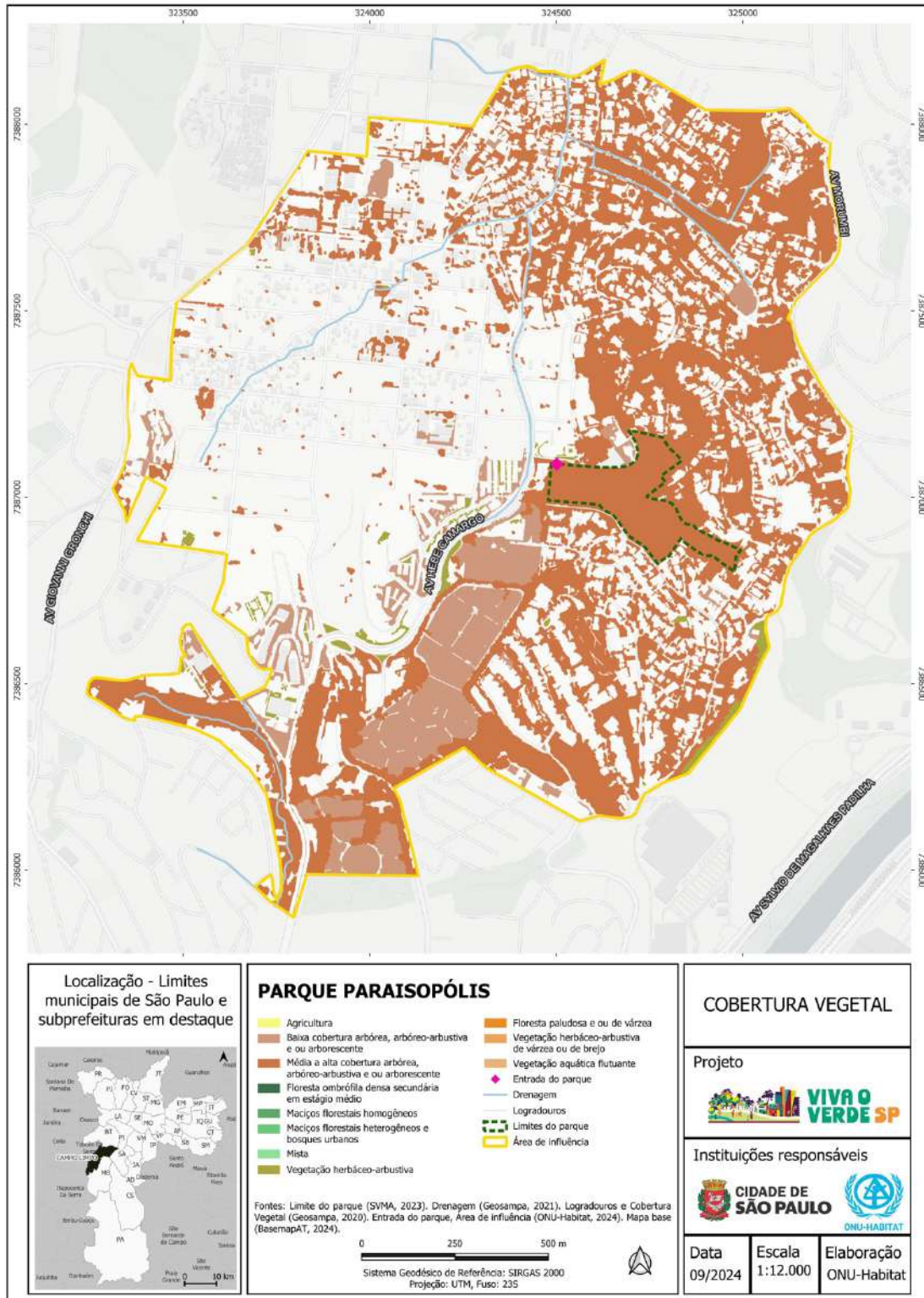
Fonte: ONU-Habitat

Mapa 14 – Vegetação significativa no entorno do Parque Paraisópolis



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Mapa 15 – Cobertura vegetal no entorno do Parque Paraisópolis



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

A Mata Atlântica (Floresta Ombrófila Densa em estágios diversos) ocorre em mancha na área centro-leste do parque, formando conexões e corredores com outros remanescentes no entorno sul e leste.

O remanescente de Mata Atlântica existente no parque ocorre em uma área atualmente fechada à visitação. A trilha passa na borda da vertente da cabeceira de drenagem que nasce no parque, devendo ser mais bem manejada para acomodar os usos desejáveis – pesquisa e gestão, e desejados pela população – trilhas e educação ambiental (Figura 14). Apresenta bosque e sub-bosque bem desenvolvidos no alto da vertente, com áreas de alagadiços no entorno da nascente.

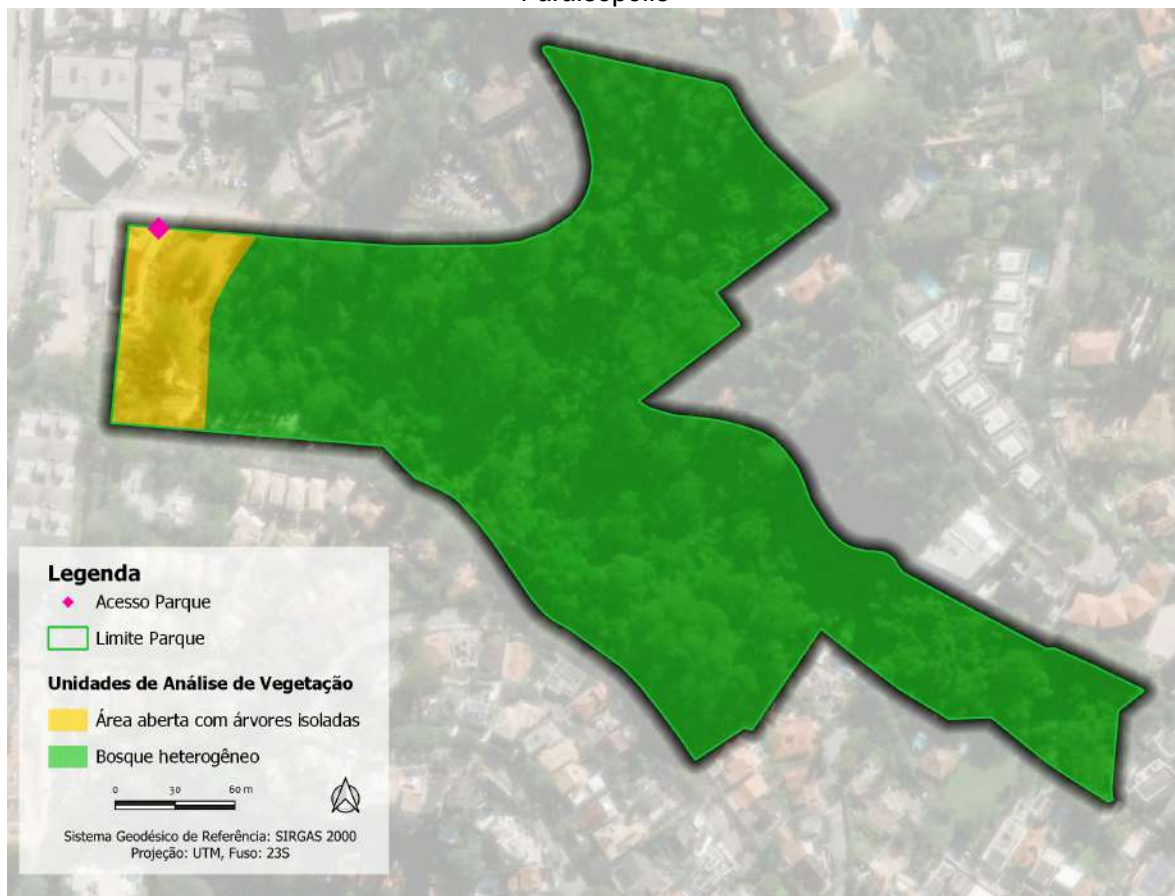
Figura 14 - Remanescentes de Mata Atlântica no Parque Paraisópolis



Elaboração: Adriana Quedas/ONU-Habitat, 2024

A vegetação existente no parque pode ser considerada como de Preservação Permanente pela Lei Municipal nº 10.365/1987, por constituir elemento de proteção ao solo e à água, e por constituir bosque heterogêneo que forme mancha contínua superior a 10.000 m². Há ainda Áreas de Preservação Permanente associadas ao curso de água e à locais de encosta com inclinação igual ou superior a 45 graus (BRASIL, 2012).

Figura 15 - Imagem aérea com delimitação das unidades de análise da vegetação do Parque Paraisópolis



Fonte: ONU-Habitat

A vegetação existente no parque pode ser dividida em duas formações, com tipologias e históricos distintos. Próximo ao portão 1 e à Rua Silveira Sampaio, nota-se área mais aberta, ensolarada, com predomínio de gramados, canteiros ajardinados e árvores isoladas, por hora formando pequenos agrupamentos. É nessa área onde estão a maior parte dos equipamentos, caminhos e estruturas do parque. Estão presentes as espécies nativas fumo-bravo (*Solanum mauritanum*), maricá (*Mimosa bimucronata*), pau-pólvora (*Trema micranta*), aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e pitangueira (*Eugenia uniflora*), além das exóticas ipezinho-de-jardim (*Tecoma stans*), abacateiro (*Persea americana*) e amoreira (*Morus nigra*) (SÃO PAULO, 2020). Destacam-se pela abundância exemplares das exóticas eucalipto (*Eucalyptus* sp.) e eucalipto-cheiroso (*Corymbia citriodora*), que podem chegar a 25 metros de altura, além de um exemplar de figueira (*Ficus elastica*), de grande porte e diâmetro, com presença marcante na paisagem.

Ocupando a maior área do parque, com aproximados 60.000 m², encontra-se o bosque heterogêneo com predominância de eucalipto (*Eucalyptus* sp.), formando dossel de 15-20m de altura, e tapiá-guaçu (*Alchornea sidifolia*), formando o estrato de 10 metros juntamente com outras espécies arbóreas. Entre as espécies nativas do Município de São Paulo, destacam-se o cabuçu (*Miconia formosa*), capixingui (*Croton floribundus*), figueira-branca



(*Ficus adhatodifolia*), pau-jacaré (*Piptadenia gonoacantha*), pixirica (*Leandra variabilis*), sapopemba (*Sloanea hirsuta*), suinã (*Erythrina speciosa*), embaúba (*Cecropia* sp.), guaçatonga (*Casearia sylvestris*), camboatá (*Cupania oblongifolia*) e palmeira-tucum (*Bactris setosa*). Sub-bosque expressivo, com presença esparsa de caetés (*Calathea* sp.), gengibre-azul (*Dichorisandra thyrsiflora*) e lambari (*Tradescantia zebrina*), sendo observada uma espécie de bromélia epífita (*Vriesea* sp.) Samambaias nativas como a samambaia-do-brejo (*Neoblechnum brasiliense*), samambaia-paulista (*Nephrolepis pectinata*) e samambaiacu (*Cyathea* sp.), além da papiroba (*Piper umbellatum*), podem ser visualizadas com frequência no entorno da nascente e córrego (SÃO PAULO, 2010).

Por ocasião da implantação do parque, foi realizado plantio de mudas arbóreas nativas da Mata Atlântica como o jequitibá-rosa (*Cariniana legalis*), araucária (*Araucaria angustifolia*), tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*), pau-formiga (*Triplaris americana*) e manacá-da-serra (*Pleroma mutabile*). No paisagismo observa-se a utilização de espécies ornamentais nativas (como íris-azul, triális, clúsia, guaimbê, grama-amendoim) e exóticas (como moréia, lírio-da-paz, fórmio, barba-de-serpente, gardênia, cordiline, dianela, bulbine, dracena-poá) formando canteiros ajardinados ao logo dos caminhos e áreas de estar.

Até o momento foram identificadas 75 espécies vegetais no parque, sendo 53 nativas e 22 exóticas, muito embora a frequência de indivíduos de espécies exóticas (cultivadas, espontâneas ou invasoras) seja dominante. Considerando-se o total de espécies já registradas para a cidade de São Paulo, o parque abriga aproximadamente 1,5% da diversidade vegetal do município (SÃO PAULO, 2021). Ameaçada de extinção no estado de São Paulo (2016) e no Brasil (2022), temos a araucária (*Araucaria angustifolia*), espécie que outrora foi abundante no território ocupado pela metrópole, mas que hoje encontra-se praticamente desaparecida da paisagem paulistana (BRASIL, 2022).

Como principal ameaça à conservação dessa importante área verde, destaca-se a presença de muitas espécies exóticas com potencial invasor, como: ipezinho-de-jardim (*Tecoma stans*), árvore-do-papel-de-arroz (*Tetrapanax papyrifer*), palmeira-seafórtia (*Archontophoenix cunninghamiana*), maria-sem-vergonha (*Impatiens walleriana*), mamona (*Ricinus communis*), leucena (*Leucaena leucocephala*), abacateiro (*Persea americana*), malvaisco (*Malvaviscus arboreus*), cinamomo (*Melia azedarach*), amoreira (*Morus nigra*), nespereira (*Eriobotrya japonica*) e guiné (*Petiveria alliacea*). Essas espécies, sem o devido manejo, podem acabar dominando as formações florestais do parque, dificultando a germinação e estabelecimento de espécies nativas, a ampliação da biodiversidade e, por fim, a regeneração da fisionomia de floresta Atlântica original (SÃO PAULO, 2010).

Adicionalmente foram verificadas trepadeiras variadas, tais como guaco (*Mikania* sp.), chuchu (*Sicyos edulis*), unha-de-gato (*Ficus pumila*) e salsa-parilha (*Smilax* sp.) (SÃO PAULO, 2010) nas clareiras e faces da floresta com maior insolação. Embora as trepadeiras possam ser prejudiciais, quando em excesso, pelo sobrepeso e abafamento causado à vegetação arbórea, o Plano de Gestão deve considerar também sua importância como recurso alimentar para a fauna silvestre.



Como contribuições do processo participativo, no tocante à vegetação, foram relatados ainda uma falta de manejo adequado da vegetação ornamental, presença de áreas de estar/convívio com pouco sombreamento, cercamento incompleto do perímetro do parque (que possibilita invasões pela área de mata), falta de espécies frutíferas e vontade de abertura de trilha na área florestal com áreas de descanso e local para visualização da nascente. Tais tópicos seguem contemplados também nas diretrizes, dentro do Plano de Ação (Item 10 deste documento).

7.1.5. Fauna

Até o momento foram identificadas 60 espécies de aves silvestres no parque, o que representa 12% do total de espécies da avifauna já registradas para a cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2022). Segundo a SVMA, estão presentes, ainda, cobras - como falsa-coral e cobra-de-vidro, além de saguis e saruês.

Do grupo das aves, aproximadamente 55% das espécies possuem hábito tipicamente florestal, 20% preferem os ambientes abertos/campestres e 1,6% podem ser encontradas com mais facilidade junto aos corpos d'água ou áreas brejosas, além daquelas que podem passear por mais de um tipo de ambiente. Algumas espécies de hábito tipicamente florestal, por serem sensíveis às variações no ambiente, principalmente aquele urbano, costumam ser boas indicadoras da qualidade ambiental. Esse é o caso do juriti-pupu (*Leptotila verreauxi*), mariquita (*Setophaga pitiayumi*), pula-pula (*Basileuterus culicivorus*) e choca-da-mata (*Thamnophilus caerulescens*) presentes no parque (SÃO PAULO, 2023).

Dentre as espécies observadas destacam-se seis endêmicas (10%), com distribuição restrita à Mata Atlântica: tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*), periquito-rico (*Brotogeris tirica*), tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*), pica-pau-anão-de-coleira (*Picumnus temminckii*), arredio-pálido (*Cranioleuca pallida*) e pichororé (*Synallaxis ruficapilla*) (SÃO PAULO, 2010). Com relação ao estado de conservação, destacam-se 14 espécies de aves que podem ser extintas num futuro próximo caso o comércio não seja regulado (CITES, 2022), entre elas o beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*), quiriquiri (*Falco sparverius*), periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri chiriri*), tauató-miúdo (*Accipiter striatus erythronemius*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) e maracanã-pequena (*Diopsittaca nobilis longipennis*).

Figura 16 - Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) e gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), em fotografias registradas no Parque Paraisópolis



Fonte: Anelisa Magalhães, da Divisão de Fauna Silvestre

Além das aves residentes, estão presentes ainda visitantes, com hábitos migratórios, como o enferrujado (*Lathrotriccus euleri*) e o andorinhão-do-temporal (*Chaetura meridionalis*), que podem ser visualizados somente na primavera e verão (SÃO PAULO, 2022).

Parques com ambientes diversificados, como cursos d'água, brejos, áreas abertas e áreas florestadas, com espécies nativas e mesmo cultivadas, funcionam como importantes abrigos da fauna silvestre. As áreas aquáticas e de brejo, especialmente, costumam atrair grande diversidade de espécies, de todas as classes, sendo áreas importantes para a manutenção do equilíbrio ecológico da cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2010).

O registro de espécies endêmicas da Mata Atlântica, ou seja, que são encontradas somente no bioma Mata Atlântica, de espécies ameaçadas e de espécies migratórias, evidencia a importância ecológica e de preservação do Parque Paraisópolis.

Como principal ameaça à conservação da fauna silvestre no parque, destaca-se o acúmulo de lixo decorrente das atividades humanas, que pode facilitar a proliferação de animais sinantrópicos, como roedores e mosquito-da-dengue por exemplo, espécies associadas à transmissão de diversas doenças. Além disso, resíduos sólidos como garrafas, sacos plásticos, embalagens, baterias, pilhas e até restos de comida, além de poluírem o ambiente, colocam os animais em risco, já que eles podem se ferir em materiais cortantes, sofrer sufocamento/estrangulamento ou mesmo ingerir os materiais descartados de forma indevida.

A soltura de pipas, com suas linhas cortantes de cerol ou chilena, causa graves ferimentos à fauna, principalmente nas aves, que podem ter suas asas cortadas, amputadas ou até morrerem em decorrência dos ferimentos. Espécies que constroem seus ninhos com qualquer material que encontrem no ambiente, como é o caso dos psitacídeos (araras, papagaios e periquitos, por exemplo) também são impactados, uma vez que os filhotes crescem emaranhados nesses materiais altamente cortantes (PENSAMENTO VERDE, 2019).



7.1.6. Serviços ecossistêmicos

Áreas verdes, como o Parque Paraisópolis, são prestadoras de inúmeros serviços ecossistêmicos, que muitas vezes são desconhecidos ou mesmo subvalorizados, especialmente no contexto urbano.

De acordo com a Avaliação Ecosistêmica do Milênio (MEA), estudo patrocinado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), os serviços ecossistêmicos podem ser definidos como “os benefícios que as pessoas obtêm dos ecossistemas”, podendo ser subdivididos em quatro categorias, a saber: provisão, regulação, suporte e cultural (MEA, 2005):

- Serviços de provisão são os bens que os ecossistemas fornecem diretamente, como os alimentos, matéria-prima para a geração de energia, fibras, plantas ornamentais e água;
- Serviços reguladores são obtidos a partir dos processos naturais que regulam as condições ambientais, como a purificação do ar, a regulação do clima e o controle de erosão;
- Serviços culturais estão relacionados com os benefícios recreacionais e educacionais; e
- Serviços de suporte são os processos naturais necessários para que os outros serviços existam, como a ciclagem de nutrientes, a formação de solos, a polinização e a dispersão de sementes (MEA, 2005).

Esses serviços têm sido considerados fundamentais para o enfrentamento do impacto das mudanças climáticas, na medida em que minimizam eventos extremos, como chuvas intensas e concentradas, alagamentos, enchentes, inundações e deslizamentos de terra, eventos que geram perdas materiais e ameaçam a integridade física da população (PBMC, 2016).

Assim, considerando o estágio de emergência climática em que se encontra o planeta, é fundamental enxergar os parques enquanto provedores de serviços de regulação climática. Todos os parques oferecem, em maior ou menor grau, os serviços de regulação citados no e na atenuação das ameaças indicadas no Plano de Ação Climática do Município de São Paulo (PLANCLIMA SP) 2020-2050, que são: inundações, ondas de calor, secas meteorológicas. Abaixo seguem as informações que o PlanClimaSP dá sobre a importância das áreas verdes urbanas para remediação ou atenuação dos impactos das ameaças climáticas na cidade de São Paulo e sua população.

Inundações

As áreas verdes urbanas, incluindo as áreas de amortecimento, parques lineares, maciços florestais e remanescentes urbanos funcionam como “esponjas” que absorvem a água da chuva, conduzindo-a para os lençóis freáticos ou mesmo a armazenando no solo. Quanto maior a área permeável, a quantidade de árvores e vegetação e a capacidade de absorção



de água (por m³), maior será o serviço fornecido por aquela área verde quanto ao controle e diminuição de inundações. Assim, áreas menores, mas com boa cobertura arbórea e arbustiva por vezes absorvem mais água da chuva e prestam melhores serviços ecossistêmicos que áreas maiores, mas com solo argiloso exposto, ressecado e pouco permeável.

As Áreas de Preservação Permanente (APPs) também devem estar preservadas para conter as enchentes existentes nos períodos de chuvas intensas que, de acordo com o PlanClimaSP, devem ser cada vez mais recorrentes. Com a revegetação das margens dos córregos, as APPs contribuem para a biodiversidade, para a melhoria da qualidade da água, além de controlar as cheias dos rios e córregos.

Secas Meteorológicas

As áreas verdes urbanas reduzem os efeitos das secas meteorológicas, já que contribuem para que as redes de abastecimento e aquíferos mantenham-se em níveis adequados, agem diretamente na redução da temperatura e na velocidade dos ventos e influenciam no balanço hídrico por meio da evapotranspiração, aumentando a umidade do ar. O Plano de Ação Climática do Município de São Paulo (PlanClimaSP) afirma:

As áreas verdes presentes no Município, por sua vez, são relevantes para a biodiversidade, promovem o aumento da permeabilidade facultando a recarga dos aquíferos e reduzindo os alagamentos e enchentes, contribuem para a manutenção das temperaturas mais amenas, protegem as nascentes e cursos d'água, o que permite o armazenamento nos reservatórios para abastecimento. (PlanClimaSP, p. 24).

Altas Temperaturas e Ondas de Calor

Um dos problemas climáticos das grandes cidades e regiões metropolitanas é o microclima adverso gerado pelas chamadas ilhas de calor. Áreas com predomínio de alvenaria, asfalto e concreto produzem áreas com temperaturas maiores que as circundantes, já que há concentração de materiais que absorvem mais calor e possuem baixa capacidade reflexiva. O adensamento de prédios, que bloqueiam o fluxo de ar e o vento de superfície, e as áreas com grande tráfego de veículos que emitem gases de efeito estufa também contribuem para o aumento de temperatura e para a formação das ilhas de calor.

Nesse sentido, as áreas verdes urbanas são fundamentais para redução das ilhas de calor e de seus efeitos, já que criam áreas sombreadas e de maior umidade que diminuem a temperatura da superfície e favorecem a circulação do ar e de brisas frescas e úmidas. Além disso, as áreas vegetadas absorvem os poluentes atmosféricos por meio do sequestro de carbono.

Áreas verdes contribuem tanto para a manutenção da qualidade de vida dos residentes da cidade, ao diminuir efeitos como ilha de calor urbana e a poluição atmosférica, quanto para a diminuição de riscos de eventos



extremos. Os fragmentos de Mata Atlântica presentes no território da cidade são responsáveis por manter as temperaturas mais amenas, protegem as nascentes e permitem o armazenamento nos reservatórios para consumo, geração de energia, irrigação agrícola e pesca, entre outras atividades (JOLY, 2019, *apud* PlanClimaSP, p. 77).

Estudo recente revela que, se um fragmento de Mata Atlântica de aproximadamente 1ha (10.000 m²) tiver 25% de sua área desmatada, a temperatura local aumenta 1 °C. Se todo o pequeno remanescente for desflorestado, o impacto na temperatura máxima local pode chegar a 4°C (ALISSON, 2020), evidenciando que o desmatamento promove o aquecimento do ar em escala local. Como forma de minimizar e evitar a formação de ilhas de calor, recomenda-se o aumento das áreas verdes na cidade, aumentando o conforto térmico humano nas áreas urbanizadas.

A presença de áreas verdes, embora não elimine as ondas de calor em grandes centros urbanos, pode minimizar seu impacto e agir como medida de adaptação, se aplicada em larga escala, além de apoiar a diminuição de emissões de Gases Efeito Estufa (GEE) decorrentes do consumo de energia elétrica para refrigeração.

Nos últimos anos, as políticas públicas vêm abordando o tema serviços ecossistêmicos, principalmente com o intuito de propor instrumentos para colaborar com a diminuição das taxas de perda desses serviços. Em São Paulo, o Plano Diretor Estratégico (SÃO PAULO, 2014), a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, e o Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA, 2024) elencam um conjunto de áreas na cidade consideradas prioritárias para conservação e recuperação dos serviços ecossistêmicos. Mais recentemente, o Plano Municipal de Conservação e Recuperação de Áreas Prestadoras de Serviços Ambientais (PMSA, 2020) apresenta ainda áreas complementares, como Áreas de Preservação Permanente, áreas de risco com declividade acentuada, Áreas de soltura e monitoramento da fauna nativa, entre outras, como os parques existentes e previstos e suas áreas envoltórias.

O Parque Paraisópolis pode ser considerado, de acordo com o Plano Municipal de Serviços Ambientais (PMSA, 2020), como uma área de importância local, cujos benefícios prestados impactam positivamente a região onde se localizam. Dentre os serviços ecossistêmicos prestados predominam os serviços de regulação, tais como a atenuação microclimática e das ilhas de calor, a contenção de processos erosivos e assoreamento dos cursos hídricos, aumento da permeabilidade e infiltração da água no solo, minimização de enchentes, controle da poluição sonora e melhoria da qualidade do ar.

Como serviço de suporte, destaca-se o favorecimento à movimentação de aves e outros animais no território, funcionando o parque como corredor ecológico, fornecendo áreas de descanso, alimentação e reprodução para a fauna silvestre regional.



Finalmente, mas não menos importante, o parque fornece também serviços culturais, contribuindo com as funções de lazer, recreação e educação ambiental, constituindo-se espaço importante para o convívio social e para a saúde física e mental da população.

7.2. Usos identificados

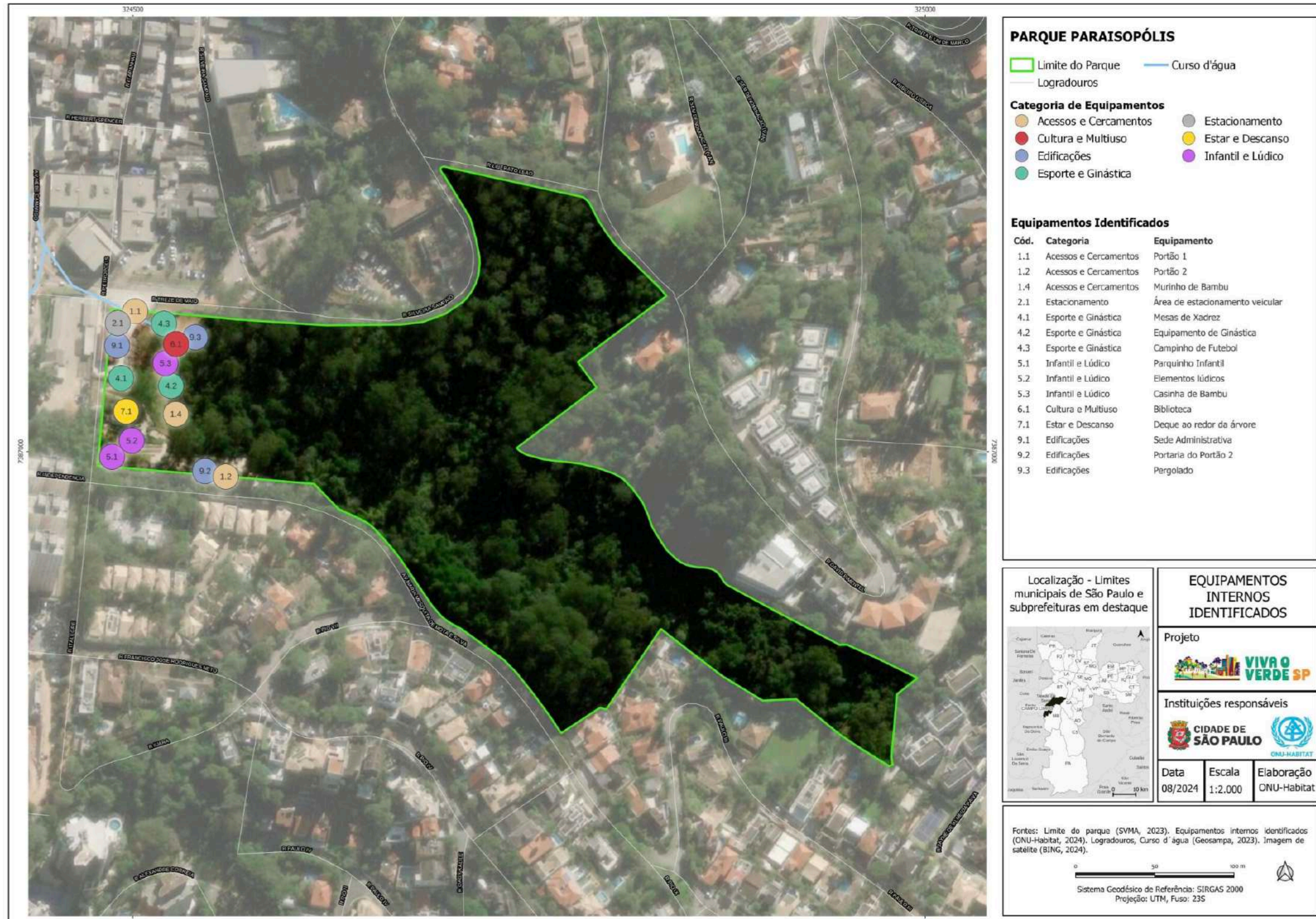
A seguir, estão apresentados os principais usos identificados no Parque Paraisópolis, com a descrição e mapeamento de seus principais equipamentos e espaços internos, a leitura de questões relativas ao regulamento de uso e avaliação de usuários, além de análise dos usos atuais, em que estão detalhados pontos relativos à observação e à avaliação do estado atual do parque.

7.2.1. Equipamentos e Espaços Internos

Para a caracterização interna do Parque Paraisópolis, subdivide-se seus principais equipamentos e espaços internos conforme descrição abaixo e como disposto no Mapa 16.

- Acessos e cercamentos;
- Estacionamento;
- Caminhos;
- Esporte e Ginástica;
- Infantil e Lúdico;
- Cultura e Multiuso;
- Estar e Descanso;
- Animais Domésticos;
- Edificações.

Mapa 16 - Equipamentos e espaços internos no Parque Paraisópolis



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 3 - Acessos e Cercamentos (1)

Os acessos e cercamentos do parque estão delimitados por estruturas específicas.		
1.1	Portão 1	Descrição: Portão de entrada principal do parque com acesso para pedestres e veículos.
1.2	Portão 2	Descrição: Portão secundário do parque, junto à edificação de portaria, atualmente fechado.
1.3	Gradil	Descrição: Gradil metálico referente ao cercamento do perímetro do parque.
1.4	Fundos de lote	Descrição: Fechamento provisório com bambu reaproveitado do parque que separa o contato dos visitantes do parque com a área preservada de mata.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 4 - Estacionamento (2)

As áreas de estacionamento estão delimitadas a locais e equipamentos específicos.		
2.1	Área de estacionamento veicular	Descrição: O parque apresenta entrada de veículos junto à edificação da Sede Administrativa sem marcação de vagas.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 5 - Caminhos (3)

A rede de caminhos do parque, com exceção de espaços de uso restrito ou que possam apresentar risco às pessoas usuárias, delimita caminhos específicos e se compõe com outras áreas para o uso e travessia não direcionados.		
3.1	Passeios	Descrição: Caminhos em piso de concreto.
3.2	Acesso de Manutenção	Descrição: Caminho a partir do Portão 1 , em piso de concreto, passível de entrada de veículo de manutenção na área interna do parque.
3.3	Trilha	Descrição: Área de trilha não estabelecida e sinalizada na área de mata mais densa do parque e próxima à nascente.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 6 - Esporte e Ginástica (4)

Toda a área do parque, com exceção de espaços de uso restrito ou que possam apresentar risco às pessoas usuárias, apresenta usos potenciais para a prática de atividades físicas, havendo, também, equipamentos de esporte e ginástica direcionados para práticas específicas.		
4.1	Mesas de Xadrez	Descrição: Mesas de xadrez em concreto localizadas em área ensolarada.
4.2	Equipamento de Ginástica	Descrição: Equipamentos de ginástica localizados junto ao pergolado principal do parque.
4.3	Campinho de Futebol	Descrição: Quadrinha de terra improvisada criada espontaneamente para a prática de futebol.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 7 - Infantil e Lúdico (5)

Toda a área do parque, com exceção de espaços de uso restrito ou que possam apresentar risco às pessoas usuárias, apresenta usos potenciais para o brincar e para a prática de atividades infantis e lúdicas, havendo, também, equipamentos infantis e lúdicos direcionados para práticas específicas.		
5.1	Parquinho Infantil	Descrição: Área de brincar infantil para estímulos não direcionados, com pisos de diferentes texturas, estruturas elevadas em madeira, tanque de areia e caminhos de topografias distintas.
5.2	Elementos lúdicos	Descrição: Elementos lúdicos, como desníveis e tanques de manipulação de areia, sem direcionamento específico para atividades infantis.
5.3	Casinha de Bambu	Descrição: Casinha feita por equipe do parque com reaproveitamento de resíduos de bambu

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 8 - Cultura e Multiuso (6)

Toda a área do parque, com exceção de espaços de uso restrito ou que possam apresentar risco às pessoas usuárias, apresenta usos potenciais para a prática de atividades culturais e de múltiplos usos, havendo, também, equipamentos culturais e multiuso direcionados para práticas específicas.		
6.1	Biblioteca	Descrição: Área improvisada de biblioteca com estante de livros recebidos a partir de doação próxima ao bicicletário.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 9 - Estar e Descanso (7)

Toda a área do parque, com exceção de espaços de uso restrito ou que possam apresentar risco às pessoas usuárias, apresenta usos potenciais para o estar e descanso de seus usuários, havendo, também, áreas e mobiliários específicos para tais práticas.		
7.1	Deque ao redor da árvore	Descrição: Área sombreada em deque de madeira plástica com encostos ao redor de árvore significativa para o parque.
7.2	Bancos de concreto	Descrição: Estrutura em formato de arquibancada, construída em concreto e madeira plástica, formando mirante que se direciona à área de mata do parque, em que se encontram sua nascente.
7.3	Bancos com tocos de madeira	Descrição: Mobiliário realizado pela equipe do parque com resíduos do manejo arbóreo.

Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

Tabela 10 - Edificações (9)

Principais edificações do parque.		
9.1	Sede Administrativa	Descrição: Edificação principal do parque, em que se localizam escritórios, sala de reunião, copa, sanitários públicos, área sombreada para atividades e depósito de manutenção.



9.2	Portaria do Portão 2	Descrição: Edificação junto ao Portão 2 feita em bloco cerâmico com função de portaria.
9.3	Pergolado	Descrição: Estrutura para sombreamento em área ensolarada do parque.

. Fonte: Elaborado por ONU-Habitat

7.2.2. Regulamento

O Regulamento de Uso de um parque é o instrumento que, instituído por portaria da SVMA, disciplina e regula os usos dos parques municipais da cidade de São Paulo, devendo ser obrigatoriamente cumprido por todos os servidores, trabalhadores, prestadores de serviço e frequentadores visando a melhor gestão e operação do parque.

No caso do Parque Paraisópolis, seu Regulamento de Uso ainda não está instituído por meio de Portaria Municipal.

7.2.3. Avaliação das pessoas usuárias

Este tópico apresenta a análise do resultado das entrevistas com pessoas usuárias do Parque Paraisópolis realizadas pela ação “Avaliação de Espaços Públicos da Cidade” do projeto “Viva o Verde – ONU-Habitat”.

- Há predomínio do perfil etário entre 20 e 39 anos (56%) de homens cisgênero (59%) autodeclarados pardos (50%), portanto, menor participação social de grupos idosos (mais de 60 anos, 14%), mulheres em geral (41%) e, particularmente, público transgênero, agênero e não-binário/fluido, que não aparecem na pesquisa, e pessoas pretas (17%). Pessoas com deficiência representam 8% do público entrevistado, sendo que a maior parte dessas pessoas se vinculada a alguma deficiência intelectual (60%);
- Observa-se uma frequência de público caminhante (89%), indo ao parque a partir de suas residências (81%) e com boa assiduidade, superior a três visitas semanais ao parque (40%). Lazer, contemplação, atividade física e passeio com animal doméstico se destacam como motivações de visita;
- Não se identificou a presença de pessoas estrangeiras visitantes no parque e que a maior presença, entre as pessoas com deficiência (PCDs), de pessoas com deficiência intelectual (60%), pode apontar para a necessidade de atividades específicas para estes públicos, assim como para públicos de idosos, pretos e transgêneros, menos representados no parque;
- Sensação geral de segurança (92% muito seguro) e baixo índice de relação com atos inadequados (95% nunca presenciou);



- Baixo desconhecimento de meio para buscar informação sobre o parque (6%), sendo destaque para possíveis melhorias as infraestruturas de lazer e áreas livres, maior oferta de programação cultural e/ou feiras livres e a conservação de vegetação, fauna e corpos d'água; e
- Não é possível contabilizar os públicos infantis e jovens, pois apenas maiores de 18 anos participaram da pesquisa.

7.2.4. Análise dos usos atuais

Análise realizada pela equipe de consultores ONU-Habitat, entre os meses de fevereiro e março de 2024, por meio de roteiro metodológico de observação e avaliação de espaços públicos para parques com uso público.¹³ Para isso, foram avaliados os seguintes tópicos:

- Perfil das pessoas usuárias;
- Parceiros existentes e potenciais;
- Meios de informação;
- Condições gerais; e
- Práticas espontâneas negativas.

Perfil das pessoas usuárias

Palavras-chave: Familiar e infâncias.

Percepção geral: Grande público infantil durante a semana, muitas vezes desacompanhados e em horários de saída da escola ou de entrada no Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), famílias nos finais de semana e baixa presença de pessoas moradoras dos condomínios fechados vizinhos ao parque, embora o público principal seja de moradores da região.

Público estimado pela gestão: De 200 a 250 pessoas frequentadoras por dia, podendo chegar entre 1.500 e 2.000 em finais de semana de tempo aberto e ensolarado

Parcerias existentes e potenciais

O parque conta com atividades regulares e semanais com parceiros do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) e Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) próximos, além de atividades de rodas de capoeira aos finais de semana. Conta também com a oferta de atividades pontuais, por parceiros espontâneos, e apresenta grande potencial de articulação com o Centro Educacional Unificado (CEU) Paraisópolis – Professora Marisa Motta, assim

¹³ A metodologia aplicada segue parâmetros vinculados às pesquisas de avaliação de espaços públicos de lazer e parques urbanos elaboradas pelo professor Reinaldo Pacheco (EAH-USP Leste), integrante do Grupo de Referência do projeto Viva o Verde/ONU-Habitat.

como outros equipamentos municipais, como já indicado no tópico anterior a respeito do Território-Parque.

Meios de informação

Sinalização Externa: Não foram encontrados elementos de sinalização do parque na área externa. A sinalização externa é elemento bastante importante para o parque, já que não há acesso direto com a principal via da região, a Avenida Hebe Camargo.

Sinalização Interna: O parque apresenta projeto de comunicação visual para a sua sinalização interna, porém grande parte desta sinalização se encontra inegível pelo desgaste natural. Além disso, o projeto original não aportou todas as necessidades do parque e, provavelmente por este motivo, há um uso de diferentes modelos de sinalização interna (Figura 17).

Figura 17 - Diferentes modelos de sinalização interna do parque



a)



b)



c)



d)

Fonte: ONU-Habitat, 2024

Atendimento ao Visitante: Não há ainda projeto de atendimento aos visitantes, cabendo às equipes não especializadas do parque o diálogo com as pessoas frequentadoras.

Instrumentos de comunicação interna e externa: O parque apresenta comunicação com os públicos apenas através dos canais de comunicação oficiais da Secretaria do Verde e Meio Ambiente (SVMA).

Acesso à internet: Acesso à internet restrito aos computadores e telefone celular da administração, já que o parque não possui rede de WI-FI, nem para os trabalhadores do parque e nem de forma gratuita para os seus usuários.

Figura 18 – Diferentes modelos de sinalização interna do parque.



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Figura 19 - Banners expostos com as regras do parque e informações gerais



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Condições gerais

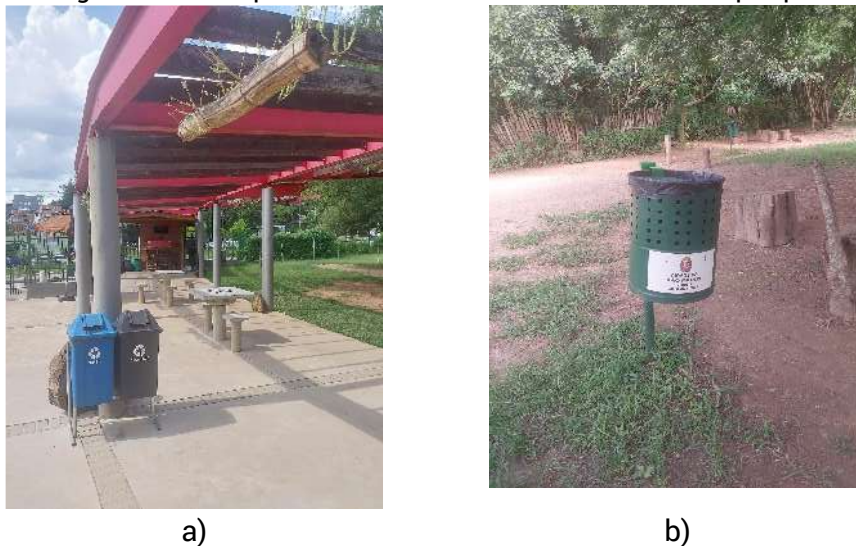
Lixeiras: Lixeiras disponíveis no parque em número suficiente para o público, porém em modelos diferentes e sem padronização, com e sem a separação entre resíduos (Figura 20/c). O parque não apresenta sistema integral de separação de lixo, mas há atividades pontuais, como oficinas de uso de garrafas PET para a confecção de vasos, por iniciativa de suas equipes, e atividades de educação ambiental (Figura 20/b). Além disso, o parque apresenta área demonstrativa de compostagem de resíduos subutilizada (Figura 20/a) e área na mata em que se realiza a maior parte da compostagem da vegetação do parque.

Figura 20 - Área destinada a compostagem, reciclagem e modelo de lixeira



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Figura 21 - Exemplos de diferentes modelos de lixeira no parque



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Bebedouros: O parque possui três bebedouros suficientes para o público visitante distribuídos de forma equilibrada pelos espaços do parque. O modelo utilizado apresentava problema em relação ao fluxo de água, que não permitia o controle dos usuários, e, por este motivo, foi adaptado por uma torneira. Verifica-se também o uso indevido dos bebedouros para a limpeza de pés (Figura 22/c).

Figura 22 - Modelos de bebedouros do parque e informação referente ao seu uso



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Edificações: O parque apresenta edificação principal de caráter administrativo e de manutenção geral (Figura 23/a), em que estão localizados os principais sanitários públicos e concentradas as áreas de copa e refeição, de manejo de recicláveis e demais estruturas para o suporte das equipes de manejo e zeladoria. Além disso, os portões do parque apresentam pequenas edificações com estrutura de portaria (Figura 23/b). Verificou-se a necessidade de suporte periódico de infraestruturas de funcionamento, como botijões de gás – que são adquiridos pelas equipes de forma colaborativa – e necessidade de área coberta para atividades, pois a principal sala da edificação é também destinada ao escritório de gestão do parque.

Figura 23 - Imagens das principais edificações do parque



a)



b)

Fonte: ONU-Habitat, 2024

Equipamentos de Uso Esportivo e Ginástica: Destacam-se como equipamentos direcionado a atividades esportivas, no parque, mesas de xadrez e aparelhos de ginástica no modelo de Academia da Terceira Idade (ATI), estes últimos localizados próximos à área do pergolado. Há ainda um campinho improvisado de futebol, com marcações de gol em madeira, em área gramada do parque, criado de forma espontânea pelas crianças frequentadoras.

Figura 24 - Visuais das principais áreas do parque com equipamentos esportivos



a)



b)

Fonte: ONU-Habitat, 2024

Equipamentos de Uso Infantil e Lúdico: Os principais equipamentos infantis do parque ficam espaçados em área superior do parque, entre patamares e passarelas. Há brinquedos de uso direcionado, como gangorras, por exemplo, e também áreas de uso mais lúdico, com morrotes e tanque de areia. Observou-se o uso indevido de equipamentos de ginástica por

crianças como se fossem equipamentos infantis, enquanto algumas áreas destinadas ao uso infantil se encontram subutilizadas (Figura 25/d). Além disso, alguns brinquedos criados para a apropriação lúdica de crianças estão tendo usos não planejados que colocam as crianças em risco (Figura 25/b), além de estarem sofrendo danos estruturais. Vale destacar que a equipe de manejo do parque atua na criação de elementos com resíduos vegetais do próprio parque e elaboraram uma casinha de bambu para uso infantil (Figura 25/a).

Figura 25 - Registros de parte das áreas dedicadas aos equipamentos infantis



a)



b)



c)



d)

Fonte: ONU-Habitat, 2024

Iluminação: O parque apresenta grande concentração de postes de iluminação, com luz direcionada, especialmente no percurso da passarela.

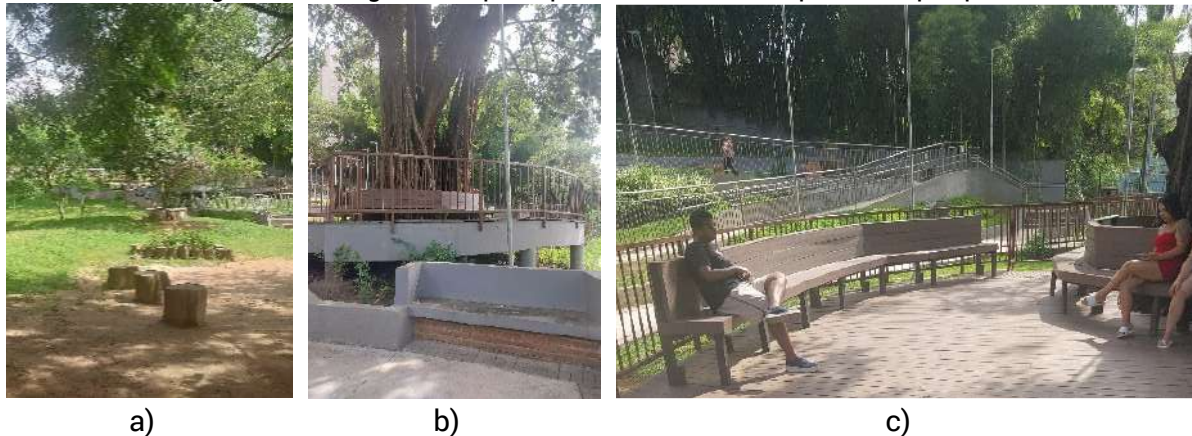
Figura 26 - Visual com destaque para os postes de iluminação



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Equipamentos de Estar e Descanso: Há quantidade suficiente de equipamentos de repouso com grande variedade de mobiliário, em diferentes materiais, como concreto e madeira plástica. A construção de mobiliário com tocos de madeira (Figura 27/a), reaproveitados de resíduos do parque, pode indicar a necessidade de novas áreas de repouso, especialmente aquelas vinculadas à prática de piquenique.

Figura 27 - Imagens dos principais elementos de repouso do parque



Fonte: ONU-Habitat, 2024

Equipamentos de Educação Ambiental: O parque apresenta área coberta com estrutura de minhocário e bancada de atividades educativas, como oficina de separação de resíduos, junto à edificação principal da administração (Figura 28/a), além de área de viveiro de plantas (Figura 28/b), sugestão de trilha na mata (Figura 28/c) e área de biblioteca de livros doados (Figura 28/d). Possui também área de compostagem, atualmente subutilizada, que, além de fazer parte da gestão de resíduos do parque, é também um equipamento importante de educação ambiental.

Figura 28 - Registros das áreas em que se realizam atividades de educação ambiental



a)



b)



c)



d)

Fonte: ONU-Habitat, 2024

Estacionamento: Não há estacionamento público.

Práticas espontâneas negativas

Foram reportados casos de incêndio na mata, grande ocorrência de cachorros soltos no parque, especialmente da raça pitbull, sem focinheira, e fezes de animais sem recolhimento de seus tutores, entulho de condomínios de alto padrão em área junto ao parque e conflitos com a atividade de soltar pipa.



8. Setorização

Para a setorização do Parque Paraisópolis, foram definidos distintos setores e subsetores do parque considerando-se, com igual importância, o grau de conservação dos recursos naturais, ou seja, a quão preservada ou modificada se apresenta uma área, e as possibilidades de uso dos públicos visitantes, indo do uso mais intensivo até o mais restritivo.

Sendo assim, definem-se:

Setor 1 – Uso público intensivo: Interferência muito significativa no ambiente natural e uso intensivo dos públicos. Caracteriza-se por áreas em que se concentram os principais equipamentos, usos e atividades do parque, com grande circulação e presença de pessoas, em que há grande interferência no ambiente natural.

No Parque Paraisópolis inclui área de administração, pergolado, playgrounds, equipamentos de ginástica e portarias.

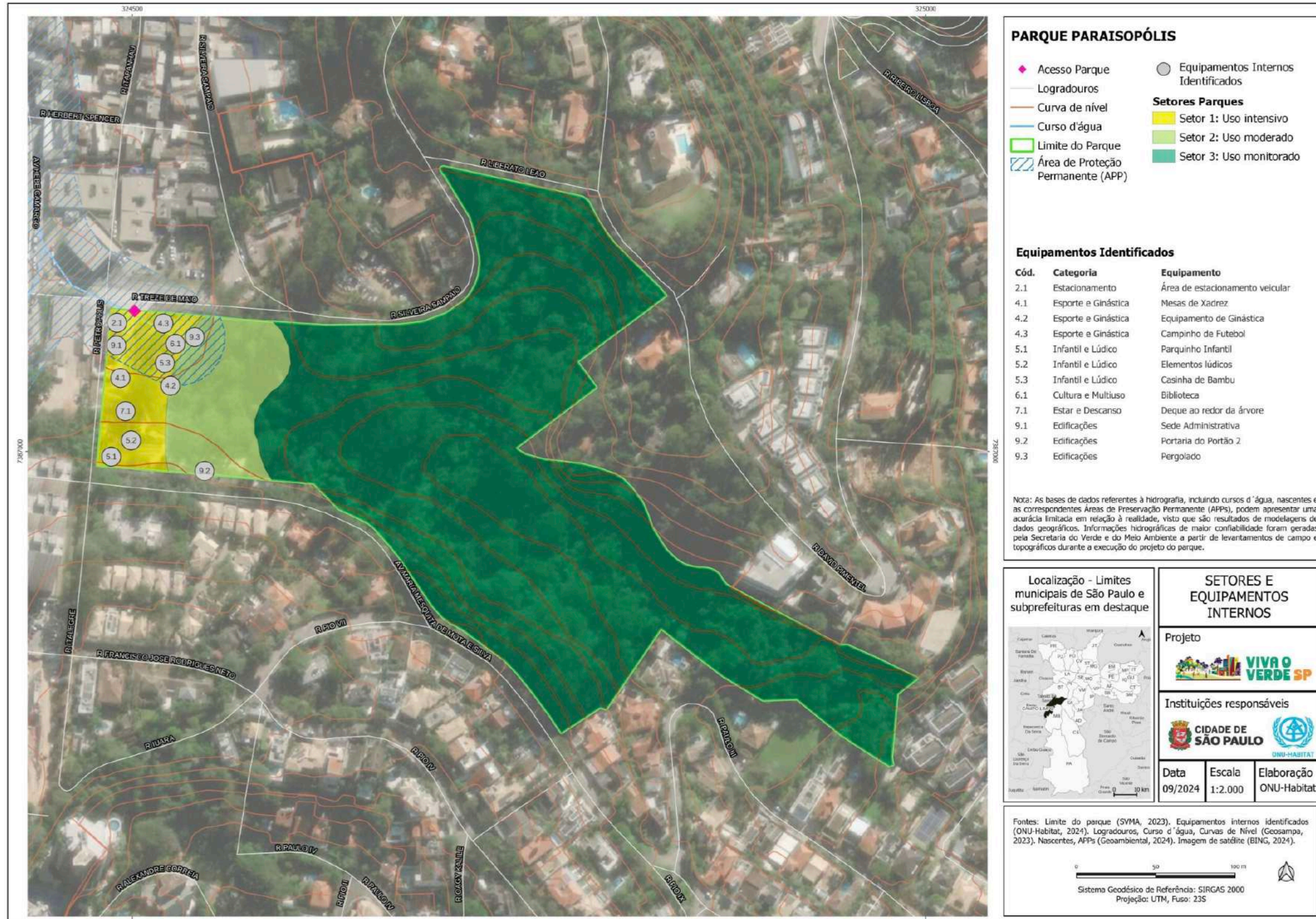
Setor 2 – Uso moderado: Interferência pouco significativa no ambiente natural e uso semi-intensivo (leia-se moderado) dos públicos. Caracteriza-se por áreas em que há equipamentos, usos e atividades de menor impacto no ambiente construído, com menor circulação e permanência de pessoas, sendo área de transição entre setor de uso mais intensivo (Setor 1) e aquele mais restritivo (Setor 3).

No Parque Paraisópolis inclui área de bosque adjacente ao setor 1.

Setor 3 – Uso monitorado: Pouca ou nenhuma interferência no ambiente natural, com uso público monitorado. Caracteriza-se por áreas em que há poucos ou nenhum equipamento, uso e atividades públicas, com restrição de circulação e permanência de pessoas. Permitidas atividades de baixíssimo impacto e acesso limitado, com monitoramento e privilegiando a conservação ambiental.

No Parque Paraisópolis inclui áreas de bosque mais preservado, áreas de maior declive, região da nascente e córrego.

Mapa 17 – Setorização do Parque Paraisópolis



Fonte: Elaborado por ONU-Habitat



9. Gestão

A gestão pública é orientada por uma série de preceitos que visam garantir que os recursos públicos sejam administrados de forma eficiente, transparente e em benefício do bem comum e interesse público. Dado que as pessoas “interessadas e impactadas” (em inglês, *stakeholders*) na e pela gestão pública são os habitantes da cidade e a própria sociedade civil em geral, os instrumentos que facilitam a participação social na concepção, construção e avaliação de políticas públicas contribui diretamente para que a gestão cumpra com a sua função social de maneira qualificada.

Tal forma de interagir nos seus processos internos em comunicação com partes externas à instituição pode também dar corpo ao que conhecemos como governança: à governança confere-se um conjunto de processos, políticas, leis e instituições que asseguram a direção, controle e prestação de contas de uma organização (ARAGÃO, 2006).

Durante a elaboração deste Plano de Gestão, apareceu em destaque a necessidade de detalhar o fluxograma entre as demandas dos conselhos gestores dos parques bem como dos meios de comunicação institucionais para informar, registrar e armazenar informações dos parques em questão.

9.1. Os Conselhos de Meio Ambiente

Os Conselhos de Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES) Municipais e Regionais e os Conselhos Gestores de Parques são instâncias importantes de participação social e democrática na gestão ambiental e no desenvolvimento sustentável na cidade de São Paulo. Ambos estão vinculados à Secretaria do Verde e do Meio Ambiente (SVMA), embora o primeiro se reúna na Subprefeitura e tenha como presidente o subprefeito do respectivo território onde atua o conselho.

A atuação dos Conselhos Gestores nos Parques Municipais está prevista na Lei Municipal nº 15.910/2023. São compostos por representantes da comunidade, dos trabalhadores locais e de instituições públicas e privadas, e são responsáveis pela instância participativa mais próxima da população. Na ausência de quórum para a implantação do Conselho Gestor de Parque, o CADES Regional é a instância adequada para assumir a pauta relativa às questões que tangem os parques urbanos.

Em ambos os conselhos, os conselheiros são eleitos para um mandato de dois anos e contribuem de forma consultiva com as políticas públicas da SVMA. A Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal (CGPABI), da Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU), é aliada à Coordenação de Gestão dos Colegiados (CGC), da Divisão de Planejamento e Apoio aos Colegiados (DPAC) na condução dos conselhos gestores de parques.



Processo de Eleição dos CADES Regionais

Os Conselhos de Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz (CADES) Regionais são conselhos consultivos, que atuam nas subprefeituras de São Paulo, com o objetivo de promover a participação da sociedade na gestão ambiental e no desenvolvimento sustentável (PMSP, 2024). Cada subprefeitura possui um CADES, e os conselheiros são eleitos por um processo que inclui:

- **Publicação de Edital:** A SVMA publica um edital convocando a eleição para o CADES em cada subprefeitura. O edital contém informações sobre as vagas, cronograma, requisitos para candidatura e local da votação.
- **Candidatura:** Os cidadãos interessados em participar como conselheiros devem se inscrever como candidatos. Normalmente, é necessário ser residente ou ter vínculo com a subprefeitura onde se deseja candidatar.
- **Requisitos:** Os candidatos devem atender a requisitos específicos, como ter mais de 18 anos e ser eleitor no município de São Paulo. Além disso, precisam apresentar um plano de trabalho ou proposta que justifique sua candidatura.
- **Votação:** A eleição é aberta à participação popular. Os moradores da região da subprefeitura podem votar nos candidatos, geralmente em um local indicado pelo edital. A votação é direta e secreta.
- **Apuração e Resultado:** Após a votação, os votos são apurados, e os candidatos mais votados são eleitos como conselheiros titulares e suplentes. Os mandatos geralmente têm a duração de dois anos.
- **Posse:** Os eleitos são empossados em cerimônia oficial e passam a compor o conselho, participando de reuniões periódicas e contribuindo com sugestões, análises e propostas para o meio ambiente mais equilibrado a partir da realidade local, do que se apresenta de desafios e oportunidades em cada território da subprefeitura.

Processo de Eleição dos Conselhos Gestores de Parques

Os Conselhos Gestores de Parques são formados por representantes da sociedade civil e do poder público, com o objetivo de discutir e decidir sobre questões relacionadas à gestão e manutenção dos parques municipais de São Paulo.

- **Convocação:** a eleição dos Conselhos Gestores de Parques é convocada pela SVMA, que publica um edital especificando as vagas disponíveis, o cronograma, e os procedimentos para a eleição.;
- **Candidatura:** as pessoas interessadas em ser membros do conselho devem se candidatar, atendendo aos critérios estabelecidos no edital. Normalmente, precisam ser frequentadoras do parque ou representantes de organizações relacionadas ao meio ambiente e lazer;



- **Votação:** a eleição das pessoas conselheiras é realizada em um evento aberto à comunidade para votação;
- **Apuração e Resultado:** as pessoas candidatas mais votadas se tornam conselheiros titulares ou suplentes, conforme o número de vagas. A apuração dos votos é feita no próprio evento eleitoral;
- **Posse e Atuação:** as pessoas eleitas são empossadas e começam a participar das reuniões do conselho, onde discutem questões como a conservação do parque, a promoção de atividades culturais e educativas, e a fiscalização de serviços prestados no local.

Tanto os CADES quanto os Conselhos Gestores de Parques funcionam como espaços de participação democrática, onde representantes da sociedade civil e do poder público discutem e colaboram na gestão das políticas ambientais, a conservação e a melhoria dos espaços públicos.

Esses conselhos são fundamentais para a promoção de uma gestão participativa e para o fortalecimento da democracia no âmbito local, permitindo que os cidadãos tenham voz ativa nas questões que afetam as suas dinâmicas territoriais e o seu cotidiano em relação à cidade como um todo.

Os fluxogramas de comunicação entre a gestão e as partes interessadas foram redefinidos pela SVMA, paralelamente à elaboração deste documento. Essa reformulação visa fortalecer a transparência, garantir a impessoalidade – por meio de um procedimento que trate todos de maneira equitativa – e assegurar a responsabilidade do poder público em relação às demandas, respostas e contribuições provenientes das instâncias de participação.

Nesse sentido, foi criada a Portaria nº 114/SVMA/2024 cujo Art. 7º aborda sobre os requerimentos de informação do conselho gestor sobre assuntos que não compete à pessoa coordenadora do conselho responder instantaneamente, mas uma divisão técnica específica da gestão da SVMA ou de outra Secretaria.

Esta portaria estabelece que:

Art. 7º. Requerimentos de Informação: Processo que deverá ser vinculado ao processo-mãe.

§ 1º Para cada Requerimento de Informação deverá ser autuado um processo próprio em até 5 (cinco) dias após a reunião.

§ 2º A denominação do processo deve conter a seguinte inscrição: "Parque XXXXX - Conselho Gestor - Requerimento nº XX/20XX".

§ 3º Quando do encaminhamento do processo, o prazo de 30 dias deverá ser informado, conforme previsto no artigo 7º, §6º da Lei Municipal nº 15.910/2013;

§ 4º O processo deverá seguir o seguinte fluxo:

I - O Gestor autua e instrui processo próprio do requerimento, informando o prazo de 30 dias para resposta, a partir do encaminhamento;



- II - O Gestor encaminha o processo para SVMA/CGPABI/DGPU;
- III - SVMA/CGPABI/DGPU encaminha o processo à SVMA/CGPABI solicitando envio às unidades competentes;
- IV - SVMA/CGPABI encaminha o processo às unidades competentes;
- V - As Unidades devem responder o processo e devolver à SVMA/CGPABI, dentro do prazo de 30 dias, que devolverá à SVMA/CGPABI/DGPU, retornando-o ao respectivo parque com as informações;
- VI - Quando do retorno com as informações, o Gestor deve apresentar as respostas ao conselho.

No caso da difusão de informações e comunicação da gestão da SVMA, perante a população, atualmente essa acontece de maneira acordada com o Conselho Gestor sobre os melhores veículos de comunicação, sendo o WhatsApp o mais utilizado.

As atas que desdobram das reuniões do conselho são publicadas no site da própria Secretaria. Contudo, a gestão possui a plataforma WebParques (2024) pensada para que seja um fórum contendo informações e recursos sistematizados para potencializar e aprimorar a administração desses equipamentos.

9.2. Custos de manutenção

Este item apresenta a distribuição dos custos associados à manutenção e operação do parque, ao longo do ano de 2023. O objetivo é fornecer uma referência inicial que permita o planejamento estratégico para alocação dos recursos e investimentos de maneira eficiente e alinhada às necessidades do parque. A distribuição dos custos está categorizada da seguinte forma:

1. Contratos de vigilância patrimonial desarmada: despesas relacionadas aos serviços de segurança e atendimento ao público, orientação e informações às pessoas frequentadoras, bem como rondas regulares visando a manutenção e conservação da infraestrutura, instalações, equipamentos e patrimônio;
2. Contratos de manejo e conservação de áreas verdes: investimentos destinados à limpeza, conservação e zeladoria predial, englobando atividades como jardinagem dos canteiros e gramados, conservação do patrimônio arbóreo, e conservação geral da vegetação e das áreas do parque. Além disso, abrange varrição, limpeza de instalações e zeladoria de sanitários;
3. Contratos de manutenção civil: despesas associadas à conservação e reparo das infraestruturas e edificações, abrangendo serviços de pintura, hidráulica, serralheria e alvenaria, conforme as necessidades identificadas;
4. Custos administrativos: incluem os salários da equipe administrativa;
5. Custos de água e energia: gastos contínuos com serviços essenciais.

A Tabela 11 fornece os custos mensais referentes à cada categoria indicada acima. As informações foram obtidas junto à Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU) e à



Coordenação de Administração e Finanças (CAF). A ausência de alguns valores é atribuída à falta de dados disponíveis.

A partir dos dados apresentado, é possível verificar que o custo global de operação e manutenção do Parque Paraisópolis no ano de 2023 foi de R\$ 1.934.961,92 (um milhão, novecentos e trinta e quatro mil, novecentos e sessenta e um reais e noventa e dois centavos).

Tabela 11 - Distribuição dos custos de manutenção e operação do Parque Paraisópolis (valores em Real)

Mês / Custo	Vigilância	Manejo e Conservação	Manutenção Civil	Administrativo	Água	Energia	Total Geral
Janeiro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	2.094,44	2.460,76	161.481,88
Fevereiro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	1.787,69	2.703,88	161.418,25
Março	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	1.916,90	3.316,32	162.159,90
Abril	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	1.541,47	1.357,86	159.826,01
Maio	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	1.550,93	1.431,51	159.909,12
Junho	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	2.202,04	2.547,21	161.675,93
Julho	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	3.037,15	1.878,28	161.842,11
Agosto	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	2.662,72	1.834,84	161.424,24
Setembro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	2.044,53	2.168,80	161.140,01
Outubro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	4.067,72	1.177,05	162.171,45
Novembro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	2.606,52	1.656,81	161.190,01
Dezembro	90.528,52	49.714,47	11.321,69	5.362,00	709,42	3.086,91	160.723,01
Custo Anual	1.086.342,20	596.573,68	135.860,28	64.344,00	26.221,53	25.620,23	1.934.961,92

Fonte: Adaptado de DGPU e CAF / ONU-Habitat, 2023

10. Plano de Ação

O Plano de Ação está dividido em dois quadros, um referente às diretrizes e outro às ações. A origem das diretrizes e das ações pode ser de base técnica, introduzidas pelas equipes da SVMA e do ONU-Habitat, ou de base participativa, demandas levantadas nas oficinas realizadas com a população (Anexo I) e pelos Conselhos Gestores e CADES Regionais durante o processo de elaboração do Plano de Gestão. Os quadros apresentam diretrizes e ações para o parque e seu entorno (Território-Parque).

Esse conjunto de diretrizes e ações estão acompanhadas por uma estimativa de prazo e prioridade e, eventualmente ainda, de potencial parceria que a gestão da SVMA pode firmar para fortalecer ou viabilizar a sua execução. Observa-se que não foi estimado um prazo para as diretrizes e ações do Território-Parque, uma vez que sua realização dependerá da articulação da gestão do parque com outras instâncias da SVMA, entidades ou secretarias.



A definição dos responsáveis deve integrar o procedimento relatado acima: a pessoa coordenadora do Conselho Gestor do parque, ao formalizar a demanda ou requerimento de informação, deve solicitar o encaminhamento à unidade competente de acordo com a anuência da Coordenação de Gestão de Parques Urbano e Biodiversidade (CGPABI).

Com base nisso, a validade do presente Plano de Gestão é de cinco anos. Neste período estão contidas as diretrizes e ações de até dois anos, intituladas diretrizes de curto prazo, e as diretrizes e ações de até cinco anos intituladas de médio prazo.

Além disso, estão incluídos os “desejos de futuro” que não são necessariamente diretrizes ou ações de longo prazo, mas aquelas que podem acontecer no decorrer dos cinco anos a partir da articulação, relevância e vontade política envolvidas.

10.1. Definição de Prazo e Prioridade

Para a execução eficiente das ações e diretrizes indicadas, foi estabelecida uma estrutura de prazos e prioridades que orientam a implementação do plano de ação, bem como asseguram que os recursos sejam alocados de maneira estratégica para atender às necessidades mais prementes.

Os prazos categorizam as atividades e ações conforme sua urgência e complexidade, visando garantir que os objetivos sejam atingidos em tempo hábil. Sua classificação em “curto”, “médio” e “ações recorrentes” permite uma abordagem que distingue o que precisa de atenção imediata e o que pode ser abordado de maneira gradual.

A definição de prioridades na gestão pública envolve a identificação e classificação das necessidades e objetivos para garantir a melhor utilização dos recursos disponíveis.

Dessa forma, a definição dos prazos e prioridades está orientada pelos seguintes critérios:

Prazo

Curto Prazo: Ações que possuem prioridade alta e que são resolutivas em dois anos.

Médio Prazo: Refere-se a um período intermediário de cinco anos, quando será realizado um balanço das diretrizes e ações implementadas. Este prazo requer um estudo de viabilidade. Levam um tempo para ser planejadas antes de implementadas.

Ação recorrente: Ações de manutenção, que já ocorrem e que cotidianamente podem ser monitoradas.

Periodicidade ou vigência do Plano: dez anos e revisão intermediária (balanço) cada cinco anos.



Prioridade

A definição de prioridades na gestão pública envolve a identificação e classificação das necessidades e objetivos para garantir a melhor utilização dos recursos disponíveis. Os critérios geralmente incluem:

Prioridade zero: Diretrizes e ações que precisam ser realizadas imediatamente para evitar problemas maiores. Trata-se de diretrizes e ações que apresentam um risco alto para a população e que, no prazo de um ano, devem ser executadas ou encaminhadas antes das demais ações – inclusive de curto prazo.

Prioridade alta: Diretrizes e ações que devem priorizar áreas que comprometem o uso e função socioambiental do parque. Trata-se de diretrizes e ações que apresentam um impacto grande na percepção de uso da população.

Prioridade média: Diretrizes e ações que conferem benefícios à qualidade ambiental ou de uso para os frequentadores do parque. Deve-se considerar a viabilidade técnica, financeira e política das ações ou projetos.

Contudo, recomenda-se ainda que as ações e projetos sejam distribuídos de forma justa entre diferentes grupos da sociedade, especialmente os mais vulnerabilizados.

10.2. Desejos de futuro

Referem-se a ações, propostas ou aspirações que demandam um estudo de viabilidade e não estão em concordância com o projeto atual, implicando, portanto, em mudanças significativas no planejamento existente. Essas questões são frequentemente complexas e envolvem a elaboração de novos projetos, a necessidade de orçamentos adicionais.

Ademais, incluem-se nessa categoria aspectos que envolvem a dimensão do “sonho”, ou seja, desejos não estritamente necessários para o correto funcionamento do parque, mas que são relevantes e requerem estudo de viabilidade.

Esse entendimento se alinha com a perspectiva de que o “desejo de futuro” aqui será entendido como algo que difere de uma ação recorrente ou de uma diretriz, dada a sua complexidade de articulação e execução.

10.3. Quadro de diretrizes

SOLO (SO)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
S02	Técnica	Evitar impermeabilizar o solo em área maior do que a prevista no projeto arquitetônico original; quando necessária instalação de pisos diversos, avaliar a possibilidade de priorizar materiais permeáveis e/ou drenantes, de acordo com a Lei Municipal nº 11.509 de 1994.	Alta	Recorrente
S04	Técnica	Manter camada de serrapilheira ou plantar forrações, evitando exposição do solo, para proteção contra erosão, compactação, diminuição da variabilidade térmica, evaporação e lixiviação de nutrientes.	Alta	Recorrente
S05	Técnica	Promover a drenagem onde ocorrer empoçamento de água pluvial, através da melhoria dos aspectos físicos do solo (por exemplo, incorporação de areia), utilização de tubos drenantes ou outras técnicas que possibilitem a infiltração e/ou escoamento da água.	Média	Médio
RECURSOS HÍDRICOS (RH)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
RH9	Técnica	Minimizar potenciais impactos e zelar pela integridade de áreas úmidas e brejosas, que merecem destaque pela sua importância na prestação de serviços ecossistêmicos, regulação climática, conservação da biodiversidade e dos recursos hídricos.	Alta	Recorrente
VEGETAÇÃO (VE)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
FRAGMENTOS FLORESTAIS				
VE8	Técnica	Eliminar a prática do bosqueamento, ou seja, roçada do sub-bosque nas áreas florestais, de forma a proteger e permitir o desenvolvimento da vegetação arbóreo-arbustiva em processo de regeneração/sucessão ecológica.	Alta	Recorrente
VE11	Técnica	Novos plantios poderão seguir as proporções de espécies pioneiras, secundárias e climáticas indicadas na Resolução SMA 08/08, sempre com orientação da equipe técnica da SVMA.	Média	Recorrente
VE12	Técnica	No enriquecimento, incluir espécies vegetais nos mais variados estratos (herbáceo, arbustivo, arbóreo e epifítico), diversificando os recursos e nichos ecológicos possíveis para a fauna.	Média	Recorrente
VE13	Técnica	Considerar a possibilidade de substituição gradativa de espécies exóticas, que vierem a adoecer e/ou morrer, por espécies nativas do bioma regional.	Urgente	Recorrente
VE14	Técnica	Monitorar a presença de indivíduos da espécie tapiá-guaçu (<i>Alchornea sidifolia</i>), que apesar de nativa, parece estar se comportando como oportunista, formando populações homogêneas na área florestal, o que pode dificultar a germinação e estabelecimento de outras espécies e a consequente regeneração natural da vegetação.	Média	Médio

ÁREAS AJARDINADAS				
VE15	Técnica	Limitar as áreas gramadas, que consomem muitos recursos e demandam manejo constante, àqueles locais onde ocorram atividades físicas, recreativas e esportivas que justifiquem sua existência.	Média	Médio
VE16	Técnica	Havendo gramado, reduzir a frequência das roçadas, de forma a possibilitar a produção e dispersão de sementes, maximizando a biodiversidade de fauna silvestre, especialmente de aves granívoras como o papa-capim, bico-de-lacre, coleirinha e canário-da-terra.	Alta	Recorrente
VE17	Técnica	Observar a altura de corte recomendada para cada espécie de grama, por exemplo grama bermudas (manter tamanho mínimo de folha de 3cm acima do nível do solo), esmeralda (4 a 5 cm) e são-carlos (5 a 7 cm), e a frequência diferencial de roçadas em cada estação do ano.	Média	Recorrente
VE18	Técnica	Não realizar cortes muito baixos e/ou frequentes que possam danificar o rizoma do gramado, gerar áreas falhas e ocasionar a exposição do solo.	Alta	Recorrente
VE19	Técnica	Em áreas de gramado úmidas, com presença de musgos superficiais, promover a aeração periódica através da escarificação, corte vertical e retirada de cama de palhada seca.	Alta	Recorrente
VE20	Técnica	Em áreas de gramado falho, com solo compactado, realizar cobertura fina de areia média lavada e composto orgânico na proporção 1:1, especialmente no começo da primavera.	Alta	Recorrente
VE21	Técnica	Manter período de repouso para recuperação de gramados com intenso pisoteio, através da delimitação, cercamento e sinalização da área para conhecimento da população.	Alta	Recorrente
VE22	Técnica	Estabelecer locais de menor intervenção, como por exemplo grandes áreas que raramente são roçadas/manejadas, ou mesmo realizar a retirada do gramado e plantio (direto ou por semeadura) de espécies herbáceas nativas, formando um relvado biodiverso atrativo à polinizadores, dispersores e herbívoros diversos. Esses locais devem ser sinalizados evidenciando a relevância de sua manutenção como forma de maximizar a biodiversidade do parque.	Alta	Médio
VE23	Técnica	Zelar pela integridade dos canteiros ajardinados, monitorando a presença de áreas falhas e necessidade de realizar adubação, replantios e podas de renovação periódicos.	Alta	Recorrente
VE24	Técnica	Realizar rega diferencial de acordo com as estações do ano, insolação (áreas ensolaradas/sombreadas) e necessidades hídricas de cada espécie, de modo a garantir sua sanidade e pleno desenvolvimento.	Alta	Recorrente
VE25	Técnica	Fiscalizar e coibir práticas como o pisoteamento dos canteiros, descarte de resíduos sólidos ou líquidos, assim como dejetos de animais domésticos, ou outras atividades que possam danificar as mudas existentes.	Alta	Recorrente

VE26	Técnica	Realizar delimitação dos canteiros herbáceos através da instalação de limitadores (plásticos ou de outros materiais) onde houver encontro com o gramado, evitando assim a invasão pela grama (competição e enfraquecimento das mudas herbáceas), facilitando a manutenção periódica e mantendo o desenho original do canteiro (proposto em projeto).	Média	Médio
VE27	Técnica	Nos taludes existentes entre os diferentes patamares/áreas de estar do parque, realizar instalação de limitadores (plásticos ou de outros materiais) no encontro dos canteiros com o gramado, evitando a abertura de sulcos/valetas, especialmente nessas áreas de talude, e minimizando assim o risco de erosão.	Média	Média
VE28	Técnica	Incentivar o plantio de herbáceas e arbustivas nativas que sejam atrativas a borboletas, beija-flores, abelhas e outros polinizadores, como forma de perpetuar a presença destas espécies na malha urbana.	Alta	Recorrente
VE29	Técnica	Avaliar a possibilidade de substituir a vegetação exótica implantada no paisagismo por espécies nativas ornamentais, mantendo o layout do projeto original, mas ampliando a oferta de recursos para a fauna silvestre, reestabelecendo as interações ecológicas, e favorecendo o conhecimento e valorização da flora nativa pela população.	Média	Médio
ÁRVORES				
VE33	Técnica	Contratar ou treinar profissionais para realização periódica de diagnóstico e análise de risco de queda das árvores, bem como para indicação de tratamentos fitossanitários quando pertinente, especialmente próximo às áreas de circulação e estar de pessoas, como trilhas, praças, playgrounds, estacionamentos e áreas esportivas.	Alta	Curto
VE34	Técnica	Realizar poda e supressão de árvores sempre com autorização do órgão ambiental competente, e somente em casos de risco de queda e risco de acidentes envolvendo pessoas e patrimônio. Para árvores com risco iminente, contatar Defesa Civil ou Corpo de Bombeiros.	Alta	Recorrente
VE35	Técnica	Realizar podas de equilíbrio, formação, condução e limpeza sempre respeitando a arquitetura e forma intrínseca de cada espécie. Evitar a qualquer custo poda de raízes, pelo seu potencial de desestabilizar a árvore, aumentando o risco de tombamentos. Seguir orientações contidas no Manual Técnica de Poda de Árvores da Prefeitura.	Alta	Recorrente
VE36	Técnica	Manter árvores mortas e galhos secos que não estejam oferecendo risco direto de acidentes, especialmente nas áreas florestais. Quando em pé, a madeira morta serve de local para construção de ninhos de besouros, abelhas solitárias e aves (como os pica-paus, corujas, tucanos, periquitos e papagaios); quando já caída, serve de esconderijo e local de vida ocasional para muitos animais, além de alimentar uma diversidade enorme de seres xilófagos e saprófitos, como cupins, besouros, traças, fungos e outros microrganismos, fundamentais para a saúde do solo.	Alta	Recorrente

VE37	Técnica	Em árvores isoladas, especialmente aquelas em áreas gramadas, manter coroamento de 40 a 50cm de distância do colo ou aplicar outras técnicas/materiais que protejam o caule delas para evitar ferimentos por ocasião da roçada do gramado.	Alta	Recorrente
VE38	Técnica	Evitar a instalação de canteiros elevados ou adição de camadas de solo que encubram a base do tronco das árvores existentes, evitando assim o soterramento de colo, situação que pode levar ao definhamento e morte das mesmas.	Alta	Recorrente
VE39	Técnica	Evitar, a qualquer custo, a pintura dos troncos (inclusive caiação), fixação de pregos, placas, arames, cordas, balanços, tecidos ou bordados que possam causar ferimentos, estrangulamento ou trazer umidade excessiva que facilite a instalação pragas e doenças.	Alta	Recorrente
VE40	Técnica	Fiscalizar e coibir a prática de anelamento, seja por corte ou instalação de cordas/arames apertados, assim como a realização de quaisquer outros ferimentos na casca das árvores, como inscrições de nomes, por exemplo.	Alta	Recorrente
VE41	Técnica	Manter, na base das árvores, área permeável, na forma de canteiro ou faixa, que permita a infiltração de água e aeração do solo. As dimensões mínimas recomendadas para essas áreas não impermeabilizadas são de 2,0m ² para árvores de copa pequena (diâmetro de até 4,0 m) e de 3,0 m ² para árvores de copa média ou grande (diâmetro acima de 4,0 m).	Alta	Recorrente
NOVOS PLANTIOS				
VE42	Técnica	Novos plantios, de espécies arbóreas, arbustivas e ornamentais, devem ser realizados apenas pela equipe interna do parque ou por outras equipes desde que autorizadas pela Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU), não sendo permitido à população efetuar plantios de forma espontânea.	Alta	Recorrente
VE43	Participativa	Realizar plantio de árvores nativas, incluindo mudas de porte já bem formado, para aumentar disponibilidade de sombra nas áreas de estar existentes na parte alta do parque (próximo à Av. Dona Maria M. D. Mota e Silva) propiciando conforto térmico e bem-estar aos visitantes.	Alta	Recorrente
VE44	Técnica	Avaliar a possibilidade de criação de um viveiro para produção de mudas herbáceas, arbustivas e arbóreas, especialmente de espécies nativas, para enriquecimento constante das áreas verdes do parque.	Alta	Recorrente
VE45	Técnica	Realizar plantios e transplantes preferencialmente no período das chuvas (primavera e verão), para minimizar estresses, facilitar o pegamento e maximizar a taxa de sobrevivência das mudas.	Alta	Recorrente
VE46	Técnica	Quando do plantio de canteiros de forrações e arbustivas, cobrir sempre o solo ao redor das mudas com folhas secas, aparas de grama ou material particulado (resíduos vegetais triturados), protegendo o solo contra compactação, aquecimento e ressecamento, facilitando assim o pegamento das mudas.	Alta	Médio

VE47	Técnica	Para o plantio de árvores, seguir orientações contidas no Manual Técnico de Arborização Urbana da Prefeitura de São Paulo, quanto à abertura de berços, plantio e tutoramento das mudas.	Alta	Recorrente
VE48	Técnica	Empregar diversidade de plantas com épocas de floração e frutificação espalhadas ao longo do ano, garantido assim apelo visual/paisagístico constante, além de recursos alimentares para a fauna silvestre nas diferentes estações.	Alta	Recorrente
VE49	Participativa	Avaliar a possibilidade de plantio de árvores frutíferas, de espécies nativas, especialmente próximo às áreas de circulação e estar de pessoas, favorecendo assim maior interação, reconhecimento e valorização da flora nativa regional.	Alta	Recorrente
VE50	Técnica	Empregar preferencialmente espécies nativas regionais, que exigem menor manutenção, fornecem serviços ecossistêmicos e sustentam espécies da fauna nativa com hábitos especializados.	Alta	Recorrente
VE51	Técnica	Estudar o plantio de espécies que reconhecidamente façam parte da dieta dos animais ameaçados de extinção e/ou raros presentes no parque, como forma de perpetuar a presença destas espécies na malha urbana.	Média	Médio
VE52	Técnica	Utilizar espécies nativas do município de São Paulo baseando-se na Portaria SVMA 60/2011, que publica a Lista de Espécies Vegetais Vasculares Nativas do município de São Paulo, e Portaria SVMA 61/2011, que publica a Lista de espécies arbóreas nativas do município de São Paulo sugeridas para utilização em termos de ajustamento de conduta e projetos de recuperação florestal, de enriquecimento florístico, paisagístico, de compensação ambiental, de arborização urbana, entre outros	Alta	Recorrente
VE53	Técnica	Realizar o plantio de trepadeiras nativas para encobrimento e sombreamento da área do pergolado, proporcionando conforto térmico aos visitantes além de recursos alimentares para a fauna silvestre. Espécies sugeridas: flor-de-são-miguel (<i>Petrea volubilis</i>), primavera (<i>Bougainvillea spectabilis</i>), cipó-tapiá (<i>Cratylia spectabilis</i>), escova-de-macaco (<i>Combretum fruticosum</i>) e cipó-de-são-joão (<i>Pyrostegia venusta</i>).	Alta	Recorrente
VE54	Técnica	Canalizar recursos de compensações ambientais no município, ou eventos de empresas que queiram/necessitem neutralizar emissões de Carbono, com ações de plantio e manutenção na área interna do parque e seu entorno.	Alta	Recorrente
ESPÉCIES EXÓTICAS E INVASORAS				
VE55	Técnica	Novos plantios, inclusive de ornamentais em áreas ajardinadas, devem evitar a utilização de espécies exóticas, principalmente aquelas com potencial invasor ou dominante, que possam alterar a dinâmica e equilíbrio do ecossistema, seja por abafamento, competição, alelopatia ou sombreamento excessivo.	Alta	Recorrente

VE56	Técnica	Evitar igualmente o plantio de espécies que possuam estruturas subterrâneas de propagação vegetativa (ex.: bambu, espada-de-são-jorge, curculigo) ou crescimento estolonífero (ex.: lambari, tostão), que se alastram com facilidade e tendem a formar populações dominantes, especialmente nas proximidades de áreas de preservação.	Alta	Recorrente
VE57	Técnica	Evitar o despejo de resíduos vegetais nas áreas de mata, especialmente aqueles contendo restos de poda de grama e espécies ornamentais exóticas (como lambari, agapanto, singônio), minimizando assim o risco de invasão biológica.	Alta	Recorrente
VE59	Técnica	Identificar focos de ocorrência de espécies exóticas invasoras no entorno do parque de forma a minimizar o risco de introdução e/ou reintrodução através de vetores bióticos e outras vias de dispersão.	Alta	Recorrente
VE60	Técnica	Realizar atividades de educação ambiental para sensibilizar a população do entorno do parque para a remoção de plantas exóticas invasoras (cultivadas ou de ocorrência espontânea) em áreas privadas e sua substituição por espécies nativas ou por exóticas não invasoras	Alta	Recorrente
VE61	Técnica	No caso de espécies invasoras já estabelecidas no interior do parque, orientar funcionários para identificar e realizar o monitoramento periódico de propágulos, retirada de sementes no solo e arranquio de plântulas (com sistema radicular), visando o controle da sua população.	Alta	Recorrente
VE62	Técnica	Elaborar plano de manejo das espécies invasoras, contendo Estudo Ambiental e Projeto de Recuperação Ambiental, conforme orientações da Portaria nº 154/2009, que anexa também a Lista Oficial de Espécies Vegetais Exóticas Invasoras do Município de São Paulo.	Alta	Recorrente
VE63	Técnica	Elaborar plano de manejo para as espécies exóticas com potencial invasor presentes no parque: cinamomo (<i>Melia azedarach</i>), uva-japonesa (<i>Hovenia dulcis</i>), palmeira-seafórtia (<i>Archontophoenix cunninghamiana</i>), leucena (<i>Leucena leucocephala</i>), alfenerio (<i>Ligustrum lucidum</i>), abacateiro (<i>Persea americana</i>) e palmeira-leque-da-china (<i>Livistona chinensis</i>), lírio-do-brejo (<i>Hedychium coronarium</i>), mamona (<i>Ricinus communis</i>), amoreira (<i>Morus nigra</i>), nespereira (<i>Eriobotrya japonica</i>), jambo (<i>Syzygium jambos</i>), pau-d'água (<i>Dracaena fragans</i>), bambu-de-jardim (<i>Phyllostachys aurea</i>), ipêzinho-de-jardim (<i>Tecoma stans</i>), malvaisco (<i>Malvaviscus arboreus</i>), maria-sem-vergonha (<i>Impatiens walleriana</i>), jaqueira (<i>Artocarpus heterophyllus</i>) e árvore-polvo (<i>Schefflera actinophylla</i>).	Alta	Recorrente
VE64	Técnica	Monitorar a presença de indivíduos da espécie guiné (<i>Petiveria alliacea</i>), espécie exótica, naturalizada, dominante no estrato rasteiro em alguns pontos ao longo da trilha existente na área de mata.	Alta	Recorrente
VE65	Técnica	Evitar a propagação e plantio de boldo (<i>Plectranthus barbatus</i>), espécie exótica com reconhecido efeito alelopático, especialmente próximo às áreas de mata.	Alta	Recorrente

VE66	Técnica	Consultar a Base de Dados de Espécies Exóticas Invasoras (https://institutohorus.org.br/), para maiores informações sobre taxonomia, ecologia, introdução e dispersão, impactos, manejo e análise de risco.	Alta	Recorrente
TREPADEIRAS, EPIFITAS E PARASITAS				
VE67	Técnica	Aproveitar as epífitas de galhos caídos (ex.: orquídeas, bromélias, samambaias etc.), recolocando-as em outros troncos, preferencialmente através da utilização de barbantes de material biodegradável, sem apertar demasiado o caule da árvore, permitindo seu correto desenvolvimento.	Alta	Recorrente
VE68	Técnica	Monitorar o desenvolvimento de hemiepífitas lenhosas como figueiras mata-pau (gênero <i>Ficus</i>) e brassaias (gênero <i>Schefflera</i>), que podem causar estrangulamento mecânico ao não permitir a continuidade do crescimento da árvore hospedeira.	Alta	Recorrente
VE69	Técnica	Monitorar o desenvolvimento de epífitas do gênero <i>Tillandsia</i> , pela possibilidade de atuarem como parasitas estruturais, causando efeitos adversos na árvore hospedeira, como desfolha, redução da capacidade fotossintética e da movimentação de seiva, declínio e morte de galhos.	Alta	Recorrente
VE70	Técnica	Realizar controle de ervas-de-passarinho apenas quando detectado alto grau de infestação ou quando estiverem causando danos às árvores que possam estabelecer risco de acidentes, tendo em vista que as mesmas constituem importante fonte de néctar para beija-flores e outros polinizadores devido ao longo período de floração, além de fonte alimentar para diversas espécies de aves, inclusive durante o inverno.	Alta	Recorrente
VE71	Técnica	Realizar monitoramento de trepadeiras nas clareiras e bordas de fragmentos florestais, removendo-se somente o excesso para evitar sobrepeso e sufocamento dos exemplares arbóreos.	Alta	Recorrente
VE72	Técnica	Executar o manejo sempre sob orientação de profissional técnico que analisará a eventual necessidade de poda da árvore hospedeira visando o controle da infestação.	Alta	Recorrente
PRAGAS E DOENÇAS				
VE73	Participativa	Na manutenção das áreas verdes, aplicar princípios ecológicos que priorizem a proteção e regeneração da flora, fauna e recursos naturais (como solo e água), maximizando assim a potencialidade do parque de funcionar como refúgio urbano, inclusive climático, e sua prestação de serviços ecossistêmicos.	Alta	Recorrente
VE74	Técnica	Evitar a utilização de adubos minerais e outras substâncias químicas como pesticidas, inseticidas e herbicidas durante a manutenção das áreas verdes do parque, reduzindo impactos diretos e indiretos aos funcionários, visitantes e meio ambiente.	Alta	Recorrente
	Participativa	Seguir o estabelecido na Nota Técnica 04/16 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que presta esclarecimentos sobre capina química em ambiente urbano de intersecção com outros ambientes.	Alta	Recorrente

VE75	Técnica	Quando necessário controle de pragas e doenças, dar preferência à catação manual, utilização de armadilhas, repelentes, caldas e produtos orgânicos, e ao controle biológico por predadores naturais.	Alta	Recorrente
VE76	Técnica	Em caso de infestações recorrentes e/ou massivas, buscar parceria com instituições de pesquisa, como universidades, através de Termo de Cooperação Técnica.	Alta	Recorrente
PREVENÇÃO DE ACIDENTES				
VE77	Técnica	Evitar o plantio de árvores com frutos grandes e/ou pesados, espécies dotadas de espinhos, princípios alergênicos ou tóxicos próximo às áreas de circulação e estar de pessoas, como trilhas, playgrounds, estacionamentos, praças e áreas esportivas.	Alta	Recorrente
VE78	Técnica	Árvores com frutos grandes e/ou pesados devem ter sua área de projeção de copa isolada e sinalizada durante o período de frutificação para evitar acidentes.	Alta	Recorrente
VE79	Técnica	Árvores que produzam flores e/ou frutos que possam estabelecer superfícies escorregadias quando da sua queda, devem ter sua área de projeção de copa isolada e sinalizada durante o período de floração/frutificação para evitar acidentes.	Alta	Recorrente
VE80	Técnica	Atentar-se para a presença de raízes superficiais que possam estabelecer obstáculos ao longo de trilhas ou vias de circulação preferencial de pessoas; nesse caso, deve-se avaliar a possibilidade de mudança de trajeto e/ou adequação das trilhas/caminhos, evitando-se ao máximo a realização de podas nas raízes.	Alta	Recorrente
PREVENÇÃO DE INCÊNDIOS				
VE81	Técnica	Elaborar plano de prevenção de incêndios de acordo com a Lei Municipal nº 14.969 de 2009, a qual institui o Programa de Prevenção a Incêndios e de Proteção das Áreas de Proteção Ambiental - APAs e nos Parques Municipais e baseia a criação do Programa Fogo Zero, parceria entre a SVMA e a Secretaria Municipal de Segurança Urbana (SMSU).	Alta	Curto
VE82	Técnica	Avaliar a necessidade de instalação de aceiros, que são faixas onde o solo é mantido exposto, principalmente ao longo de divisas, cercas e áreas de vegetação nativa. Os aceiros devem ser estrategicamente planejados e mantidos livres de qualquer vegetação, galhos e folhas secas que possam funcionar como combustível para a propagação do fogo. Seguir as orientações contidas no Decreto Estadual 47.700/2003.	Alta	Médio
VE83	Participativa	Sempre realizar a retirada e destinação adequada de resíduos de poda e/ou roçagem do gramado, para evitar que possam funcionar como combustível para a propagação de incêndios.	Alta	Recorrente
VE84	Técnica	Avaliar, em conjunto com o Corpo de Bombeiros, a necessidade de criação de uma brigada de incêndio, treinada periodicamente e munida com os equipamentos adequados, para lidar com incêndios, de origem natural ou antrópica, especialmente no período de seca (outono/inverno).	Alta	Curto

VE85	Técnica	Conscientizar a população do entorno e visitantes do parque sobre os perigos de soltar balão, despejar bitucas de cigarro acessas, atear fogo a lixo ou outros resíduos e o risco decorrente de incêndios, assim como informar sobre a legislação ambiental incidente.	Média	Curto
COLETA E PESQUISA				
VE85	Técnica	Coibir e fiscalizar a coleta de folhas, flores, mudas e sementes pela população.	Alta	Recorrente
VE86	Técnica	Permitir a coleta de amostras para pesquisa à equipe do Herbário Municipal; demais interessados devem apresentar projeto, de acordo com normas da Comissão de Avaliação técnico-científica da Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal (CGPABI).	Alta	Recorrente
FAUNA (FA)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
FAUNA SILVESTRE				
FA1	Técnica	Zelar pelo bem-estar, integridade e segurança dos animais silvestres existentes no parque.	Alta	Recorrente
FA2	Técnica	Realizar inventário periódico da fauna silvestre, residente ou visitante, presente no Parque, sob orientação da equipe técnica da Divisão de Fauna Silvestre (DFS).	Média	Médio
FA3	Técnica	Realizar o levantamento de espécies significativas, raras, endêmicas ou ameaçadas, e sua área de ocorrência preferencial, que deverá ser monitorada visando à mitigação de impactos, restringindo, caso necessário, o livre acesso de pessoas a esses locais.	Média	Médio
FA4	Técnica	Avaliar a possibilidade de incluir elemento hídrico (fontes, lagos ou bebedouros), caso inexistente, para atração de uma maior diversidade de insetos, espécies florestais e também aquelas características de ambientes aquáticos.	Média	Médio
FA5	Participativa	Realizar estudo de viabilidade, junto ao técnicos da Divisão de Fauna Silvestre (DFS), para inclusão de bebedouro para a fauna silvestre, em localização e configuração que evite conflitos com a população e animais domésticos.	Alta	Recorrente
FA6	Técnica	Avaliar a possibilidade de incluir telhado verde, calçadas verdes e outras infraestruturas verdes em pequena escala como forma de atenuar a presença das edificações como elemento de bloqueio à fauna.	Média	Médio
FA7	Técnica	Evitar a fragmentação das áreas verdes existentes através da instalação de gradis, alambrados, passarelas, muros e/ou edificações que possam dificultar o livre trânsito da fauna silvestre, promover seu encerramento, aprisionamento e/ou ferimentos de qualquer natureza.	Alta	Recorrente
FA8	Técnica	Quando da existência de fragmentos significativos, que estejam desconectados, avaliar a possibilidade de conexão através de plantio direto de mudas ou então avaliar a possibilidade de instalação de passagens de fauna ou outras estratégias que possibilitem a movimentação dos animais.	Alta	Recorrente

FA9	Técnica	Preservar locais para reprodução das espécies silvestres, como vegetação na margem de corpos hídricos, ocos de árvore e árvores mortas (que não ofereçam risco aos usuários) e maciços de vegetação arbustiva, arbórea e relvados.	Alta	Médio
FA10	Técnica	Interromper imediatamente toda e qualquer atividade que potencialmente perturbe ou destrua ninhos e demais criadouros de animais silvestres. Pela Lei de Crimes Ambientais (Lei Federal nº 9.605/98), a fauna silvestre e seus ninhos ou criadouros naturais estão protegidos e, portanto, não podem ser removidos.	Alta	Recorrente
FA11	Técnica	Caso constate-se a presença de ninhos de aves em árvores cuja supressão ou poda esteja autorizada, realizar o monitoramento do ninho e aguardar até que os filhotes voem e abandonem o ninho por conta própria, para então retomar as atividades.	Alta	Recorrente
FA12	Técnica	Caso constate-se a presença de ninhos no solo (gramados), o que é esperado para o quero-quero (<i>Vanellus chilensis</i>) por exemplo, isolar a área do ninho com sinalização visual (fita zebra) considerando uma margem de segurança de aproximadamente 2,0 metros de raio a partir do centro do ninho, visando evitar o estresse dos animais e garantir seu sucesso reprodutivo.	Alta	Recorrente
FA13	Técnica	Caso constate-se a presença de criadouro natural de outras espécies silvestres, a exemplo do gambá-de-orelha-preta (<i>Didelphis aurita</i>), em ocos de árvores, arbustos densos ou em edificações, isolar a área do ninho com sinalização visual (fita zebra, por exemplo), monitorar o criadouro e aguardar o animal abandonar o local por conta própria para proceder com qualquer intervenção.	Alta	Recorrente
FA14	Técnica	Autorizar a realização de estudos e pesquisas, incluindo a coleta de material biológico, aos Técnicos e pesquisadores da SVMA. Demais pesquisas no interior do Parque poderão ser realizadas mediante apresentação e aprovação de projeto, de acordo com normas da Comissão de Avaliação técnico-científica da Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal (CGPABI).	Média	Recorrente
PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DE IMPACTOS				
FA15	Técnica	Realizar o monitoramento ativo dos diversos tipos de impacto (ex.: atropelamento, caça e captura, pesca predatória, ferimentos causados por linhas de pipa, eletrocussões etc.) incidentes sobre os animais silvestres e promover o planejamento de medidas mitigadoras e preventivas para assegurar a proteção da biodiversidade do parque.	Alta	Recorrente
FA16	Técnica	Fiscalizar e coibir a prática de qualquer ato de perseguição, apanha, coleta, aprisionamento e abate de exemplares da fauna silvestre, bem como quaisquer atividades que venham a afetar a vida animal em seu meio natural.	Alta	Recorrente

FA17	Técnica	Articular a equipe de vigilância do parque e a Guarda Civil Metropolitana – GCM – visando a prevenção e coibição de atividades ilegais que a equipe de vigilância sozinha não tenha condições de resolver (por não ser sua atribuição ou por não dispor das condições para tal), a exemplo de crimes ambientais, como caça, pesca, depósito de resíduos, construção irregular, etc.	Média	Recorrente
FA18	Técnica	Fiscalizar e coibir a soltura de pipas que utilizem linhas cortantes na área interna do parque, em conformidade com a Lei Estadual nº 17.201 de 2019, e com a Portaria SVMA/CGPABI nº 14 de 2021.	Média	Recorrente
FA19	Técnica	Seguir o disposto na Portaria SVMA nº 49 de 2022, ou a que vier substituí-la, principalmente no tocante à iluminação artificial, emissão de som e/ou ruído, instalação de superfícies transparentes ou reflexivas, uso de drones, instalação de apetrechos em corpo hídrico, destinação de resíduos sólidos entre outros.	Alta	Recorrente
FA20	Técnica	Minimizar a poluição luminosa, especialmente deletéria à animais noturnos, aves migratórias e insetos, através da utilização de lâmpadas especiais, com foco direcionado ao solo, em altura mais baixa que a copa das árvores e com sensores de movimento, que deverão ser deixadas desligadas durante o período em que o parque estiver fechado, principalmente próximo aos fragmentos florestais.	Alta	Recorrente
FA23	Técnica	Fiscalizar e coibir a utilização de fogos de artifício sonoros, pelo seu reconhecido impacto à fauna; no caso de fogos de artifícios não sonoros, sua utilização fica condicionada à autorização da Divisão de Fauna Silvestre (DFS).	Alta	Recorrente
FA24	Técnica	Fiscalizar a utilização de drones, principalmente durante os períodos de reprodução e/ou migração, pelo risco de interferência por estímulos sonoros e visuais e colisão com aves, causando óbitos. A utilização de drones fica condicionada à autorização da Divisão de Fauna Silvestre (DFS), sendo proibido uso recreacional e particular.	Alta	Recorrente
FA25	Técnica	Minimizar o uso de vidraças, superfícies translúcidas ou reflexivas nas edificações, ou adequar as existentes, de modo a reduzir os riscos de colisão direta e mortalidade das aves.	Alta	Recorrente
FA26	Técnica	Comedouros, bebedouros e “banheiras” para aves, quando existentes, devem ser instalados longe de vidraças, superfícies translúcidas ou refletivas, pois ao disputarem alimento certas aves podem colidir com estas estruturas. Devem também ser higienizados diariamente para reduzir o risco de transmissão de doenças e parasitas entre os indivíduos visitantes.	Alta	Recorrente
FA27	Técnica	Monitorar locais que contenham painéis fotovoltaicos e solares, pela possibilidade de ocorrência do “efeito lago”, que é quando as aves pousam nas placas acreditando se tratar de um lago e podem sofrer lesões ou mesmo vir a óbito.	Alta	Recorrente

FA28	Técnica	Evitar a utilização de sopradores de folhas, principalmente aqueles movidos a gasolina, não só pela poluição sonora e atmosférica, e riscos associados à saúde humana, mas principalmente pelos danos causados aos insetos e outros artrópodes residentes na serrapilheira.	Alta	Recorrente
FA29	Técnica	Prevenir o contato físico entre a população e os animais silvestres, por meio de sinalização e fiscalização, devido ao risco de acidentes e transmissão de doenças.	Alta	Recorrente
FA30	Técnica	Explicitar em placas as proibições de introduzir animais nos parques e de alimentar animais silvestres e fazer parte do treinamento dos funcionários da vigilância para que possam coibi-las adequadamente.	Alta	Recorrente
PREVENÇÃO DE ACIDENTES				
FA34	Técnica	Os animais silvestres eventualmente encontrados na área do Parque devem ser capturados somente quando estiverem fora do seu ambiente natural, estiverem machucados ou de alguma forma presos (imobilizados ou contidos em determinado local) e oferecerem risco iminente às pessoas.	Alta	Recorrente
FA36	Técnica	Encaminhar animais silvestres feridos, doentes ou mortos, tão logo seja possível, para a Divisão da Fauna Silvestre (DFS) para identificação da espécie, necropsia ou tratamento adequado, reabilitação e soltura.	Alta	Recorrente
FA37	Técnica	Adotar as medidas necessárias para o manejo da fauna sinantrópica (ex.: abelha africanizada, aranha, barata, barbeiro, caramujo-africano, carrapato, escorpião, formigas, lacraias e centopeias, morcegos, ratos, moscas, mosquitos, percevejos, pernilongos, pombos, pulgas, taturanas e vespas) eventualmente ocorrente no Parque, tendo em vista a possibilidade de transmissão de doenças, agravos à saúde do homem e animais.	Alta	Recorrente
FA38	Técnica	Tanto para os casos de abrigos instalados (colmeias ou vespeiros), como para os casos de enxames viajantes de abelhas africanizadas (<i>Apis mellifera</i>), vespas ou marimbondos, recomenda-se o isolamento do local, de modo a não permitir a aproximação de pessoas ou animais, e acionamento da Divisão de Vigilância em Zoonoses (DVZ).	Alta	Recorrente
FA39	Técnica	No caso de abelhas sem ferrão e vespas nativas, que não oferecem riscos à saúde pública, as ações de manejo devem se pautar na legislação vigente.	Alta	Recorrente
FA40	Técnica	Evitar a retirada de lagartas de borboletas e mariposas, que embora possam causar danos pontuais à vegetação, constituem elemento-chave nas cadeias tróficas, pois transferem mais energia das plantas para outros animais do que todos os outros herbívoros combinados. No caso de lagartas venenosas, como aquelas do gênero <i>Lonomia</i> por exemplo, recomenda-se o isolamento do local, de modo a não permitir a aproximação de pessoas ou animais, e acionamento da Divisão de Vigilância em Zoonoses (DVZ).	Alta	Recorrente

FA41	Técnica	Em caso de emergência, contatar imediatamente o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU 192) ou o Corpo de Bombeiros (193) e seguir o protocolo de emergências.	Alta	Recorrente
ESPÉCIES EXÓTICAS E INVASORAS				
FA42	Técnica	Realizar levantamento diagnóstico das espécies exóticas e/ou invasoras presentes no parque, avaliando seu status populacional, localização e o impacto sobre o meio ambiente, fauna e flora nativas, com o objetivo de desenvolver metodologias de manejo, controle e erradicação destas espécies.	Alta	Recorrente
FA43	Técnica	Monitorar a presença do sagui (<i>Callithrix</i> sp.), espécie considerada exótica e introduzida na região sudeste do Brasil, devido ao risco de invasão, competição e hibridização com as populações de saguis nativos, que enfrentam ameaça de extinção.	Alta	Recorrente
FA44	Técnica	Consultar a Deliberação nº 30/2011, que reconhece a lista de espécies exóticas com potencial de bioinvasão no Estado de São Paulo, e a Deliberação Normativa nº 2/2011, que dispõe sobre a elaboração e a atualização de lista de espécies exóticas com potencial de bioinvasão no Estado de São Paulo e dá outras providências.	Alta	Recorrente
FA45	Técnica	Consultar a Base de Dados de Espécies Exóticas Invasoras (https://institutohorus.org.br/), para maiores informações sobre taxonomia, ecologia, introdução e dispersão, impactos, manejo e análise de risco.	Média	Médio
FAUNA DOMÉSTICA				
FA46	Gestão/ operação	Orientar os funcionários para fiscalizar a entrada de cães acompanhados de seus tutores no Parque, garantindo seu livre acesso ao local, desde que sejam mantidos com os devidos equipamentos de segurança exigidos por lei (coleiras, guias e eventualmente focinheiras), de acordo com a Portaria SVMA nº 79 de 2023.	Alta	Recorrente
FA47	Participativa	Fiscalizar e orientar a população sobre a necessidade de recolher os dejetos dos animais domésticos, assim como avaliar a possibilidade de instalar dispensador de sacos higiênicos e lixeiras nos locais de maior concentração e passagem de animais.	Alta	Recorrente
FA48	Participativa	Monitorar a população de animais domésticos abandonados no parque, com vistas a promover a redução populacional e o acompanhamento da condição sanitária dos mesmos por meio da Divisão de Vigilância em Zoonoses (DVZ).	Alta	Recorrente
FA49	Participativa	Firmar, caso necessário, parcerias com entidades que promovam ações de adoção e castração de animais domésticos.	Média	Médio
FA50	Técnica	Não realizar eventos de venda e adoção de animais no parque, visando não estimular o abandono de novos indivíduos, de acordo com a Portaria SVMA nº 73 de 2020.	Alta	Recorrente

FA51	Técnica	Articular e sensibilizar a população residente no entorno direto do parque para que animais domiciliados, em especial cães e gatos, sejam contidos para evitar sua entrada desacompanhada no parque e sejam castrados, marcados (coleira, chip etc.) e identificados, ficando sob posse responsável.	Alta	Recorrente
ACESSOS E CERCAMENTOS (AC)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
PORTÕES E PORTARIA				
AC1	Técnica	O Portão 1 deve permanecer aberto para o acesso público de pedestres das 6hs às 18hs e permanecer fechado para o acesso de veículos, sendo aberto apenas para a entrada de veículos autorizados.	Alta	Recorrente
AC4	Técnica	O Portão 2 deve permanecer fechado ao acesso público, sendo reservado apenas para necessidades de acesso de equipes de manutenção ou casos excepcionais.	Alta	Recorrente
GRADIL				
AC6	Técnica	Garantir a integridade permanente do gradil em todo o perímetro do parque tendo em vista os desafios relacionados às pressões de urbanização ao seu redor.	Alta	Curto
CAMINHOS (CA)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
TRILHAS				
CA9	Técnica	Planejar e manter as trilhas considerando o menor impacto possível ao meio ambiente, seguindo orientações das publicações “Fundamentos do Planejamento de Trilhas” e “Manual de Sinalização de Trilhas” do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).	Alta	Recorrente
CA10	Técnica	Quando da existência de trilhas, realizar o monitoramento ativo dos diversos tipos de impacto porventura incidentes (como erosão e compactação do solo, danos à vegetação e fauna) e promover o planejamento de medidas mitigadoras e preventivas para assegurar a proteção e o uso sustentável dos recursos naturais do parque.	Alta	Recorrente
ILUMINAÇÃO E REDE ELÉTRICA (IL)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
IL2	Técnica	Seguir o disposto na Portaria SVMA nº 49 de 2022, que estabelece os procedimentos para a realização de instalações, produções e eventos que importem em potenciais impactos à fauna silvestre e ornamental nos Parques Municipais, principalmente no tocante à iluminação artificial.	Alta	Recorrente
ÁGUA E SANEAMENTO (AS)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
AS3	Técnica	Adotar equipamentos e instalações hidráulicas eficientes e economizadores.	Alta	Médio
AS4	Técnica	Garantir pontos de água, torneiras e mangueiras para a realização de rega periódica em todas as áreas ajardinadas do parque.	Alta	Curto

AS5	Técnica	Minimizar a necessidade de água para irrigação através da utilização de espécies nativas no paisagismo, espécies rústicas e adaptadas ao regime hídrico da região, além da cobertura do solo com folhas secas ou outros materiais inertes, que protejam o mesmo contra aquecimento e evaporação.	Alta	Médio
RESÍDUOS (RE)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
RE1	Técnica	Gerir os resíduos sólidos produzidos no parque segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos e sua expressão local, o Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PMGIRS).	Alta	Recorrente
RE3	Técnica	Gerir os resíduos sólidos de acordo com os seguintes objetivos, nesta ordem de prioridade: não-geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento e disposição final, ambientalmente adequada, apenas dos rejeitos.	Alta	Recorrente
RE5	Técnica	Destinar os resíduos secos à coleta seletiva.	Alta	Recorrente
RE6	Participativa	Destinar materiais recicláveis e reaproveitáveis para associações, cooperativas ou outras organizações que recebam o material para o tratamento adequado, se possível conjugando sua gestão à geração de renda para a comunidade do entorno.	Alta	Recorrente
RE7	Participativa	Destinar os resíduos vegetais (restos de poda e roçada, folhas e flores caídas) à compostagem in situ, atendendo ao disposto na Portaria SVMA nº 5 de 2024.	Alta	Recorrente
RE8	Técnica	Considerar a possibilidade de aproveitar a madeira proveniente de supressão arbórea, para uso qualificado (ex.: mobiliário, artesanato, utensílios etc.).	Alta	Recorrente
RE9	Técnica	Destinar, aos pontos de entrega específicos, os resíduos obrigados à logística reversa: agrotóxicos e embalagens, pilhas e baterias, óleos lubrificantes e embalagens, pneus, produtos eletrônicos, lâmpadas fluorescentes, de vapor de sódio, mercúrio e luz mista.	Alta	Recorrente
RE10	Técnica	Destinar, através da coleta pública, ao aterro sanitário, apenas os rejeitos.	Alta	Recorrente
RE11	Técnica	Manter registro quantitativo dos resíduos gerados no Parque, informando sua origem, tipo e destinação final, devendo atualizá-lo periodicamente para fins de monitoramento.	Alta	Recorrente
RE12	Técnica	Mapear as práticas religiosas desenvolvidas no interior do parque, identificando a origem dos usuários, áreas de maior incidência de práticas religiosas, tipo de resíduos gerados e possíveis impactos ao ecossistema, possibilitando a ampliação do diálogo com esses grupos, incluindo criação de oficinas e cartilhas educativas sobre o uso dos espaços naturais para atividades religiosas.	Alta	Recorrente
RE14	Participativa	Prever, caso necessário, aumento do número de lixeiras/coletores próximo aos corpos hídricos a fim de evitar que os resíduos sejam direcionados para o seu interior e margens.	Alta	Curto

RE17	Técnica	Instalar telas, grelhas e ralos do tipo “abre-fecha”, assim como vedar frestas ou vãos que possam servir de porta de entrada dos animais para o ambiente interno das edificações do parque.	Alta	Recorrente
RE18	Técnica	Quando da realização de instalações, produções e eventos seguir o disposto na Portaria SVMA nº 49 de 2022, no tocante ao manejo e destinação adequada dos resíduos sólidos gerados.	Alta	Recorrente
GESTÃO (GE)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
GE1	Técnica	Garantir formação periódica dos gestores e funcionários do parque em conhecimentos técnicos em educação e preservação ambiental.	Alta	Recorrente
GE2	Técnica	Garantir que funcionários tenham formações relativas às suas funções por meio de exigência contratual prevista no contrato das empresas terceirizadas.	Alta	Recorrente
GE4	Gestão/ operação	Definir indicadores e estudos que avaliem a capacidade de carga e de uso do parque, de forma a adequar a estrutura necessária para atender as demandas existente e futura.	Alta	Curto
GE6	Gestão/ operação	Priorizar Soluções Baseadas na Natureza (SbN) e bioconstrução na resolução de demandas e instalação de equipamentos e construções no Parque	Alta	Recorrente
GE13	Técnica	Envolver a comunidade no projeto e planejamento das estruturas, usos e atividades a serem implantados no parque.	Alta	Recorrente
GE14	Gestão/ operação	Oferecer vagas de estágio (na equipe administrativa) para o ensino superior (hoje só tem vaga para ensino médio).	MEDIA	Recorrente
MANUTENÇÃO				
GE16	Gestão/O peração	Agilizar, junto aos órgãos competentes, o processo de realização de reparos (visita da equipe de manutenção), garantindo que não haja morosidade nem burocracias em excesso.	Alta	Recorrente
EQUIPE DE ZELADORIA				
GE17	Participativa	Realizar a manutenção periódica dos banheiros.	Alta	Recorrente
GE18	Gestão/ operação	Considerando-se a configuração e usos atuais do parque, recomenda-se como mínimo ideal equipe de zeladoria composta por 2 zeladores, sendo 1 zelador por turno (realizando revezamento 12-36h).	Alta	Recorrente
GE19	Gestão/ operação	Além das atividades previstas ao longo do plano de ação, que eventualmente entrem no cronograma da equipe de zeladoria, são atividades básicas realizadas: limpeza de banheiros (diariamente), reposição de papel higiênico, sabonete e papel toalha (sob demanda), limpeza de lixeiras (2x por dia), limpeza de vestiários, cozinha, administração, guaritas e demais edificações (sob demanda).	Alta	Curto

EQUIPE DE MANEJO E JARDINAGEM				
GE23	Gestão/ operação	Considerando-se a configuração e usos atuais do parque, recomenda-se como mínimo ideal equipe de jardinagem composta por 1 jardineiro e 4 ajudantes de jardinagem, além do apoio de 2 colaboradores do POT (Programa Operação Trabalho).	Alta	Médio
GE24	Gestão/ operação	Além das atividades previstas ao longo do plano de ação, que eventualmente entrem no cronograma da equipe de jardinagem, são atividades básicas realizadas: manutenção dos canteiros (diariamente), despraguejamento, plantios (sob demanda), rega (diariamente), poda de herbáceas e arbustos (sob demanda), varrição de folhas (diariamente na área interna do parque, 1x por semana na calçada), retirada de lixo (2x por semana, na sexta e segunda-feira).	Alta	Recorrente
GE25	Gestão/ operação	Realizar corte de grama e poda de árvores (quando autorizado) por equipe externa mediante ordem de serviço.	Alta	Recorrente
EQUIPE DE VIGILÂNCIA				
GE26	Gestão/ operação	Considerando-se a configuração e usos atuais do parque, recomenda-se como mínimo ideal equipe de vigilância composta por 14 vigilantes, realizando revezamento (12-36h), sendo: 8 vigilantes diurnos (4 por dia) e 6 vigilantes noturnos (3 por dia).	Alta	Médio
GE27	Gestão/ operação	Além das atividades previstas ao longo do plano de ação, que eventualmente entrem no cronograma da equipe de vigilância, são atividades básicas realizadas: rondas (a cada 1h, com 12 pontos de checagem/bastão), orientação dos visitantes sobre as regras e proibições do parque, contagem de visitantes, organização de achados e perdidos, prestação de primeiros socorros.	Alta	Recorrente
EQUIPE DE VISITAÇÃO, PROGRAMAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
GE29	Técnica	Avaliar a possibilidade de contratação de equipe técnica especializada para a realização de atividades culturais, esportivas e de educação ambiental com os usuários do parque, frequentadores de escolas ou outros parceiros existentes no entorno.	Alta	Curto
GE30	Participativa	Contratar equipe para a realização de Programa Permanente de Atividades.	Alta	Médio
COMUNICAÇÃO VISUAL (CV)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
CV6	Técnica	As placas de identificação das espécies vegetais devem ser submetidas ao Herbário Municipal, para conferência antes da sua produção. Forma, fixação e projeto devem atender aos padrões estabelecidos pela Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade (CGPABI).	Alta	Médio

CV7	Técnica	Informar e sinalizar à população sobre as ações de manejo diferencial adotadas no Parque, como áreas isoladas para recuperação do gramado, áreas isoladas para reprodução dos animais, áreas isoladas devido ao risco de queda de frutos, entre outras.	Alta	Recorrente
USO PÚBLICO (UP)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
EVENTOS				
UP9	Técnica	Por ocasião da realização de eventos, respeitar a configuração da vegetação existente, não se admitindo poda de galhos, fixação de placas, luminárias ou outros equipamentos temporários. As instalações não podem fazer demasiada sombra que prejudique o desenvolvimento natural da vegetação.	Alta	Recorrente
UP10	Técnica	Quando da realização de eventos culturais, educacionais, recreativos e outros, seguir o disposto na Portaria SVMA nº 69 de 2020, no tocante aos regulamentos, obrigações e condições necessários à sua autorização.	Alta	Recorrente
UP11	Técnica	Seguir o disposto na Portaria SVMA nº 49 de 2022, que estabelece os procedimentos para a realização de instalações, produções e eventos que importem em potenciais impactos e/ou distúrbios à fauna silvestre e ornamental dos Parques Municipais.	Alta	Recorrente
EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
UP17	Técnica	As práticas de observação de vida silvestre devem seguir os procedimentos dispostos na Portaria SVMA nº 29 de 2019.	Alta	Recorrente
ENTORNO (EN)				
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo
CONECTIVIDADE				
EN1	Técnica	Promover a conectividade entre parques, praças, unidades de conservação, demais áreas verdes públicas e particulares e a arborização urbana, considerando as diferentes escalas de paisagem, e observado o disposto no Plano Diretor Estratégico, nos Planos Regionais, nos Planos de Bairro e no Sistema Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres.	Alta	N/A
EN3	Participativa	Promover a conexão do parque, física e administrativamente, ao sistema de áreas verdes local, facilitando o trânsito da fauna silvestre e reduzindo assim os riscos de erosão genética das populações.	Alta	N/A
EN4	Participativa	Promover a conexão de fragmentos significativos que estejam desconectados através de plantio direto de mudas e de passagens de fauna, ou outras estratégias que possibilitem a movimentação da fauna.	Alta	N/A
EN5	Técnica	Promover e cuidar da conexão entre as áreas verdes públicas para melhoria da qualidade ambiental do entorno, por meio da criação de corredores ecológicos entre as áreas verdes regionais e o parque	Alta	N/A



INTEGRAÇÃO				
EN10	Técnica	Solicitar a criação de uma Portaria Intersecretarial, no âmbito da Prefeitura de São Paulo, que estabeleça a formalização da Rede Socioambiental, instância de cogestão e planejamento entre os diferentes equipamentos delimitados pela área de influência do parque (Território-Parque), de maneira a articular, sob a participação direta da gestão e do conselho gestor do parque, diferentes secretarias municipais presentes no território	Alta	N/A

Legenda



Desejos de Futuro

10.4. Quadro de ações e de monitoramento

SOLO (SO)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
S01	Técnica	Realizar levantamento diagnóstico de todas as áreas do parque apresentando solo exposto, compactado, com problemas de drenagem ou erosão.	Alta	Curto	
S03	Técnica	Executar o plantio de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas em áreas de topo de morro e áreas com inclinação significativa (aclives e declives), para garantir a estabilidade do solo nos taludes e encostas.	Alta	Curto	
RECURSOS HÍDRICOS (RH)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
RH1	Técnica	Realizar levantamento diagnóstico dos corpos d'água existentes no Parque, identificando sua natureza e status de conservação, para fins de definição do manejo mais adequado.	Alta	Médio	
RH2	Participativa	Mapear a existência de empoçamentos de água que possam estabelecer criadouros para animais sinantrópicos, evitando assim a proliferação de mosquitos transmissores de doenças como a dengue, por exemplo.	Alta	Curto	
RH3	Participativa	Promover, quando necessário, a infiltração e fitorremediação das águas utilizando técnicas de Soluções Baseadas na Natureza (SBN) como biovaletas, canteiros pluviais, jardins de chuva, bacias de retenção etc.	Alta	Recorrente	
RH4	Técnica	Delimitar e sinalizar com placas indicativas as nascentes porventura localizadas em área interna do Parque.	Alta	Curto	
RH5	Técnica	Os corpos hídricos, incluso subterrâneos, deverão ser monitorados com relação à qualidade de suas águas, seja para aproveitamento, seja para indicação de medidas mitigatórias visando sua recuperação.	Alta	Recorrente	
RH6	Técnica	Realizar plantio de enriquecimento com espécies nativas em áreas de nascente e cursos d'água para contenção das margens, redução dos riscos de erosão, deslizamento e assoreamento, visando a conservação dos recursos hídricos.	Alta	Recorrente	
RH7	Participativa	Realizar plantio de restauração da mata ciliar nos trechos lineares do parque.	Alta	Curto	
RH8	Técnica	Realizar o monitoramento ativo dos diversos tipos de impacto incidentes sobre os corpos hídricos e promover o planejamento de medidas mitigadoras e preventivas para assegurar a proteção e o uso sustentável dos recursos naturais do parque.	Alta	Recorrente	
RH10	Participativa	Limpar e desobstruir os corpos hídricos nos locais onde houver despejo irregular de lixo, entulho, restos de construção ou outros resíduos.	Alta	Recorrente	

RH11	Técnica	Instalar placas informativas sobre a fauna aquática, proibição de depósito de lixo e pesca predatória, assim como estreitar fiscalização onde tais práticas sejam rotineiras.	Alta	Curto	
RH12	Técnica	Instalar placas informativas sobre a qualidade da água, proibição de ingestão e banho, assim como estreitar fiscalização onde tais práticas sejam rotineiras.	Média	Curto	
VEGETAÇÃO (VE)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
ÁREAS DE PRESERVAÇÃO					
VE1	Técnica	Realizar o mapeamento e categorização das Áreas de Preservação permanente (ou outras tipologias de áreas protegidas) existentes na área interna do parque, que deverão ser manejadas em conformidade com a legislação vigente.	Alta	Médio	
VE2	Técnica	Realizar o mapeamento de áreas degradadas, especificando ações de manejo para a recuperação – natural ou induzida – dos ambientes naturais que tiveram suas características originais alteradas.	Alta	Curto	
VE3	Técnica	Mapear a existência de áreas úmidas, ciliares, rupestres, campestres, ecotonais ou outras tipologias de vegetação singulares, assim como de vegetação tombada, que devem receber atenção especial quanto à conservação e manejo diferencial.	Alta	Curto	
VE4	Técnica	Realizar o levantamento de espécies significativas, raras, endêmicas ou ameaçadas, e sua área de ocorrência no parque, que deverá ser monitorada visando a mitigação de impactos e restringindo, caso necessário, o livre acesso de pessoas a esses locais.	Alta	Recorrente	
VE5	Técnica	Realizar o monitoramento ativo dos diversos tipos de impacto (ex. espécies invasoras, vandalismo, desmatamento, coleta ilegal, incêndios, poluentes, etc.) incidentes sobre a vegetação e promover o planejamento de medidas mitigadoras e preventivas para assegurar a proteção e o uso sustentável da biodiversidade e dos recursos naturais do parque.	Alta	Recorrente	
VE6	Técnica	Articular a equipe de vigilância do parque e a Guarda Civil Metropolitana – GCM – visando a prevenção e coibição de atividades ilegais que a equipe de vigilância sozinha não tenha condições de resolver (por não ser sua atribuição ou por não dispor das condições para tal), a exemplo de crimes ambientais, como desmatamento, despejo de poluentes e resíduos, construção irregular etc.	Alta	Recorrente	
FRAGMENTOS FLORESTAIS					
VE7	Técnica	Realizar levantamento florístico, que deverá ser periodicamente atualizado, sob orientação da equipe técnica do Herbário Municipal.	Média	Recorrente	

VE9	Técnica	Realizar plantio direto e/ou estímulo à regeneração natural para promover a recuperação da vegetação nativa do bioma original, multiplicando-se as espécies já existentes e introduzindo-se aquelas não mais ocorrentes na área, visando a ampliação da biodiversidade.	Alta	Recorrente	
VE10	Técnica	Priorizar o plantio de espécies da flora em risco de extinção, minimizando a erosão genética das populações e disponibilizando germoplasma para ações futuras de recuperação de hábitat e reintrodução de espécies nos ecossistemas adjacentes.	Alta	Recorrente	
ÁREAS AJARDINADAS					
VE30	Participativa	Avaliar a possibilidade de criação de canteiro para cultivo de “plantas de poder”, espécies vegetais utilizadas em rituais religiosos; sua localização e espécies a serem utilizadas devem ser discutidos em conjunto com a comunidade do entorno.	Alta	Curto	
ÁRVORES					
VE31	Participativa	Manter todas as árvores do Parque, zelando pela sua integridade, saúde e pleno desenvolvimento.	Alta	Recorrente	
NOVOS PLANTIOS					
VE53	Técnica	Realizar o plantio de trepadeiras nativas para encobrimento e sombreamento da área do pergolado, proporcionando conforto térmico aos visitantes além de recursos alimentares para a fauna silvestre. Espécies sugeridas: flor-de-são-miguel (<i>Petrea volubilis</i>), primavera (<i>Bougainvillea spectabilis</i>), cipó-tapiá (<i>Cratylia spectabilis</i>), escova-de-macaco (<i>Combretum fruticosum</i>) e cipó-de-são-jão (<i>Pyrostegia venusta</i>).	Alta	Recorrente	
ESPÉCIES EXÓTICAS E INVASORAS					
VE58	Técnica	Realizar levantamento diagnóstico das espécies exóticas e/ou invasoras presentes no parque, avaliando seu status populacional, localização e o impacto sobre o meio ambiente, fauna e flora nativas, com o objetivo de desenvolver metodologias de manejo, controle e erradicação destas espécies.	Alta	Recorrente	
FAUNA (FA)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
FAUNA SILVESTRE					
FA5	Participativa	Realizar estudo de viabilidade, junto ao técnicos da Divisão de Fauna Silvestre (DFS), para inclusão de bebedouro para a fauna silvestre, em localização e configuração que evite conflitos com a população e animais domésticos.	Alta	Recorrente	

PREVENÇÃO E MITIGAÇÃO DE IMPACTOS					
FA31	Técnica	Articular e sensibilizar a população residente no entorno do parque sobre a importância da fauna silvestre e seus mecanismos de proteção previstos em lei, visando minimizar impactos de origem antrópica. Aves e pequenos mamíferos, assim como os não tão carismáticos insetos, aracnídeos, anfíbios e répteis, todos possuem sua importância nas cadeias tróficas, interações ecológicas e equilíbrio funcional dos ecossistemas. É preciso estabelecer metas para que a população possa conviver de forma segura e harmônica com a fauna urbana.	Alta	Recorrente	
PREVENÇÃO DE ACIDENTES					
FA32	Técnica	Treinar os funcionários e prestadores de serviço para o manejo de conflitos e prevenção de acidentes que possam envolver a fauna silvestre, sinantrópica ou doméstica existente no parque.	Alta	Médio	
FA33	Participativa	Instalar placas informativas (permanentes ou não), sobre as espécies da fauna existentes no parque, especialmente aquelas que possam estabelecer conflitos com pessoas e animais domésticos, assim como seus locais preferenciais de ocorrência, visando a prevenção de acidentes.	Média	Médio	
FA35	Técnica	Disponibilizar equipamentos de proteção individual e demais ferramentas necessárias para a segura captura dos animais, assim como abrigos onde os mesmos poderão aguardar, e gaiolas ou caixas de transporte para encaminhamento.	Alta	Recorrente	
ACESSOS E CERCAMENTOS (AC)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
PORTÕES E PORTARIA					
AC2	Técnica	Verificar a possibilidade de ampliação de horário do parque até às 20hs.	Alta	Curto	
AC3	Técnica	Retirar elementos de fechamento e gradeamento sobrepostos ao gradil do Portão 2 , tendo em vista que permanecerá fechado para acesso geral.	Alta	Curto	
GRADIL					
AC5	Gestão/operação	Regularizar a instalação do gradil nos limites do parque, especialmente no entorno da área de mata, evitando invasões, descarte de lixo, risco de incêndios, utilização da mata para consumo de drogas e outras atividades ilícitas.	Alta	Curto	
AC7	Participativa	Finalizar o cercamento geral do parque.	Alta	Curto	

AC8	Técnica	Estudar nova relação do parque com a área de mata e entrada da trilha a fim de substituir o murinho de bambu existente, que impede o acesso, contato e visualização da área de mata mais densa, mantendo as necessidades de segurança do público. Sugestão de possibilidade de deque e passarelas de acesso e visualização.	Alta	Médio	
AC9	Participativa	Realizar a manutenção periódica do Murinho de bambu existente.	Alta	Recorrente	
CAMINHOS (CA)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
PASSEIOS					
CA6	Técnica	Revisar periodicamente as pistas de caminhada e/ou corrida onde haja processos erosivos, que devem ser contidos.	Alta	Recorrente	
DEQUES					
CA12	Participativa	Realizar a manutenção periódica do deque.	Alta	Recorrente	
TRILHAS					
CA8	Participativa	Realizar estudo de viabilidade da abertura de caminhos/trilhas na área florestal (Mata Atlântica), mesmo que limitadas à utilização guiada, permitindo maior imersão dos visitantes na natureza além de melhor visualização do córrego e nascente.	Alta	Médio	
CA11	Técnica	Demarcar, estabelecer condições de uso público e sinalizar percurso de trilha na área de mata.	Alta	Médio	
CA12	Técnica	Incluir a Trilha em atividades vinculadas ao Programa de Visitação Pública, Programação Permanente e Educação Ambiental do parque, com visitas orientadas e atividades de Educação Ambiental.	Alta	Médio	
EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO (EM)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
ESPORTE E GINÁSTICA					
EM	Gestão/operação	Instalar tela de proteção ou outra estrutura no perímetro da mata que impeça que as bolas de futebol/volei, de crianças que brincam ali, adentrem o fragmento florestal.	Média	Médio	
EM	Participativa	Realizar estudo para a implantação de novas mesas de jogos.	Média	Médio	
EM	Participativa	Incluir no programa de Visitação Pública, Programação Permanente e Educação Ambiental ações que incluam jogos contemplados nas mesas, como xadrez.	Média	Curto	
EM	Técnica	Instalar placa de indicação da faixa etária para uso dos equipamentos de ginástica no projeto de Comunicação Visual do parque.	Alta	Curto	

EM	Participativa	Realizar a manutenção periódica dos equipamentos de ginástica	Alta	Recorrente
EM	Técnica	Incluir a quadrinha de terra como equipamento do parque, adequando às necessidades da área que se encontra junto a Área de Proteção Ambiental (APP) vinculada às nascentes do parque.	Alta	Curto
EM	Participativa	Estudar a adequação da Quadrinha de Terra para uso esportivo	Média	Médio
EM	Participativa	Inclusão de quadra poliesportiva em projetos de ampliação futura do parque.	Alta	Curto
EM	Participativa	Inclusão de quadra de areia em projetos de ampliação.	Alta	Curto
EM	Participativa	Inclusão de pista de skate em projetos de ampliação.	Alta	Curto
INFANTIL E LÚDICO				
EM	Participativa	Realizar a manutenção periódica dos brinquedos do Parque Infantil.	Alta	Recorrente
EM	Participativa	Adequação e novos brinquedos para o Parque Infantil.	Alta	Curto
EM	Participativa	Estudar a implantação de um gira-gira.	Média	Médio
EM	Participativa	Estudar a inclusão de brinquedos naturalizados.	Alta	Médio
EM	Participativa	Realizar projeto para a criação de HUB de Inovação para brinquedos naturalizados em áreas públicas.	Média	Médio
EM	Participativa	Realizar a reposição de areia do tanque de areia.	Alta	Curto
EM	Participativa	Implementação de equipamentos lúdico de água	Urgente	Curto
EM	Participativa	Realizar a manutenção periódica da Casinha de Bambu.	Alta	Recorrente
CULTURA E MULTIUSO				
EM	Participativa	Realizar estudo para a implantação de área coberta e fechada para uso como biblioteca ou espaço de leitura.	Urgente	Curto
EM	Participativa	Parceria com SMC para implantação de Bosque de Leitura.	Alta	Curto
EM	Participativa	Garantir presença de placa em homenagem ao Lourival Clemente da Silva na entrada do parque, em posição de destaque.	Alta	Curto

ESTAR E DESCANSO					
EM	Participativa	Estudar a implantação de mesas de piquenique no parque.	Média	Médio	
EM	Participativa	Adequação e novos equipamentos de repouso e estar.	Alta	Curto	
EM	Participativa	Estudar a implantação de Redário.	Alta	Curto	
EM	Participativa	Criar um setor de alimentação, com mobiliário adequado para consumo de lanches ou refeições	Alta	Médio	
ESPAÇO PARA ANIMAIS DOMÉSTICOS					
EM	Participativa	Realizar estudo para implementação de Cachorródromo dividido por diferentes tamanhos.	Média	Médio	
EDIFICAÇÕES (ED)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
ED1	Técnica	Adequar a vegetação própria do pergolado com trepadeiras que permitam a função de sombreamento pré-estabelecida para esta estrutura.	Urgente	Curto	
ED2	Participativa	Estudar a ampliação do parque para área de canteiro de obras (SEHAB).	Média	Médio	
ED3	Participativa	Estudo para instalação de elementos de sombra como guarda-sóis.	Alta	Médio	
ED4	Participativa	Realizar estudo para implementação de novo banheiro na parte superior do parque.	Alta	Médio	
ILUMINAÇÃO E REDE ELÉTRICA (IL)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
IL1	Técnica	Solicitar, junto à concessionária responsável, a avaliação da rede de energia elétrica (existente na área interna e entorno do parque) visando a aplicação de medidas preventivas e mitigatórias para minimizar a ocorrência de acidentes elétricos envolvendo animais silvestres.	Alta	Recorrente	
IL3	Participativa	Estudar sistemas de energia ecoeficientes e que promovam economia de energia para o parque.	Alta	Recorrente	
ÁGUA E SANEAMENTO (AS)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
AS1	Técnica	Elaborar programa para a gestão dos recursos hídricos, assim como de plano de ação visando o consumo consciente pelos frequentadores do parque.	Alta	Curto	
AS2	Técnica	Ampliar a racionalização do uso de água: captação e aproveitamento de água da chuva e/ou de equipamentos de refrigeração e bebedouros para abastecer reservatórios que poderão ser utilizados para rega, limpeza de pátios e quadras esportivas, ou mesmo no sistema de descarga dos sanitários.	Alta	Médio	

AS6	Técnica	Instalar dissipadores para minimizar impacto da água no solo e o risco de erosão nos locais onde há tubulação para escoamento de água pluvial, da área de piso/cobertura para áreas permeáveis/verdes, como por exemplo junto ao mirante da portaria 2.	Alta	Médio	
AS7	Técnica	Estudar modelo de bocal do bebedouro que mantenha o controle do fluxo de água e evite furtos.	Alta	Médio	
AS8	Técnica	Estudar a possibilidade de implantação de Lavatório de Pés para as atividades na areia e terra.	Alta	Curto	
RESÍDUOS (RE)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
RE2	Técnica	Elaborar Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos, conforme legislação pertinente, a ser apresentado e aprovado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente.	Alta	Recorrente	
RE4	Técnica	Segregar os resíduos em três porções: secos, orgânicos e rejeitos, sendo recomendável que os secos sejam subdivididos em categorias.	Alta	Recorrente	
RE13	Técnica	Implantar, se necessário, novas lixeiras nos locais com maior concentração de usuários e manter as lixeiras do Parque disponíveis para receberem novos resíduos, impedindo o acesso de animais silvestres, domésticos e sinantrópicos a estes dispositivos.	Alta	Recorrente	
RE15	Técnica	Os resíduos retirados das lixeiras devem ser acondicionados em caçambas fechadas, de preferência sobre estrado (para que não fiquem diretamente em contato com o solo), até sua destinação final, e esse ambiente deve passar por limpeza e inspeção periódicas.	Alta	Recorrente	
RE16	Técnica	Evitar deixar entulho como caixas, tambores, buracos ou vãos em paredes ocas, pneus velhos, armários, sofás e outros tipos de móveis ou qualquer material que possa servir de abrigo para animais sinantrópicos.	Alta	Recorrente	
RE19	Técnica	Padronizar as lixeiras de acordo como padrão SVMA.	Alta	Curto	
GESTÃO (GE)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
GE5	Técnica	Promover o Planejamento Participativo, envolvendo a comunidade para além do Conselho Gestor.	Alta	Recorrente	
GE7	Técnica	Fazer avaliação de capacidade de uso do parque, definindo público máximo por dia para que não haja degradação ambiental.	Alta	Recorrente	
GE8	Técnica	Realizar capacitação técnica da equipe de gestão do parque sobre preservação ambiental	Alta	Médio	
GE9	Participativa	Elaborar estratégia (diretriz) para dar continuidade às atividades e projetos envolvendo atores da comunidade quando há mudança de gestor do parque.	Alta	Curto	


GE10	Gestão/ operação	Garantir condições de trabalho adequadas à todas as equipes, inclusive o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), uniformes e ferramentas eventualmente necessários ao correto desempenho de suas atividades.	Alta	Recorrente	
GE11	Gestão/ operação	Garantir instalações e/ou local adequado para guarda de materiais, insumos e ferramentas utilizados pelas equipes operacionais.	Alta	Curto	
GE12	Gestão/ operação	Garantir infraestrutura de copa, banheiros, vestiários, armários de uso pessoal e demais instalações que se fizerem necessárias pelas equipes operacionais.	Alta	Curto	
CONSELHO GESTOR					
GE15	Participativa	Divulgar ativamente no bairro as eleições para conselho gestor e os processos participativos para melhorar a representatividade social.	Alta	Recorrente	
EQUIPE DE MANEJO E JARDINAGEM					
GE20	Técnica	Treinar equipe de jardinagem para manejo da composteira	Alta	Recorrente	
GE21	Técnica	Elaborar um Plano de Manejo específico para a área de Mata Atlântica, envolvendo a equipe do Parque e a comunidade do entorno.	Alta	Médio	
GE22	Técnica	Treinar os funcionários, principalmente jardineiros, sobre o Plano de Manejo da área de Mata Atlântica do Parque.	Alta	Recorrente	
EQUIPE DE VIGILÂNCIA					
GE28	Gestão/ operação	Realizar rondas de hora em hora (com 12 pontos de checagem/bastão), além de ronda na área de mata (com acompanhamento do jardineiro) 1x por semana, ou quando haja alguma ocorrência.	Alta	Recorrente	
COMUNICAÇÃO VISUAL (CV)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
CV3	Técnica	Elaborar plano de comunicação visual para que todos os frequentadores conheçam a unidade, sua importância para a sociedade e para a biodiversidade, mas também para indicar informações antes, durante e após a visita que melhorem a experiência durante a estadia no parque.	Alta	Médio	
CV4	Técnica	Criar um plano de comunicação que atenda eixos específicos, como quem busca pelo avistamento de fauna, contemplação de paisagens ou esportes de aventura, mas também temas amplos que interessam a todos, como educação ambiental, história e cultura local e serviços ambientais oferecidos pelo parque, como controle de enchentes, fornecimento de água potável, entre outros.	Alta	Médio	
CV5	Participativa	Avaliar a possibilidade de instalar placas de identificação de espécies vegetais, especialmente aquelas nativas, de grande valor cultural e/ou paisagístico, além de placas informativas sobre o bioma regional, corpos hídricos,	Alta	Médio	

		paisagens significativas e fauna silvestre presentes no parque.			
CV8	Técnica	Elaborar cartilhas educativas a respeito das instalações e equipamentos do Parque, assim como dos principais ecossistemas, recursos hídricos, elementos paisagísticos, fauna e flora existentes, e os regramentos voltados à sua conservação.	Alta	Curto	
CV9	Técnica	Extrapolar as iniciativas de comunicação para além dos espaços físicos do parque, utilizando-se endereços eletrônicos, redes sociais e comércio do entorno, por exemplo, de forma a alcançar não somente quem já frequenta o local, mas engajando todos os demais que ainda não tiveram a oportunidade de fazer uma visita.	Alta	Curto	
CV10	Técnica	Atualizar o projeto de Comunicação Visual do parque, em padrão único da SVMA, e readequar sinalização desgastada com o tempo.	Alta	Curto	
CV11	Participativa	Implementar mapas do parque nos acessos sinalização para comunicação visual.	Alta	Curto	
USO PÚBLICO (UP)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
VISITAÇÃO					
UP1	Técnica	Permitir e incentivar as atividades desenvolvidas ao ar livre, como passeios, caminhadas, contemplação, fotografias, pinturas, piqueniques, desde que não incorram em perturbação/impacto ao solo, fauna, flora e ambiente natural do parque.	Alta	Recorrente	
PROGRAMAÇÃO E PARCERIAS					
UP2	Gestão/operação	Proporcionar atividades para crianças, idosos e adolescentes.	Alta	Recorrente	
UP3	Gestão/operação	Proporcionar cursos profissionalizantes para comunidade do entorno.	Alta	Curto	
UP4	Técnica	Criar atividades para envolver as crianças e famílias que frequentam o parque aos finais de semana.	Alta	Recorrente	
UP5	Participativa	Criar programação para o parque, com atividades diversas para todos os públicos	Alta	Recorrente	
UP7	Participativa	Estabelecer parceria com outras secretarias municipais.	Alta	Recorrente	
UP8	Participativa	Elaborar um calendário de Programação Permanente de Atividades.	Alta	Recorrente	

EDUCAÇÃO AMBIENTAL				
UP12	Técnica	Elaborar programa de Educação Ambiental para parque baseado no Plano Municipal de Educação Ambiental (PMEA), que seja pautado sob a ótica da diversidade, utilizando-se linguagem inclusiva e iconografia didática, atendendo as demandas dos mais diversos grupos sociais, para que sua experiência no parque seja a melhor e mais igualitária possível.	Alta	Curto
UP13	Técnica	Promover atividades de sensibilização frente às necessidades prioritárias de conservação e preservação da fauna, flora e meio ambiente, incentivando a participação efetiva dos diversos atores da sociedade.	Alta	Recorrente
UP14	Técnica	Sediar e promover palestras, oficinas, eventos e cursos de temática ambiental para os usuários do Parque, com temas como jardinagem, paisagismo, produção de mudas, compostagem, reconhecimento de espécies da fauna e flora, entre outros.	Alta	Recorrente
UP15	Técnica	Sediar e promover atividades relacionadas à biodiversidade, como mutirões de plantio e manutenção das áreas verdes, feiras de troca de mudas e sementes, práticas em agroecologia e permacultura, dentre outros.	Alta	Recorrente
UP16	Técnica	Estruturar uma rede de trilhas e roteiros, guiados ou não, na área interna do parque que facilitem a observação de aves e outros elementos da fauna, observação de espécies significativas, de formações vegetais singulares, conjuntos de importância paisagística e/ou histórica, dentre outros atrativos naturais existentes.	Alta	Curto
UP18	Técnica	Implantar, caso possível, jardins temáticos (sensorial, rochoso, orquidário, representativo dos biomas, mandala de flores/ervas medicinais/PANCs), oferecendo aos usuários mais opções de lazer, desfrute da natureza e educação ambiental.	Médio	Médio
UP19	Participativa	Implantar, caso possível, estruturas como meliponário, borboletário, horta comunitária, viveiro de mudas, centro de compostagem e coleta seletiva, dentre outros locais onde os visitantes possam ter participação ativa, interativa e imersiva, estreitando assim sua relação com o parque e meio ambiente.	Médio	Médio
UP20	Técnica	Avaliar a possibilidade de implantar jardim temático na área ensolarada através do plantio de espécies campestres da flora nativa do município, visando reconstituir essa fisionomia ecologicamente tão significativa na cidade (Campos de Piratininga) e descrita no Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA) como relictos do bioma Cerrado (ilhas dispersas no bioma Mata Atlântica).	Médio	Médio
UP21	Técnica	Elaborar oficinas para resgate da história do parque, valorizando seus principais agentes	Alta	Médio

UP22	Técnica	Realizar atividades educativas com o minhocário e com a composteira previstas no programa de Visitação Pública, Programação Permanente e Educação Ambiental do parque.	Médio	Médio	
UP23	Participativa	Realizar projeto de educação ambiental e descarte de resíduos sólidos com os comerciantes e com o público do parque, para que haja o descarte e encaminhamento correto dos resíduos (composteira, ecopontos, etc)	Médio	Médio	
ENTORNO (EN)					
Código	Origem	Diretrizes	Prioridade	Prazo	S/N
CONNECTIVIDADE					
EN2	Técnica	Solicitar a arborização viária nas ruas do entorno, com a inclusão de espécies arbóreas nativas (melíferas, floríferas e frutíferas), de maior porte possível, de acordo com Manual Técnico de Arborização Urbana da SVMA, promovendo sua capacidade de funcionar como corredores/trampolins ecológicos e maximizando os serviços ecossistêmicos prestados.	Média	N/A	
INTEGRAÇÃO					
EN6	Técnica	Solicitar estudo para a criação de projeto de praça integradora e nova centralidade entre o parque, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Unidade Básica de Saúde (UBS), com elevação de via pública, eliminação de estacionamentos e retirada de grades, onde já ocorre amplo uso público.	Alta	N/A	
EN7	Técnica	Solicitar estudo para a possibilidade de incorporação de área vizinha ao parque em que hoje está localizado canteiro de obras, junto à Avenida Hebe Camargo, ou estratégias de integração do parque com futuro equipamento público.	Alta	N/A	
EN8	Participativa	Promover, junto aos órgãos competentes, um projeto de geração de renda local com a criação de estruturas de alimentação nas áreas externas ao parque. O processo deverá envolver a comunidade e outras instâncias como Sebrae e subprefeitura.	Alta	N/A	
EN9	Participativa	Solicitar adequações nos acessos do parque para facilitar a entrada de serviços emergenciais como ambulância e bombeiros.	Alta	N/A	

Legenda

 Desejos de Futuro



10.5. Planos, programas e projetos

O Sistema de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (SAPAVEL) de 2022, instituído pelo Plano Diretor Estratégico (PDE), é composto por diversos parques urbanos e lineares, além de outras áreas, sejam elas edificadas ou não, públicas ou privadas. Seus objetivos são:

- I. Proteger a biodiversidade;
- II. Conservar áreas que prestam serviços ambientais;
- III. Proteger e recuperar remanescentes de Mata Atlântica;
- IV. Qualificar áreas verdes públicas;
- V. Incentivar a conservação de áreas verdes de propriedade particular;
- VI. Conservar e recuperar corredores ecológicos em escalas municipal e metropolitana;
- VII. Cumprir as disposições do Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Entre as diretrizes do SAPAVEL, além do incentivo às parcerias entre os setores público e privado, destacam-se a ampliação da oferta de áreas verdes públicas, a recuperação de áreas degradadas e a conservação e proteção de solos permeáveis, da cobertura vegetal e das áreas de preservação permanente.

Nesse sentido, ressalta-se que os planos e programas municipais se configuram sob esse guarda-chuva afim de proporcionar uma visão de longo prazo para a gestão ambiental da cidade. Esses, a partir de ações coordenadas, facilitam a coordenação entre diferentes setores da administração municipal garantindo que as ações ambientais sejam integradas e complementares.

Os planos ambientais e setoriais do município de São Paulo são instrumentos de planejamento que orientam a política pública e a gestão ambiental da cidade. Estes planos são elaborados com base em diretrizes legais, como o PDE e outras normativas municipais, estaduais e federais. Eles servem como guias para a implementação de ações, programas e projetos voltados à sustentabilidade e ao desenvolvimento urbano equilibrado.

Buscou-se elencar os planos que possuem relação direta ou indireta com os parques urbanos, pois estão voltados à conservação de recursos naturais (proteção de áreas verdes e da biodiversidade urbana); à mitigação de impactos ambientais, no controle da poluição do ar, água e solo e gestão de resíduos; à adaptação às mudanças climáticas, aliando ações de resiliência urbana para enfrentar efeitos das mudanças do clima e soluções baseadas na natureza; e ao engajamento e participação social, dado que alguns parques possuem o potencial de promover o ecoturismo local, a educação ambiental e a participação comunitárias em diferentes práticas e projetos sustentáveis.



Tabela 12 - Planos e programas ambientais e setoriais pertinentes

Planos
Plano Municipal de Drenagem e Manejo de Águas Pluviais
Cadernos de priorização de obras de drenagem das Subprefeituras
Planos Regionais das Subprefeituras – PRS
Plano Municipal de Habitação – PMH
Plano de Melhoramentos Municipais Viários e Ciclovíarios
Plano de Desenvolvimento Urbano Integrado da RMSP - PDUI-RMSP
Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário – PMDRSS
Plano Municipal de Saneamento Básico
Plano Municipal de Ordenamento e Proteção da Paisagem
Plano Municipal de Educação/ Currículo da Cidade, destinado ao Ensino Fundamental, a partir da Base Nacional Comum Curricular e Plano Municipal de Educação (Lei 16.271/2015);
Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (PGRIS)
Plano de Mobilidade Urbana do Município de São Paulo 2015 - PlanMob SP 2015 (Decreto 56.834/2016);
Plano Municipal de Políticas para Mulheres
Plano Municipal de Segurança Alimentar
Plano Municipal da Primeira Infância
Planos de Ecoturismo: Geral e Cantareira
Plano Estadual de Recursos Hídricos
Programas
Programa de Educação Ambiental e Comunicação Social em Resíduos Sólidos do Município de São Paulo 2014/2033 (Decreto 55.747/2014)
Programa Escolas Sustentáveis 2019-2020
Programa Nascentes do Estado de São Paulo (Decreto Estadual 60.521/2014)
Programa Pomar Urbano
Projeto Hortas e Viveiros Urbanos, do Programa Operação Trabalho (Lei 13.689/2003)

Fonte: ONU-Habitat



Tabela 13 - Planos ambientais transversais SVMA/PMSP

Plano de Ação Climática - PlanClima
Plano Municipal de Arborização Urbana - PMAU
Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres - Planpavel
Plano de Conservação e Recuperação de Áreas Prestadoras de Serviços Ambientais – PMSA
Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica (PMMA)

Fonte: ONU-Habitat

Estes planos constituem as políticas públicas mais relevantes para os parques da cidade e procuram que o desenvolvimento da cidade ocorra de maneira sustentável e integrada. Destes planos se desprendem programas que têm, como finalidade, a implementação das políticas públicas. Alguns destes programas são implementados nos parques da cidade. Estes são:

Programa de Lixo Zero em Parques Municipais

Este programa orienta e cria soluções para que os resíduos sólidos sejam reaproveitados e reutilizados corretamente com base na Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/2010) e de maneira integrada ao PGRIS Programa de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, Programa de Educação Ambiental e Comunicação Social em Resíduos Sólidos (PEACS) e o Programa Agenda Ambiental na Administração Pública (A3P). De maneira complementar, o Programa segue o Projeto de Comunicação Visual da SVMA.

Programa Sampa Saúde em Movimento

Este programa leva, profissionais da educação física e nutricionista aos parques de São Paulo para que tracem planos de exercícios e de reeducação alimentar. Esses profissionais são capacitados para atendimento e orientação necessária para alertar sobre o sedentarismo e promover as atividades físicas.

Programa Vamos Trilhar

Este programa da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEME) e da SVMA, desde 2024, estimula a visita aos parques naturais municipais de São Paulo com transporte gratuito e entregando um kit com camiseta, água e lanche.

Projeto Pedal Sampa¹²

Este projeto proporciona atividades e ações voltadas ao esporte educacional, visando a inclusão social das crianças, jovens e pessoas idosas, destinadas a promover o uso da bicicleta como meio de transporte sustentável, saudável e acessível na cidade. O programa visa incentivar a mobilidade urbana por bicicletas, reduzindo o uso de veículos motorizados, melhorando a qualidade de vida das pessoas e contribuindo para um ambiente urbano mais sustentável.



Através da expansão da infraestrutura cicloviária, atividades pedagógicas e de apoio aos ciclistas, o programa busca criar uma cidade mais conectada e ambientalmente responsável. É um programa que poderia funcionar em parceria com o Programa Vamos Trilhar em parques urbanos municipais.

Programa Operação Trabalho (POT)

Este programa tem como objetivo de conceder atenção especial às pessoas trabalhadoras desempregadas, residentes no município de São Paulo, pertencentes a famílias de baixa renda, visando estimulá-las à busca de ocupação, bem como à sua reinserção no mercado de trabalho.

O Programa hoje abrange diversas frente de trabalho incluindo o “POT Parques” com atividades voltadas à manutenção e preservação de parques municipais e oferecendo também um curso de educação ambiental e jardinagem para os trabalhadores do parque.

Programa Viver – Envelhecimento Ativo e Saudável

Este programa promove a qualidade de vida, a autonomia e o bem-estar das pessoas idosas. Ele visa estimular a participação social, a prática de atividades físicas, o aprendizado contínuo e a sociabilidade entre pessoas idosas - contribuindo para um envelhecimento ativo e saudável.

Este programa, nos parques urbanos municipais, poderia estar vinculado a entidades vinculadas ao Sistema Único de Saúde (UBS, CECCO) e contemplar terapias comunitárias integrativas, horticultura e outras atividades relevantes, a partir do preconizado no Programa São Paulo Amigo do Idoso (programa do Governo do Estado) e Estratégia Brasil Amiga da Pessoa Idosa (Governo Federal).

Programa Fogo Zero

A parceria entre a SVMA e a Secretaria Municipal de Segurança Urbana (SMSU) tem o objetivo de agilizar o atendimento e o combate ao fogo em áreas de proteção ambiental e parques, além de proteger toda a diversidade de fauna e flora. A implementação de um programa abrangente para proteção, fiscalização e combate a incêndios em parques urbanos serve à preservação do meio ambiente e à segurança dos visitantes. Esse programa combina esforços de prevenção, infraestrutura adequada, monitoramento constante, resposta rápida e recuperação eficaz para minimizar os impactos dos incêndios e promover a sustentabilidade dos parques urbanos.



10.6. Parcerias

A gestão do parque pode promover parcerias com diferentes entidades, públicas e privadas, para implementar este Plano de Gestão.

As parcerias privadas devem ser formalizadas conforme a Portaria nº 29/SVMA/2021, que estabelece procedimentos administrativos internos para protocolo de parcerias junto à SVMA. Elas podem ser com o setor privado ou com entidades sem fins lucrativos e devem atender os seguintes critérios:

- Parcerias com empresas: atendem o estabelecido na Lei Municipal nº 14.223/2006: "Cidade Limpa", que dispõe sobre a ordenação dos elementos que compõem a paisagem urbana do Município de São Paulo; podem ser firmados termos de cooperação de 36 meses que regulam a exposição da marca.
- Parcerias com o terceiro setor: seguem o estabelecido na Lei Municipal nº 13.019/2014, que institui normas gerais para as parcerias entre a administração pública e organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação.

As parcerias com órgãos públicos são estabelecidas por meio de convênio. A gestão do parque pode propor este tipo de parcerias à Direção da DGPU, para que seja analisada de forma centralizada na SVMA.

11. Sistema de monitoramento e avaliação

O Plano de Gestão conta com um sistema de monitoramento e avaliação com dois objetivos: a) gerar informação com indicadores gerais para todos os parques da cidade que permitem ler e avaliar os principais aspectos do parque e b) assegurar a efetividade na implementação do próprio plano.

A gestão do parque é responsável pela coleta das informações e alimentação do sistema de monitoramento. Esta informação é apresentada uma vez ao ano durante a última sessão ordinária anual do conselho gestor do parque (ou do CADES regional, caso não esteja constituído o conselho gestor), com a finalidade de prestar contas à sociedade. Para este fim, a gestão deve preparar uma apresentação com todas as informações deste sistema de monitoramento e avaliação, as gerais e as específicas do Plano de Gestão. Nesta sessão, é feito um balanço da gestão e elaborada uma proposta de próximos passos para uma implementação eficiente e efetiva do Plano de Gestão.



Em paralelo à prestação de contas ao conselho gestor, a gestão do parque deve apresentar as informações coletadas, periodicamente, à coordenação regional e à direção da Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU) da SVMA, conforme o calendário e os procedimentos estabelecidos internamente.

O processo de monitoramento e avaliação tem o princípio pedagógico para a comunidade do parque, bem como auxiliar os processos de tomadas de decisão, as ações estruturadas, as solicitações por recursos ou obras e todas as demais medidas do conselho gestor e da gestão do parque.

11.1. Monitoramento geral dos principais aspectos do parque

Dentre os principais aspectos do parque que necessitam de indicadores de monitoramento e avaliação, observaram-se cinco eixos temáticos, que buscam abarcar as principais características socioambientais, físicas e de gestão que um parque deve oferecer para a sociedade. São eles os eixos Social, Biodiversidade, Mudanças Climáticas, Estrutura do Parque e Governança.

A gestão do parque deve monitorar e divulgar os resultados periódicos básicos, apoiados nesses eixos, a fim de demonstrar a efetividade do parque como espaço público específico, ou de apontar a necessidade de ajustes de conduta, de políticas, de contratos e de atividades.

Alguns dos indicadores adotados devem ser produzidos sazonalmente pela gestão do parque. Outros são produzidos pelos sistemas de indicadores já instituídos na SVMA. São eles a publicação anual Indicadores de Parques Urbanos, produzido pela parceria entre a gestão municipal e a Fundação Aron Birmann e a publicação anual Biosampa. Esta última tem como base a *Convention on Biological Diversity* (CBD, em português Convenção Sobre Diversidade Biológica), tratado cujo Brasil é signatário e a SVMA utiliza suas definições para monitoramento e avaliação da biodiversidade e serviços ecossistêmicos do território municipal.

Destaca-se que a boa organização do processo de coleta de dados é essencial para garantir a qualidade e a precisão das informações obtidas. Para isso, é fundamental o treinamento das pessoas coletadoras e a utilização de questionários (quando for o caso) com questões fechadas e objetivas. Idealmente, a aplicação deve ser realizada de forma online, o que torna o processo mais ágil e acessível, além de facilitar a sistematização e o armazenamento dos dados coletados.

I. Indicador social

O indicador do eixo social é composto pelos dados coletados dentro dos limites do parque, necessários para a avaliação da efetividade do espaço público quanto a se tornar um destino



atrativo à população. Ou seja, um dos princípios fundamentais de um parque inserido no tecido urbano é ser frequentado, visitado e usado pela população como um todo, em todos os horários, em atividades estruturadas ou livres.

Se faz fundamental saber, também, qual a diversidade da população que frequenta o parque e quais os horários. Assim, a finalidade principal será de entender, ao longo do tempo, o estado da visitação e o quanto os espaços do parque estão democratizados.

As partes envolvidas na coleta de informação e alimentação deste indicador são: a gestão do parque, as pessoas funcionárias de vigilância e manutenção do parque, as divisões relevantes da SVMA.

A coleta de dados sobre a população que circula no parque deverá ser feita a partir de uma contagem, fornecendo as seguintes informações:

- Se o parque está sendo frequentado;
- Quais os grupos sociais que frequentam (por idade, gênero, cor, deficiência);
- Quais os horários que frequentam.

A coleta dos dados deve ser realizada pela gestão do parque, em **quatro épocas do ano**, fora de período de férias e fora de finais de semana, em dia ensolarado, da seguinte forma:

Tabela 14 - Distribuição anual dos períodos de coleta

Coleta	Mês	Dia	Horário
1	janeiro	Dia útil	Entre 6h e 18h
2	janeiro	Dia útil	Das 10h às 11h e das 17h às 18h
3	abril	Dia útil	Entre 6h e 18h
4	abril	Dia útil	Das 10h às 11h e das 17h às 18h
5	julho	Dia útil	Entre 6h e 18h
6	julho	Dia útil	Das 10h às 11h e das 17h às 18h
7	outubro	Dia útil	Entre 6h e 18h
8	outubro	Dia útil	Das 10h às 11h e das 17h às 18h

Fonte: ONU-Habitat

Coletas 1, 3, 5, e 7: uma pessoa funcionária deve se posicionar em cada acesso do parque, com contador estatístico, registrando a entrada de todos as pessoas visitantes no período de coleta.

Coletas 2, 4, 6 e 8: uma pessoa funcionária deve circular pelo parque com a ficha de pesquisa e entrevistar um número de pessoas definidos a partir de critérios de amostragem, a serem definidos pela DGPU.



Os dados dos contadores devem ser registrados em relatório específico no mesmo dia da contagem. Os dados das fichas de pesquisa devem ser dispostos em relatório específico, produzidos em até 24 horas após o dia da coleta. As fichas de pesquisa devem ser arquivadas na administração do parque, devem ser digitalizadas e compor o relatório como anexo. A periodicidade de publicação deste indicador é anual.

As respostas das fichas de pesquisa devem ser tabuladas, resumidas e registradas em planilha disponibilizada pela gestão do parque à DGPU da SVMA.

Pontuação: se mede a variação entre um ano e o seguinte, sendo o ano 0 a linha de base com a coleta realizada nas quatro épocas do primeiro ano; o ano 1 corresponde à coleta nas quatro épocas do ano seguinte. O cálculo final do indicador social anual é feito pela média aritmética da pontuação alcançada pelas 11 variáveis.

Tabela 15 - Distribuição dos valores coletados em campo, normalizados pela variação e pela pontuação atribuída

Variável:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	TOTAL média aritmética entre as 11 variáveis
Ano	Visitação diária total (média entre coletas 1, 3, 5, 7)	Visitação por grupo										TOTAL média aritmética entre as 11 variáveis
		Crianças 0 a 14 anos			Jovens 15 a 24 anos			Idosos 60+			PCD	
		total	Gênero feminino		total	Gênero feminino		total	Gênero feminino			
		ma- nhã	noi- te		man- hã	noite		ma- nhã	noi- te			
Ano 0 – linha base												
Ano 1												
Variação (1 - 0) / 1 %												
Pontuação												
Ano 2												
Variação (2 - 1) / 2 %												
Pontuação												

Fonte: ONU-Habitat



Tabela 16- Pontuação dos dados coletados pela variação anual

Varição anual	pontuação
< 0	-1
0	0
0 – 5%	1
5% – 10%	2
> 10%	4

Fonte: ONU-Habitat

- Resultados da análise e avaliação dos dados processados

A análise de dados deve descrever as variações entre as variáveis individualmente e do valor final da pontuação do indicador. Pode produzir gráficos, exibir imagens de campo, descrever situações esporádicas no parque que justifiquem eventuais variações abruptas, entre outras informações que demonstrem detalhes importantes para constatar algum argumento ou hipótese da análise.

- Recomendações à gestão do parque e à gestão central e aprendizagem obtida a partir do processo e dos resultados

O indicador, suas variáveis e sua comparação com anos anteriores podem indicar a necessidade de melhorias físicas no parque, podem indicar o sucesso de atividades esporádicas, condições que, na visão da gestão, possam melhorar o desempenho deste indicador. Podem descrever, também, as condições da coleta, dificuldades e experiências das equipes de campo e sugestões de alterações metodológicas.

Este sistema de monitoramento deverá ser substituído no futuro por um sistema baseado num plano amostral.

II. Indicador de biodiversidade

O parque deve ser um ambiente que oferece abrigo à fauna e que apresenta flora nativa diversa e sadia. A gestão deve solicitar à Divisão de Patrimônio Ambiental (DPA) da SVMA, um mês antes da sessão de prestação de contas do conselho gestor do parque, os indicadores de biodiversidade do Biosampa correspondentes ao parque. As informações de biodiversidade devem ser incluídas na apresentação realizada na sessão.

III. Indicador de mudanças climáticas e serviços ecossistêmicos

O parque deve ser um importante instrumento para adaptação e mitigação climática. A gestão deve solicitar à Divisão de Patrimônio Ambiental (DPA) da SVMA, um mês antes da sessão de prestação de contas do conselho gestor do parque, os indicadores do Biosampa referentes à área refrescante, estoque de carbono, percentagem (%) de área permeável,



correspondentes ao parque. As informações coletadas devem ser incluídas na apresentação realizada na sessão.

IV. Indicador de gestão da estrutura do parque

O parque deve oferecer conforto e serviços básicos às pessoas usuárias. Uma vez publicado o relatório anual do Indicador de Parques de São Paulo, elaborado pela Fundação Aaron Birmann em parceria com a SVMA, a gestão do parque deve coletar a informação e incluir elas na apresentação para a sessão anual de prestação de contas do conselho gestor do parque.

V. Governança

O parque deve contar com uma gestão participativa e transparente. A gestão deve solicitar à Divisão de Patrimônio Ambiental (DPA) da SVMA, um mês antes da sessão de prestação de contas do conselho gestor do parque, os indicadores do Biosampa referentes aos indicadores de governança, correspondentes ao parque. As informações coletadas devem ser incluídas na apresentação realizada na sessão.

11.2. Monitoramento da implementação das ações do Plano de Gestão

Para alcançar seus objetivos, o Plano de Gestão contém o Plano de Ação, apresentado no item 10, que representa o resultado propositivo de todo seu processo de elaboração, diverso e participativo. A implementação do Plano de Gestão implica a transformação das diretrizes em ações efetivas.

O Quadro de Diretrizes, apresentado no item 10.3, agrupa diretrizes que são orientativas e expressam considerações importantes na gestão do parque. Este grupo de diretrizes não é mensurável e não se inclui no quadro de monitoramento.

O Quadro de Ações e Monitoramento, apresentado no item 10.4, é composto pelas ações concretas e mensuráveis. Assim, de maneira a se transformar em ferramenta ágil de consulta, execução e conferência, essas ações contidas neste segundo quadro estão dispostas em forma de *checklist*, sobre o qual a gestão poderá apontar com facilidade as ações já executadas e o conselho gestor, a SVMA e quem mais de interesse, possa rapidamente se apropriar como está a evolução destes pontos na gestão deste parque.

Assim, o Quadro de Ações e Monitoramento poderá ser usado pela gestão do parque como ferramenta de monitoramento do avanço na implementação do Plano de Gestão, de forma a prestar contas periodicamente ao Conselho Gestor e à Divisão de Gestão de Parques Urbanos (DGPU) da SVMA.



12. Referências Bibliográficas

ALEGRE Escorza, M., RODRÍGUEZ Garabot, E., Alata Ninapaytan, M. P., Nogales Fernández-Blanco, L., Quispe Mogrojevo, S., Velarde Herz, F., & De La Cruz Chaupiz, L. Guia de intervenções em espaços públicos: Ferramentas municipais para a criação de espaços públicos de qualidade na América Latina. CAF, 2022.

ALISSON, Elton. Desmate de fragmento de Mata Atlântica eleva temperatura local. 2020. Disponível em < <https://agencia.fapesp.br/desmate-de-fragmento-da-mata-atlantica-eleva-temperatura-local/32388>>. Acesso em 06de Setembro de 2024.

ARAGÃO, J. A. C. Governança e Administração Pública: Um Estudo de Caso no Contexto do Serviço Público Brasileiro. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 1. ed. São Paulo: Vozes, 1980.

CITES. Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora. Appendix II. Geneva, 2022. Disponível em: <https://www.cites.org/eng/app/appendices.php>. Acesso em: dez. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. University of Chicago Legal Forum, p. 139-167, 1989.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GEOSAMPA. Mapa Digital da Cidade de São Paulo. Disponível em: <https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: fev. 2024.

GEOSAMPA. Metadados. Disponível em: <https://metadados.geosampa.prefeitura.sp.gov.br/geonetwork/srv/por/catalog.search#/metadados/fa7525ad-a831-4167-b096-7f5550f18b0f>. Acesso em: ago. 2024.

Habitasampa. Portal da Secretaria de Habitação de São Paulo. Disponível em: <http://www.habitasampa.inf.br/>. Acesso em: ago. 2024.

ISA, Instituto Socioambiental. Parques urbanos municipais de São Paulo: subsídios para gestão. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2008. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org>. Acesso em: ago. 2024.

KLIASS, Rosa G. Parques urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade. São Paulo: PINI, 1993.

LIMA, Fernanda L. Parques para pessoas: ideias e estratégias adotadas na fundação e na gestão dos parques urbanos municipais de São Paulo. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. 2021.

LOSS, S., WILL, T. & MARRA, P. The impact of free-ranging domestic cats on wildlife of the United States. Nat Commun 4, 1396, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/ncomms2380>. Acesso em: out. 2022.



LOWE, S., BROWNE, M. & BOUDJELAS, S. 100 of the World's Worst Invasive Alien Species: a Selection from The Global Invasive Species Database. Invasive Species Specialist Group, International Union for Conservation of Nature, 2000.

MEA. Avaliação do Ecossistema do Milênio. Ecossistemas e bem-estar humano: síntese. Washington, D.C.: Island Press, 2005.

ONU (2007). Online Forum. Disponível em: <http://un.org>. Acesso em: ago. 2024.

ONU (2020). IOM: Full Glossary of Terms to describe sexual orientation, gender identity, gender expression and sex characteristics. United Nations Network on Migration, 2020. Disponível em: <https://www.iom.int/sites/g/files/tmzbd1486/files/documents/IOM-SOGIESC-Glossary-of-Terms.pdf>. Acesso em: ago. 2024.

ONU (2022). Virtual Workshop on the Promotion of Intergenerational Equity for Sustainable Development. Disponível em: <https://publicadministration.un.org/en/news-and-events/calendar/ModuleID/1146/ItemID/3120/mctl/EventDetails>. Acesso em: ago. 2024.

ONU (2024). Global Public Space Programme (sítio do programa), 2024. Disponível em: <https://unhabitat.org/programme/global-public-space-programme>. Acesso em: ago. 2024.

ONU-Habitat (2022). Cidade Dela. ONU-Habitat (publicação digital), 2022. Disponível em: <https://hercity.unhabitat.org/>. Acesso em: ago. 2024.

PACHECO, R. T. B.; RAIMUNDO, S. Parques urbanos e o campo dos estudos do lazer: Propostas para uma agenda de pesquisa. Belo Horizonte: Revista Brasileira de Estudos do Lazer., V. 1, N. 3, 2014.

PBMC – Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas. Mudanças Climáticas e Cidades. Relatório Especial. RIBEIRO, S.K.; SANTOS, A. S. (Eds.). Rio de Janeiro: COPPE-UFRJ, 2016.

PDE (2014/2023). Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014. Atualizada pela Lei nº 17.968, de 20 de junho de 2023.

PLANCLIMA SP. Plano de Ação Climática do Município de São Paulo 2020-2050. Instituído pelo Decreto nº 60.290 de 4 de junho de 2021.

PLANPAVEL. Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres. Aprovado pela Resolução Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo - SVMA/CADES Nº 228 de 18 de maio de 2022. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/meio_ambiente/w/projetos_e_programas/284679. Acesso em: ago. 2024.

PMMA. Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica do Município de São Paulo. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/PMMA_final_8_jan%20ok.pdf. Acesso em: jan. 2024.

PMSP, 2016. Planos Regionais das Subprefeituras: Campo Limpo. Cadernos das subprefeituras. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/planos-regionais/arquivos/>. Acesso em: fev. 2024.



PMSP, 2021. Plano Diretor de Drenagem e Cadernos de Drenagem. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/obras/obras_de_drenagem/index.php?p=230496. Acesso em fev. 2024.

PMSP, 2024. Conselho Regional de Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Cultura de Paz - CADES REGIONAIS. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente. Prefeitura da Cidade de São Paulo. Disponível em: <http://prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SANTOS, Milton. O espaço público. São Paulo: Nobel, 1996.

SÃO PAULO (Município). Lei Municipal nº 10.365 de 22 de setembro de 1987. Disciplina o corte e a poda de vegetação de porte arbóreo existente no município de São Paulo, e dá outras providências.

SÃO PAULO (Município). Índice BIOSAMPA 2021: 23 indicadores da biodiversidade paulistana, serviços ecossistêmicos e governança relacionada / Coordenação: DOS SANTOS, Rodrigo Martins; SOUSA, Mariana Mendes de. São Paulo: SVMA, 2022.

SÃO PAULO (Município). Inventário da Fauna Silvestre do Município de São Paulo. 2022.

Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/meio_ambiente/Diversos/Inventario%20da%20Fauna%20Silvestre%20do%20Municipio%20de%20SP%20-%202022.xlsx.

Acesso em: 20 jan. 2024.

SÃO PAULO (Município). Lei Municipal nº 16.402. Disciplina o parcelamento, o uso e a ocupação no Município de São Paulo - LPUOS. Atualizada pela Lei nº 18.081 de 19 de janeiro de 2024.

SÃO PAULO (Município). Plano Municipal de Conservação e Recuperação de Áreas Prestadoras de Serviços Ambientais / Coordenação: SANTOS, Rodrigo Martins dos. São Paulo: SVMA, 2020.

SÃO PAULO (Município). Prefeitura Municipal de São Paulo, Herbário Municipal. Relatório de Caracterização da Vegetação do Futuro Parque Água Podre. São Paulo, dezembro de 2012.

SÃO PAULO (ESTADO). Decreto Estadual nº 63.853, de 27 de novembro de 2018. Declara as espécies da fauna silvestre no Estado de São Paulo regionalmente extintas, as ameaçadas de extinção, as quase ameaçadas e as com dados insuficientes para avaliação, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo: seção 1: Poder Executivo, São Paulo, v. 128, n. 221, p. 01-11, 29 nov. 2018.

SILVA, L. J. M. Parques urbanos: a natureza na cidade: uma análise da percepção dos atores urbanos. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Sustentado. Brasília: UNB Centro de Desenvolvimento Sustentado, 2003.

SOULÉ, Michael. Conservation Biology ans The "Real World". In: SOULÉ, Michael (Edited by). Conservation Biology: The Science of Scarcity and Diversity. Michigan, 1986



Webparques. Portal da Secretaria de Verde e Meio Ambiente de São Paulo. Disponível em: <https://webparques.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: ago. 2024.

WORLD BANK Group. Inclusive Cities Program, 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/topic/inclusive-cities#1>. Acesso em: ago. 2024.



Anexo I: Processo participativo do Plano de Gestão

1. Introdução

O presente anexo integra o **Plano de Gestão do Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva** e visa apresentar o processo de participação social promovido em abril de 2024, através das *Oficinas participativas do Plano de Gestão do Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva*, com o envolvimento da sociedade civil e diversos setores relacionados ao parque. Além de ter como objetivo estabelecer o registro e o memorial das atividades realizadas, este documento trata da metodologia e ferramentas aplicadas, bem como apresenta os resultados das oficinas.

Foram realizadas duas oficinas no Parque Paraisópolis - Lourival Clemente da Silva, uma voltada ao público geral e outra desenvolvida com a equipe escolar e as crianças do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) São José. Ambas aconteceram em formato presencial e contaram com 21 e 40 participantes, respectivamente, além da equipe de facilitação e apoio do ONU-Habitat. A atividade realizada com as crianças ocorreu no dia 10 de abril de 2024, das 08:00 às 10:30 e a com o público geral em dia 21 de abril de 2024, das 14:00 às 17:00, ambas no próprio Parque Paraisópolis (Rua Silveira Sampaio, 720, Fazenda Morumbi).

As atividades aconteceram no âmbito da iniciativa “Viva o Verde SP” para o desenvolvimento dos Planos de Gestão de oito parques do município de São Paulo: Água Podre – Ypuera, Alto da Boa Vista, Aristocrata, Augusta, Córrego do Bispo, Fazenda da Juta, Jardim Apurá – Búfalos e Paraisópolis. Ao todo, foram conduzidas 12 oficinas, das quais oito foram destinadas ao público em geral e quatro direcionadas especificamente para crianças e adolescentes. No total, as oficinas reuniram 253 pessoas participantes, sendo 107 crianças e adolescentes e 146 adultas representando o público geral (mulheres transgênero, mulheres cisgênero, homens transgênero, homens cisgênero, pessoas não binárias, pessoas indígenas, brancas, pretas, pardas e/ou amarelas). Foram coletadas 540 contribuições referentes aos problemas, causas, soluções e desejos de futuro para cada parque.

As oficinas voltadas ao público em geral dos oito parques aconteceram aos finais de semana (sábado ou domingo), nos períodos da manhã ou tarde. As datas, período e local para realização das atividades foram definidos em reuniões com os diversos conselhos relacionados a cada parque contemplado pela iniciativa. A maior parte dos conselhos consultados sugeriu que as oficinas ocorressem em outros locais que não o parque, mas nas suas intermediações em algum equipamento público ou comunitário. Isso ocorreu previsivelmente nos parques em implantação, dado que os espaços não possuíam, ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, uma infraestrutura que recebesse as pessoas participantes. Também sucedeu em alguns parques implantados pelos seguintes argumentos: 1. Os parques são recém implantados e ainda não tão conhecidos ou frequentados pelas pessoas do território; 2. Os parques implantados não possuem fácil



acesso de transporte público ou não possuem um espaço percebido pelos participantes do Conselho como adequado para realização das dinâmicas pretendidas.

Para a definição das datas, horário e local das oficinas direcionadas às crianças e adolescentes foram consultadas instituições de ensino e assistência social que já realizam atividades nos parques ou possuem algum vínculo com os territórios. A articulação com os equipamentos ocorreu com o apoio das gestoras e gestores dos parques, além da Secretaria Municipal de Educação (SME) e pessoas funcionárias dos Centros para Crianças e Adolescentes. As atividades aconteceram em conformidade com a grade curricular, no horário de aula.

Desse modo, a metodologia foi desenvolvida considerando as diversas situações que foram observadas e manifestadas pelas partes envolvidas, tal como será apresentado no item a seguir.

As fotos apresentadas neste documento foram tiradas pela equipe do Viva o Verde SP, salvo exceções, nas quais será indicada a pessoa que fotografou. As tabelas e gráficos foram elaborados com base nos resultados as ferramentas e questionários aplicados ao longo das atividades.

2. Metodologia

A metodologia foi elaborada de acordo com a situação do parque (implantado ou em implantação) e perfil do público-alvo (geral ou crianças e adolescentes). Dessa forma, foram estruturados quatro tipos de oficinas, as quais poderiam acontecer nos parques ou em algum equipamento próximo:

- Oficina no Parque I: voltada ao público em geral;
- Oficina no Parque II: voltada a crianças ou adolescentes;
- Oficina no Bairro: voltada ao público em geral; e
- Oficina na Escola: voltada a crianças ou adolescentes

Figura 29 - Tipos das oficinas



Fonte: ONU-Habitat

Cada oficina contou com duas partes: um momento introdutório (M1) com a apresentação do projeto e dos objetivos da oficina, seguido por um segundo momento (M2) onde foram realizados o levantamento inicial dos temas do parque, uma roda de sensibilização com perspectiva de gênero, o reconhecimento do parque e problematização do espaço público e por fim, o levantamento de problemas, causas, soluções e desejos de futuro para o parque.

As oficinas destinadas ao público em geral foram previstas com três horas de duração e as oficinas direcionadas às crianças ou adolescentes foram previstas, em média, com duas horas e meia de duração.

No Parque Paraisópolis o formato adotado para a oficina direcionada ao público em geral foi a "Oficina no Parque I", enquanto para a oficina voltada para crianças foi a tipologia "Oficina no Parque II".

O tópico a seguir apresentará as ferramentas aplicadas associadas a uma leitura dos resultados obtidos em cada oficina. Serão apresentados primeiro as ferramentas e resultados referentes à oficina desenvolvida com o público em geral e na sequência, serão apresentadas as oficinas realizadas com as crianças do CCA São José.



3. Ferramentas aplicadas e resultados¹⁴ – oficina público geral

As ferramentas serão apresentadas na ordem em que foram aplicadas na oficina.

3.1 Perfil das pessoas participantes

3.1.1 Formulário de inscrição

Junto aos convites para as oficinas foi disponibilizado um formulário de inscrição para preenchimento online, com o objetivo de estimar a quantidade de pessoas interessadas em participar da atividade, assim como seu vínculo e proximidade com os parques e a frequência com que os visitam. Através do formulário foi possível coletar o nome da pessoa participante; a organização (ou conselho) a qual pertence, se pertinente; qual oficina teria o interesse em participar e com qual frequência visita o parque em questão.

O formulário de inscrição do Parque Paraisópolis obteve 12 pessoas inscritas, cuja maioria frequenta o parque eventualmente e apenas uma das pessoas inscritas (8,33%) faz parte do Conselho Gestor.

Tabela 17 - Frequência de visitação das pessoas inscritas

Uma ou duas vezes por semana	8,33%
Três ou quatro vezes por semana	16,67%
Cinco ou mais vezes por semana	16,67%
Eventualmente	33,33%
Raramente	25,00%

3.1.2 Lista de presença

A lista de presença foi disponibilizada no dia da atividade e foi solicitada a assinatura de cada pessoa participante, indicando sua instituição e cargo, quando aplicável.

Foram registradas 21 pessoas, sendo a maioria visitantes e moradoras. O segundo grupo majoritário foram pessoas representantes de Organizações da Sociedade Civil (OSC).

Tabela 18 - Presença dos diferentes grupos de pessoas participantes registradas na lista de presença (em porcentagem)

Visitante/Morador(a)	57,14%
Conselho gestor	4,76%
OSC	33,33%
Sem responder	4,76%

¹⁴ As ferramentas foram desenvolvidas com inspiração nas seguintes referências: [Handbook for Gender-Inclusive Urban Planning and Design \(World Bank Group\)](#); [Guía de reconocimiento urbano con perspectiva de género \(Col·lectiu Punt 6\)](#); [Caderno de Oficinas Cidade Mulher \(ONU-Habitat\)](#); Metodologia Árvore dos Sonhos (Instituto Socioambiental).

3.1.3 Questionário de perfilação

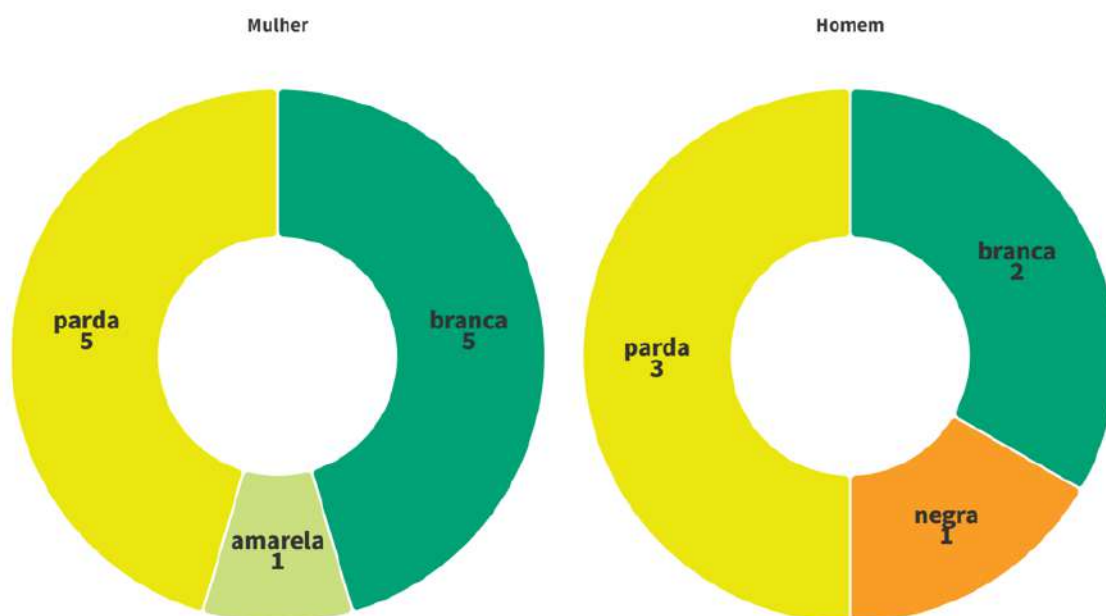
Instrumento distribuído na recepção das pessoas participantes, para preenchimento anônimo, contendo um questionário de perfilação com o objetivo de identificar os grupos representados pelos dados coletados na oficina, sobretudo relacionado a questões de gênero, etnia, raça e sexualidade.

Foram obtidas 17 respostas do questionário, sendo 11 mulheres, cinco homens, um homem cisgênero e quatro pessoas não responderam o formulário.

A maioria se identificou como pessoa parda, demora 15 minutos para chegar até o parque, utilizando a caminhada como meio de transporte.

Figura 30 – Perfil das pessoas participantes que responderam o formulário (gênero e perfil étnico-racial)

Perfil Pessoas Participantes



Fonte: ONU-Habitat



Figura 31 - Parte das pessoas participantes da oficina e equipe facilitadora



Fonte: Desconhecido / ONU-Habitat

3.2 Nuvem de palavras

A atividade foi realizada no primeiro momento (M1) da oficina, após a apresentação de introdução ao projeto, com o objetivo de identificar os temas geradores e questões relevantes que as pessoas identificam no parque.

Em formato de roda, cada pessoa se apresentou brevemente e respondeu, com uma ou poucas palavras, à pergunta: “Qual é a importância desse parque para você?”. As respostas foram escritas em um painel, o qual ficou disponível ao longo da oficina como registro e nuvem de palavras que poderiam ser retomadas ao longo das discussões abordadas na oficina.

Figura 32 - Nuvem de palavras formada com as respostas para a pergunta “Qual é a importância desse parque para você?”



Fonte: ONU-Habitat

3.3 Caminhada perceptiva

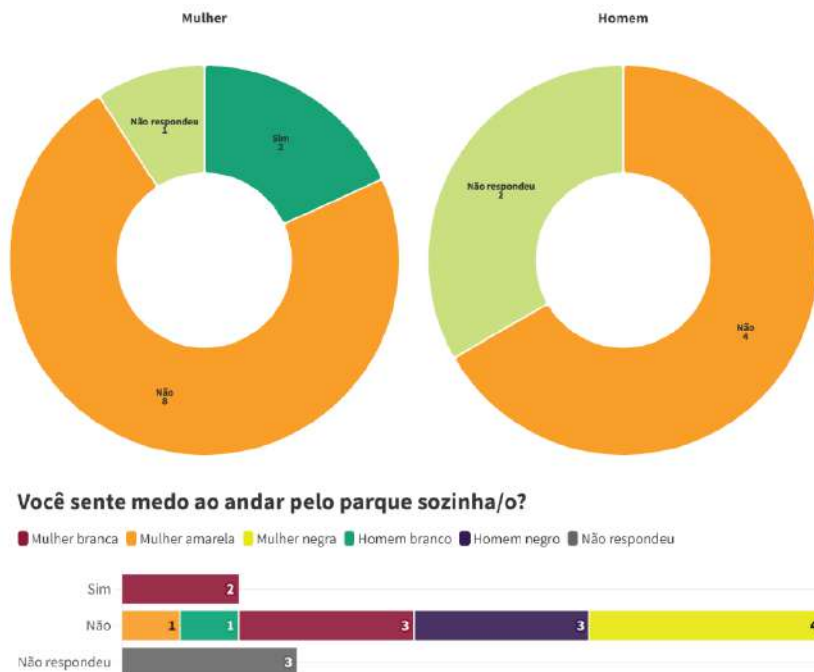
Após o momento inicial (M1), as pessoas foram convidadas a percorrer o parque com o objetivo de apontar as percepções do trajeto, levantando questões relativas à problematização do parque e do espaço público. As caminhadas buscaram coletar das pessoas participantes o seu conhecimento como frequentadoras dos espaços e os seus apontamentos sobre melhorias e usos consolidados do parque.

Sob essa perspectiva, a ferramenta visou a sensibilização de gênero, uma vez que contou com um roteiro de percepções que estimulou a observação acerca de situações específicas que poderiam acontecer no parque em diversas dimensões: mobilidade, segurança, acessibilidade, serviços, entre outras, possibilitando uma leitura transversal das necessidades de cada pessoa, com sobreposição à questão de gênero.

A duração prevista para realização da atividade foi de 30 minutos e a caminhada foi realizada sem percurso definido, guiada pelas pessoas participantes, acompanhadas pela equipe facilitadora. Cada participante recebeu uma prancheta com um mapa do parque em formato A4, além do roteiro, os quais poderiam ser consultados no decorrer da atividade, bem como preenchidos com as percepções e anotações livres.

Como resultado da atividade, foram cruzadas as respostas das perguntas do roteiro com as informações de gênero e étnico-raciais do questionário de perfilação de cada pessoa respondente. O resultado dessa ferramenta foi incorporado no capítulo referente aos programas e projetos do Plano de Gestão

Figura 33 - Respostas à pergunta: “Você sente medo ao andar pelo parque sozinha/o?”

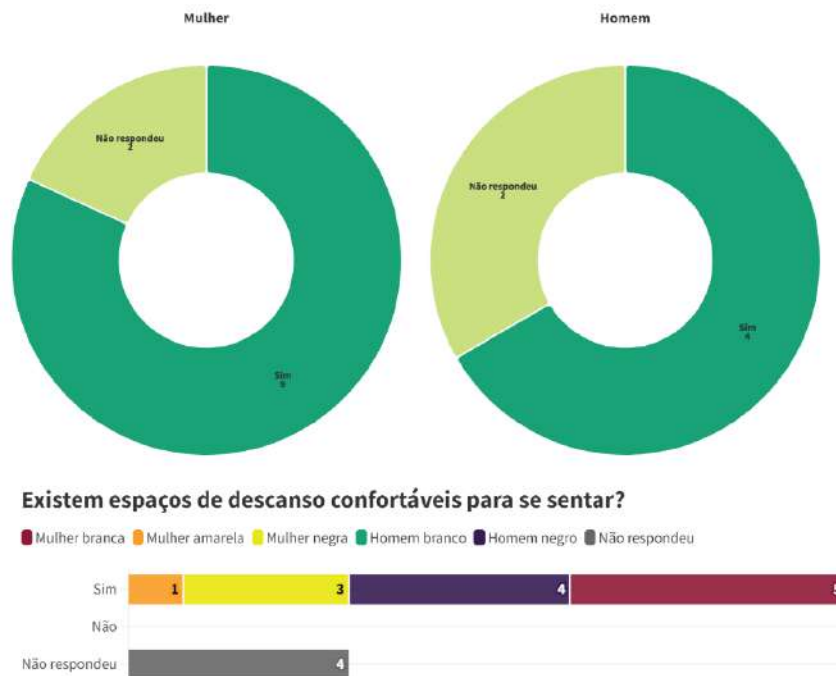


Fonte: ONU-Habitat

Nas respostas à pergunta “Você sente medo ao andar pelo parque sozinha/o?” pode-se observar que a maioria dos homens e das mulheres respondeu que não, enquanto 2 mulheres respondem que sentem medo, como mostra o gráfico da Figura 33.

Já nas respostas à pergunta “Existem espaços de descanso confortáveis para se sentar?” pode-se observar que a maioria dos homens e das mulheres respondeu “sim”, como mostra o gráfico da Figura 34.

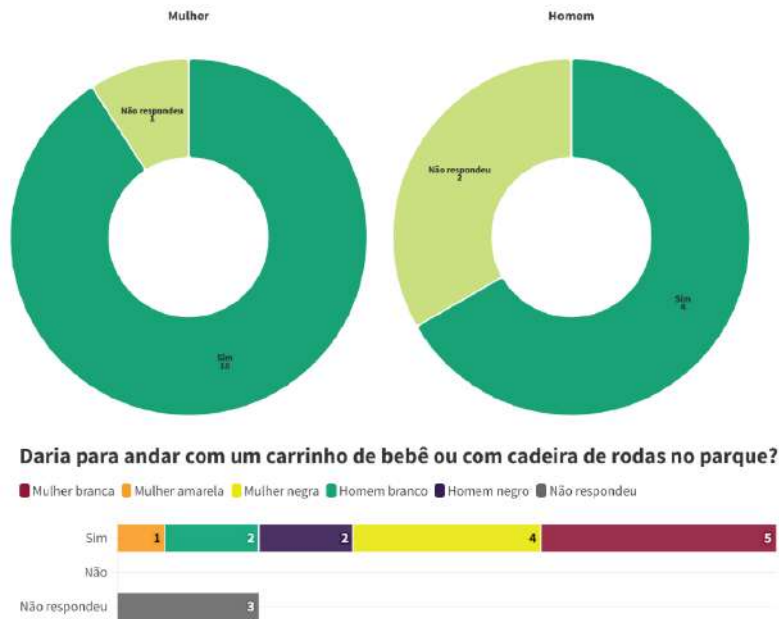
Figura 34 - Respostas à pergunta: “Existem espaços de descanso confortáveis para se sentar?”



Fonte: ONU-Habitat

Nas respostas à pergunta “Daria para andar com um carrinho de bebê ou cadeira de rodas no parque?” pode-se observar que a maioria dos homens e das mulheres respondeu “sim”, como mostra o gráfico da Figura 35.

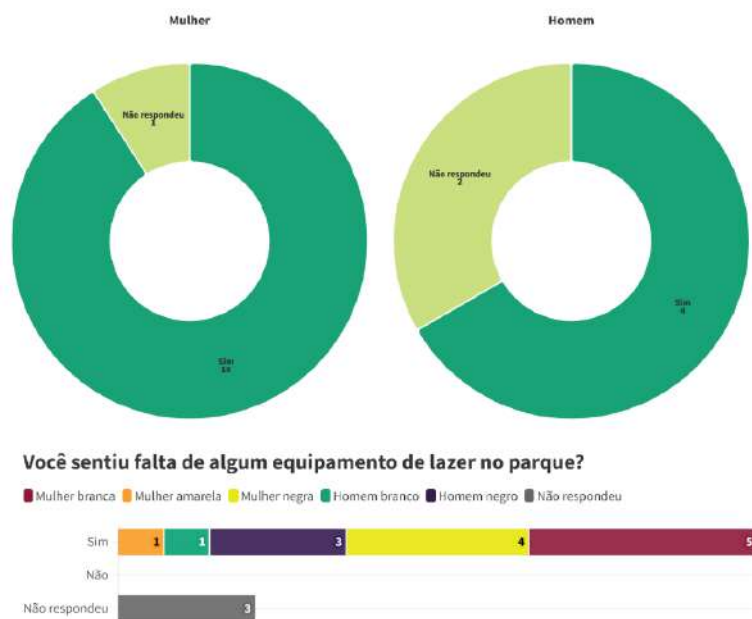
Figura 35 - Respostas à pergunta: “Daria para andar com um carrinho de bebê ou cadeira de rodas no parque?”



Fonte: ONU-Habitat

Nas respostas à pergunta “Você sentiu falta de algum equipamento de lazer no parque?” pode-se observar que a maioria dos homens e das mulheres respondeu “sim”, como mostra o gráfico da Figura 36.

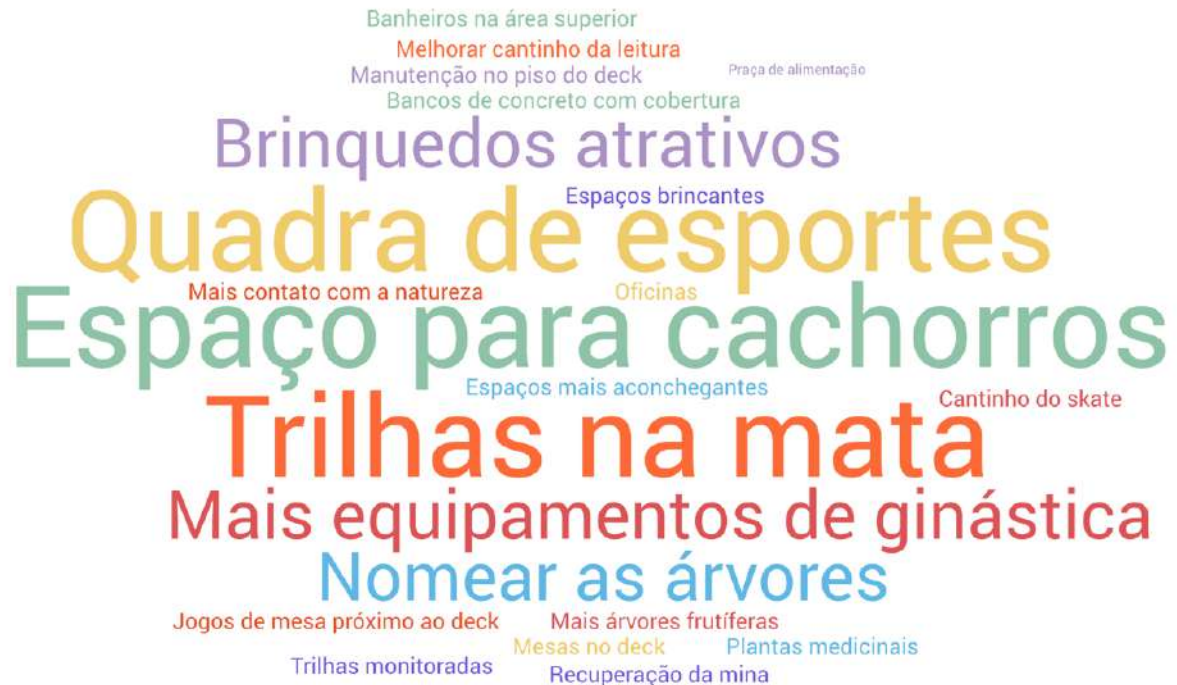
Figura 36 – Respostas à pergunta: “Você sentiu falta de algum equipamento de lazer no parque?”



Fonte: ONU-Habitat

Na questão “Quais equipamentos de lazer sentiu falta?” foram apontados aspectos relacionados a diversas estruturas do parque. As anotações registradas foram consolidadas na nuvem de palavras da Figura 37.

Figura 37 – Visualização das respostas à pergunta: “Quais equipamentos de lazer sentiu falta?”



Fonte: ONU-Habitat

Figura 38 – Registros da caminhada perceptiva



Fonte: Laura Figueiredo / ONU-Habitat

3.4 Mapeamento afetivo

Após a caminhada, no segundo momento da oficina (M2), foi sugerida a formação de grupos entre as pessoas participantes para discussão coletiva das percepções acerca do território, com base no mapa do parque em formato A3, no qual poderiam ser colados adesivos com

pictogramas em relação a elementos do parque percebidos com frequência (usos, pessoas, normas, segurança, patrimônio, natureza e desejos de futuro). Além de preparar para a próxima dinâmica, o propósito desta atividade foi fornecer informações para a proposta de setorização do parque. A duração prevista para realização da atividade foi de 20 minutos.

O resultado dessa ferramenta foi incorporado nos capítulos referentes ao plano de ação e setorização do Plano de Gestão.

Figura 39– Registro da atividade “Mapeamento Afetivo”



Fonte: Laura Figueiredo / ONU-Habitat

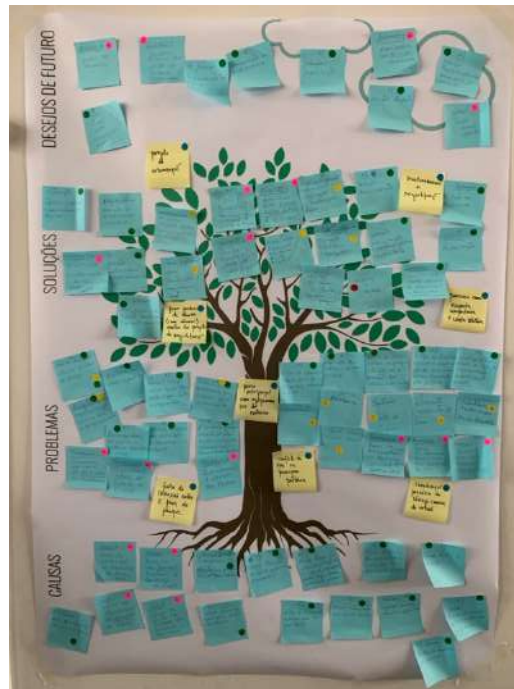
3.5 Árvore dos sonhos

O objetivo da última ferramenta aplicada na oficina foi o desenvolvimento da base para a elaboração do plano de ação e diretrizes para o Plano de Gestão. Com a mesma formação de grupos da atividade anterior, as pessoas participantes foram incentivadas a debater sobre os problemas do parque e a partir daí pensar em suas causas, nas possíveis soluções e desejos de futuro.

Cada contribuição foi colocada na Árvore dos Sonhos pela equipe facilitadora, por meio de notas adesivas, na localização correspondente – raiz para as causas, tronco para os problemas, folhas para as soluções e céu para os desejos de futuro. Para as questões que poderiam ser organizadas no território, foi identificada sua localização no mapa do parque. Para instigar os sonhos, foram apresentadas algumas imagens de referência nas mesas para contribuir na ampliação de repertório das pessoas participantes. A duração prevista para realização da atividade foi de uma hora e 30 minutos.

O resultado dessa ferramenta foi incorporado nos capítulos referentes ao plano de ação e diretrizes do Plano de Gestão.

Figura 40 – Imagem ilustrativa da ferramenta “Árvore dos sonhos”



Fonte: Jordi Sánchez / ONU-Habitat

Figura 41 – Registros da atividade “Árvore dos sonhos”



Fonte: Laura Figueiredo / ONU-Habitat

4. Ferramentas aplicadas e resultados¹⁵ – oficina com crianças

As ferramentas serão apresentadas na ordem em que foram aplicadas na oficina.

¹⁵ As ferramentas foram desenvolvidas com inspiração nas seguintes referências: [Guia de reconhecimento urbano con perspectiva de género \(Col·lectiu Punt 6\)](#); [Caderno de Oficinas Cidade Mulher \(ONU-Habitat\)](#); [Desenho de Espaços Públicos na Fronteira - Caderno Conexões Urbanas \(ONU-Habitat\)](#).

4.1 Perfil das pessoas participantes

Participaram da oficina, ao todo, 40 crianças do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) São José, sendo 23 meninas e 17 meninos com idades entre 6 e 9 anos. As crianças estavam acompanhadas da equipe escolar, a qual participou das atividades como apoio junto à equipe facilitadora.

Figura 42 – Crianças participantes da oficina e equipe facilitadora



Fonte: Guilherme Justino / ONU-Habitat

4.2 Roda de sensibilização

As crianças foram recebidas no parque pela equipe facilitadora para uma atividade de aproximação e "quebra-gelo", onde foi possível observar algumas percepções espontâneas das crianças com relação ao parque. Em formato de roda, foram feitas perguntas, estimulando a serem respondidas com base nos cinco sentidos, tais como "Qual é a primeira coisa que você vê quando entra no parque?", ou "Qual é a primeira coisa que você ouve quando entra no parque?", "O que leva de lanche para o parque?", dentre outras.

As respostas das crianças à atividade foram reunidas na nuvem de palavras da Figura 43.



Figura 43 – Nuvem de palavras da atividade "Roda de Sensibilização"



Fonte: ONU-Habitat

4.3 Caminhada perceptiva

Após o momento inicial (M1) com a roda de conversa sobre o projeto, as crianças foram convidadas a percorrer o parque com o objetivo de apontar as percepções do trajeto, levantando questões relativas à problematização do parque e do espaço público. As caminhadas buscaram coletar das crianças o seu conhecimento como frequentadoras dos espaços e os apontamentos sobre melhorias e usos consolidados do parque.

As crianças receberam pranchetas contendo um mapa do parque em formato A4 e um formulário para orientar sua avaliação com relação aos espaços do parque, incluindo temas como normas necessárias, usos que devem ou não ser permitidos, quais locais precisam de mais manutenção, dentre outros.

Figura 44 – Registros da atividade "Caminhada perceptiva"



Fonte: Guilherme Justino / ONU-Habitat

4.4 Nuvem de necessidades e chuva de ideias

Após a caminhada as crianças foram convidadas a discutir e escrever os problemas e desafios relacionados ao parque. Os problemas foram desenhados e escritos em um cartaz denominado "Nuvem de Necessidades". Depois, foi sugerida discussão de soluções para os problemas apontados no exercício anterior, as quais foram desenhadas e escritas em um cartaz nomeado como "Chuva de Ideias". Foram apresentadas algumas imagens de referência nas mesas para contribuir na ampliação de repertório das pessoas participantes. Cada grupo apresentou os cartazes para as pessoas presentes.

Figura 45 – Registros da atividade “Nuvem de necessidades e chuva de Ideias”



Fonte: Guilherme Justino / ONU-Habitat